VIVIAN DA CUNHA MENDES CALDEIRA

Uma Grécia "digna de contemplação": análise de *théas áxion* no livro III da *Periégesis* de Pausânias

Belo Horizonte
Faculdade de Letras / UFMG
2011

VIVIAN DA CUNHA MENDES CALDEIRA

Uma Grécia "digna de contemplação": análise de *théas áxion* no livro III da *Periégesis* de Pausânias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Área de concentração: Estudos Clássicos
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

Belo Horizonte

Faculdade de Letras / UFMG

2011

Para Élcio, que me ensinou muitas coisas,
e para Felipe, com quem continuo aprendendo.

AGRADECIMENTOS

À professora Tereza Virgínia por acreditar em minhas escolhas.

Ao professor Jacyntho Lins Brandão por compartilhar conhecimento e também livros.

Aos professores Teodoro Rennó Assunção, Olimar Flores Júnior e Antônio Orlando Dourado Lopes, pelas aulas e oportunidades de diálogo.

À professora Maria Helena da Rocha Pereira, por ter gentilmente doado à biblioteca da Faculdade de Letras sua edição do texto de Pausânias, pela Teubner, ferramenta indispensável; ao Juan Pablo Sánchez Hernández, estudioso de Pausânias, por compartilhar à distância seu trabalho e muitos outros textos.

À Cynthia Cristina de Morais Mota, pelo exemplo e incentivo que influenciaram minhas escolhas; à Junia Sales, sempre presente em meu percurso desde a graduação, por todos os ensinamentos.

À minha mãe, Maria Helena, minha irmã Vanessa, minha tia Vanda, à Cristina e Ronaldo por sempre estarem preocupados com meu trabalho; ao Juliano pela ajuda com o francês e com os livros difíceis de serem encontrados.

À Clara e Lira, por terem me ensinado sobre amizade.

À Flávia pelas conversas e textos compartilhados; à Manu por sempre acreditar.

Ao Felipe, sempre ao meu lado, paciente, escutando minhas preocupações, acreditando que tudo daria certo, mesmo quando eu mesma não acreditava; obrigada pelo carinho e apoio.

RESUMO

Esta dissertação pretende analisar a utilização do sintagma *théas áxion* – "digno de contemplação" –, por Pausânias no livro III da *Helládos Periégesis*. Após uma introdução geral à *Periégesis*, abordando as principais discussões em torno do texto, como a origem de Pausânias, a data de composição da obra, a estrutura da narrativa e o método de composição, apresentamos as passagens do livro III em que o autor utiliza o sintagma. Consideramos a expressão "digno de contemplação" localizada em dois *tópos* da cultura grega: a importância da visão e a temática da viagem. Dessa forma, introduzimos essas questões a fim de melhor compreender o que Pausânias considera *théas áxion*. Em seguida, procuramos refletir sobre o contexto em que a *Periégesis* está inserida, buscando expor as características que levam os comentadores a identificar na obra as tendências culturais e literárias predominantes no século II d. C. Por fim, apresentamos uma discussão acerca das características da narrativa que suscitam o questionamento do gênero da obra.

Palavras-chave: Pausânias; *théas áxion*; *Helládos Periégesis*; narrativa de viagem.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise analyser l'utilisation du syntagme *théas áxion* – "digne de contemplation" – par Pausanias dans le livre III de la *Helládos Periégesis.* Après une introduction générale à la *Periégesis* abordant les principales discussions autour du texte, comme l'origine de Pausanias, la date de composition de l'œuvre, la structure du récit et la méthode de composition, nous présentons les passages du livre III dans lesquels l'auteur utilise le syntagme. Nous considérons l'expression "digne de contemplation" circonscrite par deux *tópos* de la culture grecque: l'importance de la vision et la thématique du voyage. De ce fait, nous introduisons ces questions afin de mieux comprendre ce que Pausanias considérât *théas áxion.* Ensuite, nous cherchons réfléchir sur le contexte dans lequel la *Periégesis* est insérée, dans le dessein d'exposer les caractéristiques qui amènent ses commentateurs à identifier dans cette œuvre les tendances culturelles et littéraires prédominantes au IIe siècle ap. J.-C. Enfin, nous présentons une discussion sur les caractéristiques du récit qui suscitent le questionnement du genre de l'œuvre.

Mots-clefs: Pausanias; *théas áxion; Helládos Periégesis*; récit de voyage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Grécia sob domínio romano em que destacamos a região de Magnésia de Sípilo – Ásia Menor 26

Figura 2 - Província de Acaia e área coberta pela *Periégesis* 27

Figura 3 - Divisão dos livros pelas regiões da Grécia 27

Figura 4 - Nascimento de Atena 58

Figura 5 - Anfitrite perseguida por Posêidon 59

Figura 6 - Regiões onde estão presentes os *theorémata* considerados *théas áxion* a partir do mapa que traça o percurso de Pausânias pela Lacônia 60

Figura 7 - Localização dos últimos *theorémata* considerados *théas áxion* citados no livro III, na fronteira com a Messênia 61

Quadro 1 - Comparação de ocorrências do sintagma *théas áxion* na *Periégesis* 36

Quadro 2 - *Theorémata* considerados *théas áxion* no livro III 51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Definindo o percurso 9

CAPÍTULO 1

Iniciando a viagem: introdução à *Periégesis* 15

CAPÍTULO 2

O sentido de *théas áxion* no livro III, a Lacônia 28

1. A importância da visão na cultura grega: breve introdução 28
2. A importância da visão na viagem 31
3. *Théas áxion* e a *Periégesis*: o livro III 34
4. Pedras de tropeço no caminho do *lógos*, questões de tradução 49
5. *Théas áxion* e a *Periégesis*: os outros livros 50
6. Uma narrativa voltada para a visão 53
7. *Théas áxion* e outros autores antigos 55

CAPÍTULO 3

Observações acerca do contexto histórico e cultural: o século II d. C. 62

1. O gosto pelo passado: uma estratégia imperial? 62
2. A Segunda Sofística 65
3. Pausânias e a Segunda Sofística: aproximações possíveis 71

CAPÍTULO 4

As várias faces de Pausânias: um estudo de gênero? 80

1. Pausânias periegeta 80
2. Pausânias guia 83
3. Pausânias peregrino 86
4. Pausânias historiador 91

CONCLUSÃO

A experiência da viagem 97

REFERÊNCIAS 99

ANEXO 107

INTRODUÇÃO

Definindo o percurso

Nosso primeiro contato com a obra de Pausânias, *Helládos Periégesis,* foi a partir de uma tradução para o espanhol da editora Aguilar, que compilava outros três autores gregos, Heródoto, Xenofonte e Tucídides, sob o título de *Historiadores griegos*. Na introdução à tradução de Pausânias, Francisco P. Samaranch comentava: "seu estilo é o espelho mais claro de seu temperamento e seus dotes. (...) [É] sem inspiração, sem força, torpe; é inorgânico, amorfo, carente de graça e elegância".[1] Descobrimos um autor que não gozava de boa reputação. Consideramos a opinião intrigante e buscamos mais informações acerca de Pausânias. No verbete do *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina* encontramos a seguinte observação de Paul Harvey acerca da obra de Pausânias: "simples, despretensiosa e sem arroubos de inspiração".[2] A leitura da tradução em espanhol já nos indicava uma necessidade de conhecer mais sobre esse autor, pois a crítica parecia não condizer com a riqueza da obra. Além da crítica, outra questão nos intrigou: todas as referências a Pausânias que encontramos em português eram traduções. Não temos, no Brasil, nenhum estudo ou tradução da *Periégesis*. Inicialmente consideramos esse fato um empecilho, que se transformou em necessidade de conhecer esse autor e descobrir porque ele não era estudado com tanta frequência como ocorria com Heródoto ou Luciano, seu contemporâneo.

A pesquisa revelou uma grande produção sobre Pausânias na Europa e nos Estados Unidos, coincidindo com uma nova perspectiva de estudo do texto que procura revitalizar a abordagem da *Periégesis*, considerando o texto como um todo, e não como uma fonte para "nomes e lugares, fragmentos de história, e versões de mitos".[3] Os autores dessa revitalização dos estudos sobre Pausânias atribuem ao trabalho de Christian Habicht a posição

---

[1] "su estilo es el espejo más terso de su temperamento y sus dotes. (...) es flojo, falto de aliento, torpe; es inorgánico, amorfo, carente de gracia y elegancia". (SAMARANCH, Prólogo a *Descripcion de Grécia*, p. 46, Editora Aguilar). Todas as traduções da bibliografia em língua estrangeira são nossas, salvo indicações.

[2] PAUSÂNIAS. In: HARVEY. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*, p. 382-83.

[3] ALCOCK. Preface, p. vii. In: ALCOCK; CHERRY; ELSNER. *Pausanias*: travel and memory in Roman Greece.

de precursor dessa nova abordagem, com sua obra *Pausanias' Guide to Ancient Greece*.[4] Habicht tenta desconstruir a crítica negativa estudando sua origem, a *Quellenforschung,* do final do século XIX, o que consideramos o maior mérito de seu trabalho. É uma fonte indispensável para iniciar os estudos sobre Pausânias, pois quase todos os comentadores fazem referência a ele em algum momento de seu trabalho.

Outras obras, resultados de conferências e eventos dedicados a Pausânias, merecem nosso comentário nessa linha da nova abordagem, são elas: *Éditer, traduire, commenter Pausanias en l'an 2000*, editada por Denis Knoepfler e Marcel Piérart; e *Following Pausanias: the quest for Greek antiquity*, editada por Maria Georgopoulou, Céline Guilmet, Yanis A. Pikoulas, Konstantinos Sp. Staikos e George Tolias.

Éditer, traduire, commenter Pausanias en l'an 2000 foi publicada em 2001, e é resultado de um colóquio na Universidade de Neuchâtel, em 1998, que reuniu os principais estudiosos envolvidos na publicação de edições críticas, traduções e comentários da *Periégesis*.[5] Dentre essas reflexões, destacamos o artigo de Jean Irigoin, filólogo e especialista em codicologia, que comenta os manuscritos de Pausânias numa homenagem a Aubrey Diller. Os artigos de Diller sobre Pausânias, *The authors named Pausanias* (1955), *Pausanias in the Middle Ages* (1956) e *The manuscripts of Pausanias* (1957) são de grande importância para a reconstituição da transmissão da *Periégesis*. Foi o trabalho de Diller que mostrou que os 18 manuscritos que chegaram até nós derivam de uma origem comum, o arquétipo, da coleção de Niccolò Niccoli, humanista florentino falecido em 1437. O manuscrito de Niccoli desapareceu. Diller contribui amplamente para uma datação mais precisa dos manuscritos que chegaram até nós e seu trabalho também foi importante para o estabelecimento do texto publicado por Maria Helena da Rocha Pereira, pela Bibliotheca Teubneriana (3 volumes, 1973-1981, com segunda edição revista e corrigida em 1989-1990), e tanto na edição de Domenico Musti e colaboradores pela Fundação Lorenzo Valla, quanto na tradução da *Collection des Universités de France* (Budé).[6] Rocha Pereira também tem um artigo na publicação, em que discute a importância de um manuscrito, o *Vindobonensis Va*, para a tradição manuscrita de Pausânias; também Michel Casevitz, que estabeleceu o texto da coleção Budé, discute os escólios e fragmentos de Pausânias em um artigo, assim como Domenico Musti, que, à frente da tradução italiana, debate as expressões de tempo em

[4] A obra faz parte das Sather Classical Lectures, realizadas em 1982, publicada pela primeira vez em 1985 e revista e editada novamente em 1998. Habicht também é autor de *Athens from Alexander to Antony* (1997) e *Cicero the Politician* (1990).

[5] KNOEPFLER. Introduction, p. 1. In: *Éditer, traduire, commenter Pausanias em l'an 2000*.

[6] A *Collection des Universités de France* possui editados somente os livros I, IV, V, VI, VII e VIII da *Periégesis*; e a tradução italiana da Fundação Lorenzo Valla / Mondadori apenas os livros de I a VIII.

Pausânias a partir de uma questão pontual do livro X. Todos os que contribuíram em *Éditer, traduire, commenter Pausanias em l'an 2000* têm uma participação na publicação da *Periégesis* atualmente.[7] Por último, destacaremos Vincianne Pirenne-Delforge, que aborda os ritos de sacrifício em Pausânias. A autora, juntamente com G. Purnelle, publicou também um *index verborum*, lista de frequência e *index nominum* da *Periégesis*.[8]

O evento que deu origem a *Following Pausanias: the quest for Greek antiquity*, segunda publicação que destacamos, ocorreu em Atenas no ano de 2007, organizada pela *Gennadius Library* e a *National Hellenic Research Foundation*, com o título *Stà Bémata tou Pausaníou.* Esse evento consistiu em exposições[9] e um simpósio que deram origem à referida publicação. A princípio a obra tem aspecto de um livro de divulgação: formato grande, capa dura, muitos mapas, ilustrações e fotos. Porém, entre as quatro partes de que o livro é composto, encontramos na terceira seção um motivo para considerá-lo mais que um livro de divulgação. Intitulada *Pausanias in Modern times (1418-1820),* essa parte da obra possui 15 artigos cobrindo aspectos variados, mas que podem ser reunidos em três questões: os manuscritos, as primeiras edições e traduções e a recepção do texto. A publicação é uma das únicas fontes encontradas por nós que reúne esse tipo de informações sobre a *Periégesis*. Sobre os manuscritos, a obra traz informações interessantes a respeito da importância do texto, que se refletia num grande número de cópias, das quais algumas muito adornadas e luxuosas; além de levantar os donos e leitores dos manuscritos que indicam o modo como o texto era lido. A respeito das primeiras edições, o que nos chama a atenção é a *editio princeps* de Markos Musurus, publicado pela imprensa de Aldo Manúcio em 1516. O prefácio, endereçado a Janus Lascaris (estudioso grego, 1445-1535), possui uma conotação patriótica e política: os locais descritos por Pausânias estavam sob domínio otomano.[10] Das traduções, os autores trazem estudos sobre as principais: a primeira tradução completa, para o latim, de

[7] Para citar alguns: Janick Auberger (traduziu e comentou o livro IV na Budé), Anne Jacquemin (comentou os livros V e VI da Budé), Yves Lafond (traduziu e comentou o livro VII da Budé), François Chamoux (comentou o livro I da Budé), entre outros que participaram do projeto de publicação da Lorenzo Valla (Mario Torelli, Massimo Osanna, Massimo Nafissi e Mouro Moggi).

[8] PIRENNE-DELFORGE, Vinciane; PURNELLE, Gérald. Pausanias. *Periegesis*. Index verborum. Liste de fréquence. Index nominum. Liège: CIERGA & Centre d'Informatique de Philosophie et Lettres, 1997. 1240 p. (L.A.S.L.A., 24 & Kernos, suppl. 5). Não tivemos acesso à obra. Pirenne-Delforge publicou também*: Retour à la source*: Pausanias et la religion grecque. Liège: CIERGA, 2008. 411 p. (Kernos Supplément, 20); além de muitos artigos publicados sobre a religião em Pausânias.

[9] Uma exposição na Gennadius Library sob curadoria de Maria Georgopolou e Aliki Asvesta contava com edições de Pausânias, livros de viajantes, manuscritos e mapas. Outra exposição ocorreu no National Hellenic Research Foundation exibindo modelos arqueológicos da Acrópole de Atenas, Delfos e Olímpia, além de edições raras de Pausânias e livros de outros viajantes. Ver *Pausanias Explored by Exhibition and Symposium,* In: *Gennadeion News, p. G2, 2007.*

[10] STAIKOS. Memory of the Antique, p. 57-61, In: GEORGOPOULOU *et al.* (Org.). *Following Pausanias*: the quest for Greek antiquity. Tivemos a oportunidade de manusear o texto de Musurus na coleção de obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Romolo Amaseo (Roma, 1547); as traduções também para o latim de Abraham Loescher (Basel, 1550) e Friedrich Sylburg e Guilhelmus Xylander (Frankfurt, 1583); as traduções para o italiano de Alfonso Bonaccuioli (Mântua, 1593), para o francês de Gédoyn (Paris, 1731) e Étienne Clavier (1814), para o inglês de Thomas Taylor (Inglaterra, 1793-94) e de Sir James George Frazer (tradução e comentário em 6 volumes, 1898-1913),[11] para citar algumas.

A recepção da *Periégesis* é um aspecto também muito interessante de *Following Pausanias*, pois aborda os diferentes tratamentos recebidos pelo texto, desde seu valor educacional, passando pela utilização por geógrafos e cartógrafos, ao emprego como fonte para a arte, a poesia, a filosofia, a política, a história e a arqueologia, tendo sido usado, ademais, por viajantes, exploradores e figuras como Angelo Poliziano, Antonio Lombardo, François Rabelais, Peter Paul Rubens, Ambroise Paré, Robert Burton e servindo como inspiração para outros autores. É o caso, por exemplo, de Jean-Jacques Barthélemy, autor de *Voyage du jeune Anacharsis en Grèce* (1788), que teria se baseado principalmente na narrativa de Pausânias. As questões abordadas por *Following Pausanias* são muito relevantes e merecem um tratamento cuidadoso e um capítulo à parte, mas que não nos cabe adiantar nesse momento introdutório.

Retomando as publicações recentes que oferecem a nova abordagem da *Periégesis* temos a obra de Karim Arafat, *Pausanias' Greece: ancient artists and Roman rulers* (1996), que traz uma visão sobre os gostos estéticos de Pausânias e sua relação com o domínio romano, por meio da análise das referências que nosso autor faz aos imperadores. Numa perspectiva mais ampla, temos o livro organizado por Susan E. Alcock, John F. Cherry e Jas Elsner, intitulado *Pausanias: travel and memory in Roman Greece* (2001). Esse livro conta com a contribuição de especialistas que não se restringem a Pausânias, e segue uma lógica de artigos apresentando as características do texto, sucedidos de estudos pontuais e investigações sobre a recepção. Porém, o estudo que destacamos e que mais utilizamos, por considerar vários aspectos da obra como a estrutura da narrativa, o método, a linguagem e o contexto, é o de William Hutton, de título *Describing Greece: landscape and literature in the Periegesis of Pausanias* (2005). Há, ainda, muitos outros artigos e livros que não se destinam ao estudo de Pausânias diretamente, mas que contribuem de alguma forma para a pesquisa sobre o autor.

Por meio da pesquisa, do conhecimento das edições críticas, traduções e estudos descobrimos a riqueza do texto, a diversidade de abordagens possíveis. Um início deveria ser

[11] São obras de Frazer também: *Pausanias and other Greeks sketches* (1900, disponível para *download*: <http://www.archive.org/details/pausaniasothergr00frazuoft>), e *Sur les traces de Pausanias à travers de la Grèce ancienne* (1965); além de *The golden bough* (primeira publicação em 1890, em dois volumes).

estabelecido e decidimos começar nossa viagem com, e em Pausânias, a partir de um aspecto que nos parecia básico, mas se revelou extremamente complexo: a forma como o autor constrói a narrativa. Estudando as traduções juntamente com o texto grego percebemos uma expressão, adotada com certa frequência, que seria um indício do trabalho de nosso autor: *théas áxion*. Viajando pela Grécia, narrando mitos e histórias, descrevendo lugares e monumentos, Pausânias diz, algumas vezes, que os julga "dignos de contemplação". Podemos considerar a repetição da expressão como um método, um objetivo do autor, um estruturador da narrativa? Diante da extensão da *Periégesis*, 10 livros, foi necessário restringir nossa análise ao livro III, a Lacônia. Muitas variáveis entram em nossa pesquisa e correspondem ao percurso dessa dissertação.

No capítulo 1 apresentamos uma introdução geral à *Periégesis*, abordando as principais discussões em torno do texto, como a origem de Pausânias, a data de composição da obra, a estrutura da narrativa e o método de composição. Nossa intenção é apresentar a *Periégesis*, que parece ser tão pouco conhecida do público brasileiro. Além disso, temos como objetivo fornecer argumentos para uma melhor compreensão do nosso recorte.

A partir, então, da introdução geral, seguimos para o segundo capítulo buscando apresentar nosso recorte: a utilização do sintagma *théas áxion* no livro III da *Periégesis*. Consideramos a frase "digno de contemplação" localizada em dois *tópos* da cultura grega: a importância da visão e a temática da viagem. Dessa forma, introduzimos essas questões a fim de melhor compreender o que Pausânias considera *théas áxion*. Para isso apresentamos as ocorrências do livro III buscando sempre que possível relacioná-las com a utilização do sintagma em toda a obra. É importante observar que apresentamos nossa tradução das ocorrências de *théas áxion* no livro III com o objetivo de conhecer melhor o texto grego. A tradução não é a meta de nossa dissertação e não se justifica como um *corpus* por si só.

Já no capítulo 3 procuramos refletir sobre o contexto em que a *Periégesis* está inserida, buscando expor as características que levam os comentadores a identificar na obra as tendências culturais e literárias predominantes no século II d. C. Propomos uma interpretação que ajuda a entender a utilização de *théas áxion* relacionando a narrativa voltada para a visão com a utilização das técnicas de *ékphrasis* da retórica antiga, em voga nesse período de domínio romano.

Por fim, apresentamos uma discussão bastante polêmica em torno da *Periégesis*: as características da narrativa que suscitam o questionamento do gênero da obra. Mostramos as faces de periegeta, guia de viagem, peregrino e historiador de nosso autor para refletir a perspectiva da visão nesses possíveis gêneros. Antes de tudo, procuramos mostrar que

Pausânias é um viajante e que a característica primordial da viagem é fazer ver, seja para aquele que viaja no espaço ou na narrativa.

Definido o percurso, algumas considerações são importantes antes de iniciarmos nosso estudo. Para o texto grego utilizamos a edição crítica de Maria Helena da Rocha Pereira, *Graeciae descriptio*, publicada pela Teubner. As citações com fonte grega se limitam às notas de rodapé, visto que optamos por transliterar as citações no corpo do texto, com exceção do capítulo 2, em que apresentamos as passagens do livro III. Nossas traduções se concentram nas ocorrências de *théas áxion*, no livro III, lembrando que não pretendemos apresentar uma tradução definitiva. Nosso interesse é aproximar do texto grego para conhecê-lo. Para outras passagens da *Periégesis* buscamos apresentar outras traduções, para o espanhol, inglês e em algumas ocasiões para o italiano, a fim de suprir essa lacuna e possibilitar a leitura também para aqueles que, como nós, dominam parcialmente a língua de Pausânias, ou mesmo não possuem ainda qualquer conhecimento do grego. A respeito das citações em outras línguas modernas, procuramos traduzir apenas as que estão inseridas no corpo do texto, de forma que as notas de rodapé possuem o texto original. Quando essas citações estão apenas nas notas optamos por não traduzir.

Nossa viagem prossegue na confluência de nosso mapa com as rotas de Pausânias.

Agora podemos partir.

CAPÍTULO 1

Iniciando a viagem: introdução à *Periégesis*

Pouco sabemos dessa obra que, em 10 livros, narra histórias da Grécia antiga através de suas paisagens, cidades, construções e monumentos. Apesar de termos um objetivo específico, já apontado na Introdução deste estudo, é necessário percorrer algumas questões básicas – que alguns têm como questões menores – a respeito do autor, do período em que a obra foi escrita e de suas características gerais. Isso se justifica pelo fato de nosso autor ser também pouco conhecido no Brasil. O presente capítulo pretende ainda fornecer dados que permitirão conclusões mais abrangentes.

Pausânias não assina sua obra, muito menos atribui o título de *Helládos Periégesis*[12] aos livros que escreveu. É por volta de 535 d. C., com Estéfano de Bizâncio, em seu *Ethnika*, que se atribui a obra ao autor aqui contemplado.[13] O caminho da transmissão do texto de Pausânias é bastante tortuoso, e antes de 535 d. C. é ainda mais problemático. Se Pausânias não menciona seu nome e o título de sua obra, poucas informações temos além disso. O que se sabe, ou ao menos se tem como hipótese, decorre de inferências tomadas da obra. Isso vale para o período em que teria sido escrita, o local de nascimento do autor e aspectos de sua personalidade (preferências, posição social, religião). Passemos a essas questões.

Temos dois tipos de datação possíveis na *Periégesis*, ambas bastante complexas e acerca delas a discordância dos comentadores é abundante. A primeira se refere à data de nascimento de nosso autor: para fatos anteriores ao seu nascimento, Pausânias usa expressões do tipo *prìn è emè genésthai* (IX, 29, 2), *geneâi dè é me genésthai miâi próteron* (X, 32, 10),

---

[12] Hernández observa que os títulos podem variar de acordo com o manuscrito. Por exemplo: Παυσανίου Ἑλλάδος Περιηγήσεως (*Vn – Venetianus)*, Παυσανίου ἱστοριογράφου ἱστορίαι (*Mt – Ma. Matritensis 4564*). Pausânias se refere a sua obra como συγγραφή, no sentido de uma obra escrita em prosa (I, 6, 1; II, 1, 1; III, 25, 7; IV, 6, 3; VI, 7, 6; IX, 29, 2; X, 33, 8). HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta en su contexto de formación en el oriente heleno:* Esmirna y Pérgamo, p. 11 (nota 1), p. 12 (nota 4).

[13] "To Sthefanus Byzantius probably belongs the credit of discovering the *Periegesis* and saving it from the oblivion that destroyed so much ancient literature during the Dark Age. Stephanus (*fl. ca*. 535) was a grammaticus and royal professor in Constantinople under Justianian." (DILLER. Pausanias in the Middle Ages, p. 85). Diller menciona uma citação de Eliano (*Varia historia*, 12.61) que, se for genuína, pode ser o único traço da *Periégesis* antes do séc. VI. A passagem de Eliano se insere num excerto sobre "Homenagens prestadas a Bóreas" (Παυσανίας δέ φησιν ὅτι καὶ Μεγαλοπολῖται.).

geneaîs dúo émoû próteron (VIII, 32, 3), *geneaîs dè trisìn emoû próteron* (VIII, 9, 9),[14] que, apesar de não serem muito específicas, colocam o periegeta no primeiro quarto do século II d. C.;[15] para fatos de sua época, Pausânias utiliza expressões como *kat' emé, ep'emoû, kath' hemâs, eph' hemôn*,[16] e por meio de seus comentários pode-se estabelecer uma data, ao menos relativa, da época em que ele teria vivido. Para a data mais recuada desse tipo de expressão, temos a passagem I, 5, 5 em que se institui, em Atenas, a tribo de Adriano no ano de 121-122 ou 124-125 d. C.[17] Essas expressões também permitem uma segunda possibilidade de datação, referente à redação de cada livro. Por exemplo, na passagem VII, 20, 6 Pausânias fala de um Odeon construído em Atenas por Herodes Ático, justificando não ter mencionado a edificação na descrição da Ática porque já havia terminado a redação quando Herodes começou a construí-lo. O Odeon era uma homenagem para a esposa de Herodes, Regila, morta no final dos anos 150 ou em 160-161 (há divergências entre os comentadores), e começou a ser construído pouco depois. Então, nesse período, o livro I já estaria pronto. Em uma cronologia mais aberta, Bowie adota a data de 165 d. C. como um *terminus ante quem* para a conclusão do livro I.[18]

A metade da obra, o livro V, parece datar de 174 d. C., pois Pausânias comenta que se passaram 217 anos da refundação de Corinto, que sabemos ter sido em 44 a. C. por Júlio César. Portanto, era cerca de 174 d. C. quando o periegeta escrevia essa passagem (V, 1, 2). Para os últimos livros, a passagem VIII, 43, 6 ajuda na construção de hipóteses: Pausânias se refere à vitória do imperador Marco Aurélio sobre os germanos e sármatas em 175-176 d. C. Como observa Hernández, "a obra se cria largamente entre o longo reinado de Antonino

---

[14] Respectivamente: "antes que eu nascesse"; "uma geração antes de eu nascer"; "duas gerações antes da minha"; "três gerações antes da minha".

[15] HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta en su contexto de formación en el oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 13; HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece,* p. 177.

[16] Num sentido geral, "na nossa época". "There are no less than 144 instances where Pausanias uses the expression 'in my (our) time': ἐπ' ἐμοῦ (27), κατ' ἐμέ (26), ἐφ' ἡμῶν (85), or καθ' ἡμᾶς (6). It goes without saying that there is no meaningful difference between these four expressions, and both ἐφ' ἡμῶν (II.26.9) and κατ' ἐμέ (VII.5.9) are, in fact, used to designate one and the same event. The unique ἐπὶ ἡμῶν in VI.10.8 should be emended to ἐφ' ἡμῶν." (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 176).

[17] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece,* p. 177. Outras passagens com as expressões: V, 21, 15 (duas imagens com técnica moderna, o que remete à 226ª Olimpíada, no ano de 125 d. C.); V, 20, 8 (estátua do senador romano Lucio Minicio Natalis, pela vitória olímpica no ano de 129 d. C. – respaldo pela inscrição *IOlympia 236*); VIII, 10, 2 (templo de Posêidon em Mantinea construído por Adriano entre 117 e 138 d. C.); II, 27, 6 (construções em Epidauro realizadas pelo senador Sextus Iulius Maior Antoninus Pythodorus que viveu por volta de 160 d. C. – baseada na inscrição *IG* IV^2 684); VII, 5, 9 (construção de um templo de Asclépio pelo povo de Esmirna, cuja atividade é atestada para 150-152 d. C.); X, 34, 5 (os costobocos invadem a Grécia, por volta de 170-171 d. C.). Há outras expressões indicativas de tempo em que se pode estabelecer uma datação relativa: ἐς ἡμᾶς, ἐς ἐμέ, ἐς τόδε, καὶ νῦν ἔτι, ἔτι καὶ νῦν, ἄχρι γε ἐμοῦ, ἄχρι ἡμῶν, μέχρι γε καὶ ἐμοῦ (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 177).

[18] "A date of ca. A.D. 165 for the Odeion and as a *terminus ante quem* for the completion of Book I fits our other evidence." (BOWIE. Inspiration and aspiration: date, genre and readership, p. 21).

Pio (138-161 d. C.) e o princípio do reinado de Marco Aurélio (161-180 d.C.) para os livros I-V. Os livros V-X se redigem a partir de 174 d.C., acelerando o ritmo de escrita nos últimos anos de sua vida".[19]

Apesar de algumas variações, os comentadores situam o nascimento de Pausânias por volta de 115-120 d. C. (durante o reinado de Adriano) e parecem concordar que o periegeta não viveu depois de 180 d. C.[20] Enfim, tentamos demonstrar uma pequena parte, talvez bastante simplificada, da complexa questão em torno da datação da *Periégesis* e de seu autor. A principal questão parece ser a fragilidade desse tipo de análise, levando em consideração que os livros podem não ter sido escritos em ordem, o que necessita de uma análise mais profunda sobre o método de composição dos livros, envolvendo a estrutura de toda a obra. Por ora, basta mencionar que Pausânias mantém um sistema de referências cruzadas que para alguns comentadores pode indicar que os livros foram escritos na ordem. Mas consideramos isso uma evidência e não uma questão concluída.

Outro problema que concorre para o questionamento desse método, quanto à precisão, é a diferenciação que Domenico Musti propõe para a interpretação das expressões – *ep' emoû* e similares, do que ele chama *l'ora de Pausania*. Musti diferencia as expressões separando aquelas de caráter ingressivo, que indicam um evento, um fato novo colocado por Pausânias em seu tempo, e aquelas expressões de caráter durativo, que mostram que em seu tempo dura (ainda dura) qualquer coisa que começou antes. Para as duas classes, há problemas de interpretação: para a de caráter ingressivo, se pergunta se o evento está contido no tempo de vida de Pausânias ou em uma faixa temporal mais vasta; para a de caráter durativo, se problematiza o estabelecimento de quando começou esse "estado de coisas que perdura à época de Pausânias".[21] O que temos, portanto, é a necessidade de analisar quantitativamente os dados cronológicos e realizar uma colocação contextual para cada caso. Apesar disso é suficiente, para nossos objetivos, considerarmos Pausânias como um autor do século II d. C.

---

[19] "La obra gesta largamente entre el largo reinado de Antonino Pío (138-161 d.C.) y el principio del reinado de Marco Aurelio (161-180 d.C.) para los libros I-V. Los libros V-X se redactan a partir del 174 d.C., acelerándose el ritmo de escritura en los últimos años de su vida." (HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta en su contexto de formación en el oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 17)

[20] Ewen Bowie apresenta uma proposta de contextualização bastante detalhada, que se diferencia por ser mais recuada no tempo: nos anos de 123-124 d. C. Pausânias já teria 13 ou 14 anos ("On my tentative chronology, Pausanias would have been thirteen or fourteen when Hadrian made his first extended tour of *provincia Asia* in A. D. 123/4, and perhaps already learning rhetoric and attending a sophist's lectures when Hadrian returned in A. D. 128/9." (BOWIE. Inspiration and aspiration: date, genre and readership, p. 23).

[21] "(...) il problema interpretativo è quello di stabilire *quando sia cominciato* – secondo il Periegeta e, possibilmente, nei fatti – *questo stato di cose che perdura all' epoca di Pausania*." (MUSTI. L'"ora" di Pausania: sequenze cronologiche nella Guida della Grecia (sull' Anfizionia di Delfi e altri argomenti), p. 48).

Os estudos sobre o local de nascimento de Pausânias se apoiam principalmente em uma passagem: V, 13, 7.[22] Esse trecho está inserido na descrição de um recinto consagrado a Pélope no Altis, bosque sagrado de Zeus, em Olímpia. A conclusão de que Pausânias teria nascido na Lídia, especificamente na cidade de Magnésia de Sípilo, na região da Ásia Menor (FIG. 1),[23] se baseia na análise da utilização do dativo locativo espacial com preposição – *par' hemîn*. Christian Habicht concorda com a interpretação, afirmando que

> O lago foi identificado como o Lago Saloe, três milhas a leste de Magnésia (VII.24.13; Plínio *HN* 5.31). Cerca de quatrocentas jardas acima é o trono de Pélope, e o santuário da Mãe Plastene foi encontrado nas proximidades e identificado em 1887 a partir de oferendas à deusa. A descrição de Pausânias é tão específica como é precisa... e ele chama a área como *sua própria.* Alguns estudiosos tentaram negar o sentido óbvio da passagem e a interpretaram como dizendo não mais que Pausânias viveu lá por algum tempo. Não. Ele nos disse que esta é sua casa.[24]

Habicht também utiliza outras passagens em que Pausânias demonstra grande conhecimento da região do Monte Sípilo e da Lídia em geral, seja em descrição de rios, animais, monumentos, cultos ou fatos históricos,[25] para corroborar sua teoria. Esse conhecimento sobre a região é, no entanto, motivo para um questionamento de Hernández: com *par' hemîn* e *pareiléphamen* Pausânias estaria se referindo a uma zona mais ampla que a Magnésia, podendo se referir aos limites do *conventus* de Esmirna, já que também as outras

---

[22] V, 13, 7: Πέλοπος δὲ καὶ Ταντάλου τῆς παρ᾽ ἡμῖν ἐνοικήσεως σημεῖα ἔτι καὶ ἐς τόδε λείπεται, Ταντάλου μὲν λίμνη τε ἀπ᾽ αὐτοῦ καλουμένη καὶ οὐκ ἀφανὴς τάφος, Πέλοπος δὲ ἐν Σιπύλωι μὲν θρόνος ἐν κορυφῆι τοῦ ὄρους ἐστὶν ὑπὲρ τῆς Πλαστήνης μητρὸς τὸ ἱερόν, διαβάντι δὲ Ἕρμον ποταμὸν Ἀφροδίτης ἄγαλμα ἐν Τήμνωι πεποιημένον ἐκ μυρσίνης τεθηλυίας· ἀναθεῖναι δὲ Πέλοπα αὐτὸ παρειλήφαμεν μνήμηι, προϊλασκόμενόν τε τὴν θεὸν καὶ γενέσθαι οἱ τὸν γάμον τῆς Ἱπποδαμείας αἰτούμενον. Tradução de María Cruz Herrero Ingelmo (Ed. Gredos, p. 242): "Todavía quedan hoy vestígios de que Pélope y Tântalo vivieron en mi país: un lago que tiene su nombre por Tántalo y una tumba famosa, y hay un trono de Pélope en la cima del monte Sípilo, más arriba del santuario de Plastene la Madre, y, cruzando el río Hermo, una imagen de Afrodita em Temno, hecha de mirto verde. Es una tradición entre nosotros que Pélope la ofrendó, para propiciarse a la diosa y pedirle que le concediese su boda con Hipodamía". Tradução de W. H. S. Jones (Loeb Classical Library, p. 453): "That Pelops and Tantalus once dwelt in my country there have remained signs right down to the present day. There is a lake called after Tantalus and a famous grave, and on a peak of Mount Sipylus there is a throne of Pelops beyond the sanctuary of Plastene the Mother. If you cross the river Hermus you see an image of Aphrodite in Temnus made of a living myrtle-tree. It is a tradition among us that it was dedicated by Pelops when he was propitiating the goddess and asking for Hippodameia to be his bride."

[23] Todas as ilustrações que utilizamos estão ao final de cada capítulo no qual foi mencionada, com a indicação de página. Para a FIG. 1, ver p. 26.

[24] "The lake has been identified as Lake Saloe, three miles east of Magnesia (VII.24.13; Pliny *HN* 5.31). Some four hundred yards above it is the throne of Pelops, and the sanctuary of Mater Plastene was found nearby and identified in 1887 from dedications to the goddess. Pausanias' description is as specific as it is accurate…and he calls the area *his own*. Some scholars have tried to deny the obvious sense of the passage and interpreted it as saying no more than that Pausanias lived there for some time. No. He has told us that this is his home."[24] (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 14)

[25] Em passagens como: I, 21, 3; II, 22, 3; III, 22, 4; VI, 22, 1; VII, 24, 13; VIII, 2, 7; X, 4, 6 (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 15, nota 66).

passagens relacionadas à região não se restringem a Magnésia.[26] Hernández pondera a utilização de *par' hemîn* considerando o panorama da cultura urbana na época imperial. Para o autor, restringir Pausânias ao contexto de Magnésia de Sípilo contrasta com o fato de que a vida cultural da classe ilustrada se concentrava nas grandes capitais ou grandes centros, mesmo que a origem desses indivíduos esteja em localidades menores. Assim, conclui que

> (...) Pausânias mostra familiaridade com uma pátria denominada *par' hemin* de uma extensão maior que a própria Magnésia de Sípilo. Nesta região se destaca Esmirna, cidade cujas tradições e cujos monumentos Pausânias descreve. As moedas, a epigrafia, a arte e o testemunho de Elio Aristides complementam a caracterização de Esmirna como uma das principais capitais culturais, cheia de tradições (Homero) e, ao mesmo tempo, centro da Segunda Sofística (Polemon). Assim concluímos que Pausânias, ainda que tenha nascido em Magnésia, pode ser considerado um produto cultural de Esmirna.[27]

Entre esses *scholars* citados por Habicht, que consideram a hipótese de que Pausânias pode estar se referindo ao local onde residia quando escreveu essa passagem, e não ao local de nascimento, está Aubrey Diller.[28] A justificativa para tal interpretação se baseia no fato de que entre os homens letrados do século II as viagens eram comuns. Para os comentadores de Pausânias, sua origem tem importância pelo fato de o próprio autor se considerar grego ou não em relação ao conteúdo de sua obra: Pausânias é um grego que fala do que lhe é próprio ou um estrangeiro falando do outro? Sua origem teria influências em sua atitude e sua escrita. Como observa Arafat, "a identidade de Pausânias como um grego da Ásia Menor, não um grego do continente, é, então, essencial para entender sua abordagem dos objetos e lugares que ele descreve no que é, para ele, a Grécia, mas não sua terra natal".[29]

Considerando essa herança cultural helênica das cidades da Ásia Menor, Habicht questiona se Pausânias se consideraria grego. Quando Pausânias utiliza a expressão "os gregos" (*hoi Héllenes*) deveria ser entendido "nós, os gregos", utilizado como uma figura de

---

[26] HERNÁNDEZ. La pátria de Pausanias (Notas de lectura a Paus. V, 13, 7): Magnésia de Sípilo e Esmirna, p. 233-247.

[27] "(...) Pausanias muestra familiaridad con una patria denominada παρ' ήμιν de una mayor extensión que la propia Magnésia del Sípilo. En esta región destaca Esmirna, ciudad de la que Pausanias describe sus tradiciones y sus monumentos. Las monedas, la epigrafía, el arte y el testimonio de Elio Aristides, complementan la caracterización de Esmirna como una de las principales capitales culturales, llena de tradiciones (Homero) y, a la vez, centro de la Segunda Sofística (Polemón). Así concluimos que Pausanias, aun habiendo nacido en Magnesia, se le ha de considerar un producto cultural de Esmirna." (HERNÁNDEZ. La pátria de Pausanias (Notas de lectura a Paus. V, 13, 7): Magnésia de Sípilo e Esmirna, p. 243).

[28] DILLER. The authors named Pausanias, p. 270.

[29] "Pausanias' identity as a Greek from Asia Minor, not a mainland Greek, is, then, essential to understanding his approach to the objects and sites he describes in what is, for him, Greece but not home." (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 12).

linguagem que ocorre, por exemplo, em Hecateu.[30] Não haveria, portanto, dissociação, levando também em consideração a região em que Pausânias teria nascido: "(…) no tempo de Pausânias a assembleia provincial da Ásia chamava a si mesma (como havia feito por 200 anos) 'os gregos na Ásia' – gregos como os da pátria-mãe, mas vivendo separados dela".[31]

Discutir a questão da origem de Pausânias nos leva a outro caminho, bastante abordado pelos comentadores, a respeito do posicionamento do periegeta com relação ao domínio romano. A questão já é bastante complexa se considerarmos apenas a atitude de Pausânias, que faz declarações que podem ser interpretadas como anti ou pró-Roma; a discussão se elabora ainda mais se somarmos a ela a necessidade de entender a atitude de outros autores do mesmo período. Em linhas gerais, evitando um estudo de cada caso, utilizaremos as conclusões de Simon Swain a respeito dos autores que aborda em seu livro *Hellenism and Empire: language, classicism, and power in the Greek World, AD 50-250*.[32] Para Swain, os autores se consideravam gregos, embora muitos deles aceitassem uma identidade política romana, como cidadãos romanos; mas haveria uma contradição nisso, pois mesmo os que estavam envolvidos com o governo romano (assumindo cargos, por exemplo) jamais colocavam a identidade romana antes da identidade grega.[33]

O debate em torno da atitude de Pausânias é extenso. As opiniões se dividem entre os comentadores que consideram sua postura hostil e aqueles que não observam uma postura definida, ou uma hostilidade declarada. Segundo Habicht, "Pausânias pode não exibir uma hostilidade aberta contra os romanos, mas ele mostra estar cheio de ressentimento e animosidade, não porque eles são romanos, mas porque eles dominaram a Grécia".[34] Essa possível atitude hostil se baseia em passagens em que o periegeta comenta a crueldade de

---

[30] *FGrHist 1 F 1*: οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὡς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν. Passagem similar em Pausânias: VIII, 53,5; IX, 16,7 (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 25).

[31] ."(...) in Pausanias' time the provincial assembly of Asia called itself (as it had for two hundred years) 'the Greeks in Asia' – Greeks like those of the motherland, but living apart from them." (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 26).

[32] Os autores abordados são Plutarco, Díon de Prusa, Arriano, Apiano, Aristides, Luciano, Pausânias, Galeno, Filóstrato, Dion Cássio, mas as considerações acima excluem Luciano ("whose Semitic background apparently led to doubts about his exact place in Greek culture") e Apiano ("for whom Macedon was also an important personal reference point") (SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 70).

[33] Essa discussão levanta a relação de Pausânias com outros autores acerca de suas características literárias, à qual nos dedicaremos no capítulo 3.

[34] "Pausanias may not display open hostility toward the Romans, but he does show plenty of resentment and animosity, though not because they are Romans but because they dominate Greece." (HABICHT. *Pausanias' guide to ancient Greece*, p. 120).

alguns generais romanos e o furto de obras de arte,[35] mas principalmente na passagem VIII, 27, 1, bastante controversa.[36]

A passagem se situa na descrição da cidade de Megalópolis na Arcádia, na qual Pausânias comenta o movimento populacional na Grécia. As divergências de interpretação estão na frase *katà symphoràn <epì> archês tês Rhomaíon*, especificamente na leitura de *symphoràn* e de *<epì>* (*emendatio* proposta por Etienne Clavier no século XIX).[37] Dependendo da leitura adotada, temos como resultado traduções em que se afirma que Roma foi uma "desgraça" para a Grécia. O problema, nesse caso, é estender a interpretação de uma única passagem para toda a obra, como uma visão geral do autor e também, como observa Hutton, "(...) referir-se ao domínio romano ou aos seus efeitos como um 'desastre' [se referindo à interpretação de *symphoràn* num sentido negativo] não faz de Pausânias 'anti-romano'".[38]

Essa discussão acerca de se considerar ou não Pausânias um homem grego, de ter uma atitude pró ou anti-Roma, nos leva a pensar no que nosso autor consideraria como sendo "a Grécia", nesse período de domínio romano, em que as antigas cidades-estado gregas já não existiam, transformadas que foram em províncias do Império. Essa observação é interessante se temos em mente que a definição do autor do que é a Grécia está diretamente relacionada com o conteúdo do livro, implicando a seleção e delimitação do que será descrito. Hutton observa que o uso variado que Pausânias faz do termo *Hellás* torna questionável o entendimento segundo o qual o periegeta tinha uma noção definida quanto à conotação geográfica.[39]

Na passagem I, 26, 4, tida como declaração do objetivo da obra, Pausânias afirma querer descrever todas as coisas gregas (*pànta homoíos epexiónta tà helleniká*). A expressão tem sido interpretada como uma promessa de descrever toda a Grécia, mas isso não é feito, já

---

[35] Para crítica aos generais romanos: I, 20, 7; IX, 7, 5-6; para o furto de obras de arte: X, 7, 1.

[36] Ἡ δὲ Μεγάλη πόλις νεωτάτη πόλεών ἐστιν οὐ τῶν Ἀρκαδικῶν μόνον ἀλλὰ καὶ τῶν ἐν Ἕλλησι, πλὴν ὅσων κατὰ συμφορὰν <ἐπὶ> ἀρχῆς τῆς Ῥωμαίων μεταβεβήκασιν οἰκήτορες·. Tradução de María Cruz Herrero Ingelmo (Ed. Gredos): "Megalópolis es la ciudad más moderna [370 a. C.] no sólo de los arcadios sino también de los griegos, excepto aquellas cuyos habitantes cambiaron de lugar cuando sobrevino la dominación de los romanos." (p. 167). Tradução de W. H. S. Jones (Loeb): "Megalopolis is the youngest city, not of Arcadia only, but of Greece, with the exception of those whose inhabitants have been removed by the accident of the Roman domination." (A edição utiliza o texto de Spiro, que não aceita o <ἐπὶ>, p. 32-33).

[37] A edição de Rocha Pereira aceita a emenda.

[38] " (...) referring to Roman rule or its effects as a 'disaster' does not make Pausanias 'anti-Roman'". (HUTTON. The disaster of Roman Rule: Pausanias 8.27.1, p. 637). Sobre essa passagem, ainda: MOGGI. Pausania e Roma (Nota di lettura a VIII, 27, 1); HERNÁNDEZ. Pausanias, la transformación del Oriente heleno y la crisis de la Republica Romana.

[39] "In sum, Pausanias' variable usage of the term Hellas makes it questionable whether he had any firm opinion as to its geographical connotation, and there is no reason to suppose that he expected his readers to have one either." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 61).

que algumas regiões estão ausentes. Isso se explicaria se Pausânias estivesse trabalhando com um conceito mais limitado de *Hellás* que quase corresponderia à província romana de Acaia (FIG. 2)[40] ou a Anfictionia Délfica Clássica. Mas esse tipo de explicação não é necessária se entendermos que Pausânias não queria descrever a Grécia, mas "as coisas gregas".[41]

A região coberta pela *Periégesis* corresponde a todo o Peloponeso e uma porção da Grécia Central, isto é, a Grécia continental. Os 10 livros são divididos por esses territórios e, na maioria das vezes, correspondem às fronteiras de cada região, mas também obedecem a um quadro comum de tradição mitológica.[42] Segundo Hutton, as escolhas de território realizadas por Pausânias são determinadas pela coincidência de vários fatores: o mais óbvio, que conta com o grau de envolvimento de cada região na história e mitologia da Grécia e a lembrança dos tempos antigos que esses lugares evocam; e o fator menos óbvio, que seria o grau de familiaridade de Pausânias com a topografia, monumentos e tradições das regiões.[43]

Os livros se dividem da seguinte forma: I – Ática (especialmente Atenas e Megáride), II – Argólide e Corinto, III – Lacônia, IV – Messênia, V e VI – Élide, VII – Acaia, VIII – Arcádia, IX – Beócia e X – Fócia, Lócrida e Ozólia (FIG. 3).[44] Nos livros III, IV e do VII ao IX temos um padrão de tratamento que consiste em introduzir a história da região através de mitos, genealogias e origens migratórias,[45] seguido pela descrição que obedece à topografia da região. No livro I isso não ocorre, já que a descrição se inicia com a costa da Ática, as minas de Láurio e o Pireu. Esse início é considerado bastante abrupto e leva os comentadores a questionarem a existência de um prefácio que se perdeu.[46] Uma teoria similar se aplica também ao livro X, cujo fim abrupto acusaria a ausência de um epílogo. Alguns autores consideram que essa estrutura não é casual. Como observa Hutton, citando Walter

---

[40] Ver p. 27.

[41] HUTTON. *Describing Greece*, p. 56-57: Pausânias não diz "πᾶσαν... τὴν Ἑλλαδα", mas sim "πὰντα…τὰ ἑλληνικά". Hutton ainda observa que "τὰ ἑλληνικά" aparece também em IX, 6, 1, num sentido mais de comunidade cultural ou tradição, mas nunca tem conotação geográfica. Portanto, descrever "todas as coisas gregas" seria mais um exagero retórico ou uma promessa de cunho mais cultural.

[42] HUTTON. *Describing Greece*, p. 72.

[43] HUTTON. *Describing Greece*, p. 55.

[44] Ver p. 27.

[45] Essas narrativas iniciais evocam mitos e histórias de um passado que enfatizam a participação de cada cidade num esforço pan-helênico, funcionando como um elemento de união das regiões incluídas na *Periégesis* (HUTTON. *Describing Greece*, p. 63). Quando essas narrativas estão fora da introdução geral de cada livro são consideradas "digressões" e são usadas para explicar um determinado monumento, mas fazem parte de um todo e não são menos importantes que as descrições físicas: "Myth and history play an important part in the work" (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 20).

[46] Pausânias inicia assim: Τῆς ἠπείρου τῆς Ἑλληνικῆς κατὰ νήσους τὰς Κυκλάδας καὶ πέλαγος τὸ Αἰγαῖον ἄκρα Σούνιον πρόκειται γῆς τῆς Ἀττικῆς· Alguns comentadores (como Bowie) acreditam num prólogo perdido, mas Hutton defende que esse início seria o original (BOWIE. Inspiration and aspiration: date, genre and readership, p. 175; HUTTON. *Describing Greece,* p. 17).

Ameling, no livro I Pausânias faz referência à invasão dos gálatas e isso é retomado no livro X, dando um efeito de *ring composition*; além disso,

> Dos lugares que Pausânias descreve na Grécia, dois dos mais esplêndidos são, sem dúvida, Atenas (Livro I) e Delfos (Livro X), e, como Elsner notou, o lugar mais esplêndido de todos, Olímpia, assenta-se no ponto médio do trabalho [livros V e V], colocando-se entre os dois polos de Atenas e Delfos como uma "grande metonímia de toda a Grécia de Pausânias" com seus monumentos pan-helênicos e associações.[47]

Pausânias segue uma sequência topográfica geral que vai de leste a oeste, diferente de outras descrições da Grécia que vão de oeste a leste, como afirma Hutton; iniciando na Ática, o periegeta passa ao Peloponeso e depois retorna à parte central da Grécia para descrever Beócia e Fócia.[48] Nos territórios específicos, Pausânias obedece ao que Hutton chama de "plano radial", cuja melhor descrição do método é feita por Frazer:

> Depois de narrar em linhas gerais a história do distrito que está prestes a descrever ele prossegue da fronteira até a capital pela estrada mais próxima, notando qualquer coisa de interesse que o impressiona pelo caminho. Tendo chegado à capital, ele vai direto para o centro, geralmente para o mercado, descreve as construções principais e monumentos, e então segue pelas ruas, uma após outra, que irradiam do centro em todas as direções, registrando os objetos mais notáveis em cada uma delas. Tendo terminado sua narrativa da capital ele descreve os distritos em redor segundo o mesmo princípio. Ele segue as principais características naturais e as cidades mais importantes, aldeias, e monumentos que encontra no caminho. Tendo seguido a estrada até que ela o leve à fronteira, ele traça seu caminho para a capital, e parte junto a outro que ele trata da mesma forma, até neste assunto ter esgotado todas as principais vias que ramificam da cidade. Ao chegar ao final da última delas ele não retorna seus passos, mas cruza a fronteira para o próximo distrito, que ele então começa a descrever da mesma forma.[49]

---

[47] "Of the sites that Pausanias describes in Greece, two of the most splendid were no doubt Athens (Book I) and Delphi (Book X), and, as Elsner has noted, the most splendid site of all, Olympia, straddles the midpoint of the work, standing between two poles of Athens and Delphi as a 'grand metonym for all of Pausanias Greece' with its panhellenic monuments and associations." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 79).

[48] HUTTON. *Describing Greece*, p. 77, nota 38: "For an author like Strabo, based in Rome, this is no surprise, but it is apparently also true of Ephoros (cf. Strabo 8.1.3 and Ps.-Skymnos 470 ff.)."

[49] "After narrating in outline the history of the district he is about to describe he proceeds from the frontier to the capital by the nearest road, noting anything of interest that strikes him by the way. Arrived at the capital he goes straight to the centre of it, generally to the market-place, describes the chief buildings and monuments there, and then follows the streets, one after the other, that radiate from the centre in all directions, recording the most remarkable objects in each of them. Having finished his account of the capital he describes the surrounding district on the same principle. He follows the chief natural features and the most important towns, villages, and monuments that he meets with on the way. Having followed the road up till it brings him to the frontier, he traces his steps to the capital, and sets off along another which he treats in the same way, until in this matter he has exhausted all the principal thoroughfares that branch from the city. On reaching the end of the last of them he does not return on his footsteps, but crosses the boundary into the next district, which he then proceeds to describe after the same fashion." (FRAZER. *Pausanias' Description of Greece*, p. I.XXIII-XXIV, *apud* HUTTON. *Describing Greece*, p. 83).

Ao comentarmos os critérios de seleção para o escopo topográfico da *Periégesis*, faz-se necessário também analisarmos os critérios para escolha dos locais, monumentos, obras e histórias – os *lógoi* e *theorémata* da obra de Pausânias.[50] Há, portanto, dois níveis de registro: o da palavra (escrita ou falada) e o registro do que se pode ver.[51] Porém, cada região tem sua especificidade e não apresenta a mesma quantidade e qualidade de monumentos e tradições locais, no que Hutton vê um esforço para manter um padrão de tamanho dos livros quanto à quantidade de material: "Essa necessidade pode ajudar a explicar a presença de alguns *lógoi* extensos que frequentemente ocorrem nas descrições de áreas pobres em *theorémata*".[52]

Ao longo do texto o periegeta usa expressões que nos indicam sua preferência. Para os mitos e histórias Pausânias usa expressões do tipo "as coisas dignas de serem contadas" ou "as coisas mais dignas de memória".[53] Para o conteúdo físico – obras de arte, monumentos, construções, por exemplo – encontramos a expressão "as coisas dignas de contemplação", *théas áxion*.[54] No entanto, entre o que é selecionado há uma diferenciação, pois há *lógoi* ou *theorémata* que são caracterizados como *tà málista áxia*. Entre as coisas consideradas dignas de serem contadas ou vistas, existem aquelas "mais dignas".

Esse critério de valorização, para os *theorémata* especialmente, parece funcionar segundo um gosto estético e, se assim podemos considerar, também cultural. Como afirma Habicht, "o processo de seleção propriamente dito oferece um *insight* sobre o gosto do autor. Em geral, Pausânias prefere o velho ao novo, o sagrado ao profano".[55] Karim Arafat, em seu livro *Pausanias' Greece: ancient artists and Roman rulers*, discute num capítulo específico – "Pausanias on the past" – esse interesse pelo passado e pela religião. Segundo a autora, o principal interesse de Pausânias se concentra nas cidades e seus santuários, pois se trata de locais que concentram a identidade da comunidade, com suas obras de arte e representações compartilhadas. O interesse pelo passado surgiria naturalmente desse interesse pela religião:

---

[50] Há precedentes em Heródoto para a relação que Pausânias faz entre *lógoi* e *theorémata* (HUTTON. *Describing Greece*, p. 191-2; BOWIE. Inspiration and aspiration: date, genre and readership, p. 25).

[51] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 21. É importante observarmos que não estamos afirmando que tudo o que consideramos *theorémata* foi visto por Pausânias, mas ainda assim a divisão proposta por Habicht se aplica, no plano da narrativa. Essa perspectiva de Pausânias como testemunha será melhor abordada no capítulo 2.

[52] "This need may help to explain the presence of some of the extended *logoi* which frequently occur in description of areas poor in *theôrêmata*." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 72).

[53] τὰ ἀξιολογώτατα ou τὰ μάλιστα λόγου ἄξια, e τὰ μάλιστα ἄξια μνήμης (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 22, notas 88-89).

[54] Em relação aos τὰ θέας ἄξια alguns comentadores não consideram a expressão como um critério decisivo de seleção, mas trataremos essa questão detalhadamente no capítulo 2.

[55] "the very process of selection provides an insight into the taste of the author. In general, Pausanias prefers the old to the new, the sacred to the profane." (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 23).

"A antiguidade legitima um lugar e lidando com santuários Pausânias pode inevitavelmente lidar com antiguidades e seu significado".[56] Essa atenção dedicada às coisas do passado resulta numa terminologia específica: tudo o que é antigo, e que por isso merecia sua atenção, é caracterizado como *archaîos* ou *palaiós* (ou com seus superlativos). Esse critério de antiguidade reflete, por exemplo, na apreciação das técnicas artísticas como indicadores temporais.[57]

Hernández resume o critério de seleção operado por Pausânias da seguinte forma: para os *theorémata*, o critério é a antiguidade e o valor artístico; para os *lógoi*, o que não foi narrado por historiadores de mais prestígio.[58] Tanto Hernández quanto Arafat concordam que as escolhas feitas por Pausânias têm relação com seu contexto sociocultural.[59] Temos um contexto de uma política imperial que incentivava a identificação dos gregos com seu passado por meio de vários mecanismos, como a fundação do *Panhellenion* (131-132 d. C.), a revitalização da tradição dos jogos e festivais e a concessão de nomes antigos para cidades. Estudiosos como Swain, veem nessa política uma forma ideológica de "atrelar" a elite grega ao império.[60] Primeiro apontaremos o que é *théas áxion* para Pausânias, observando seus critérios de seleção, para depois analisar sua relação com o contexto sociocultural. O percurso dessa nossa viagem dissertativa está traçado.

---

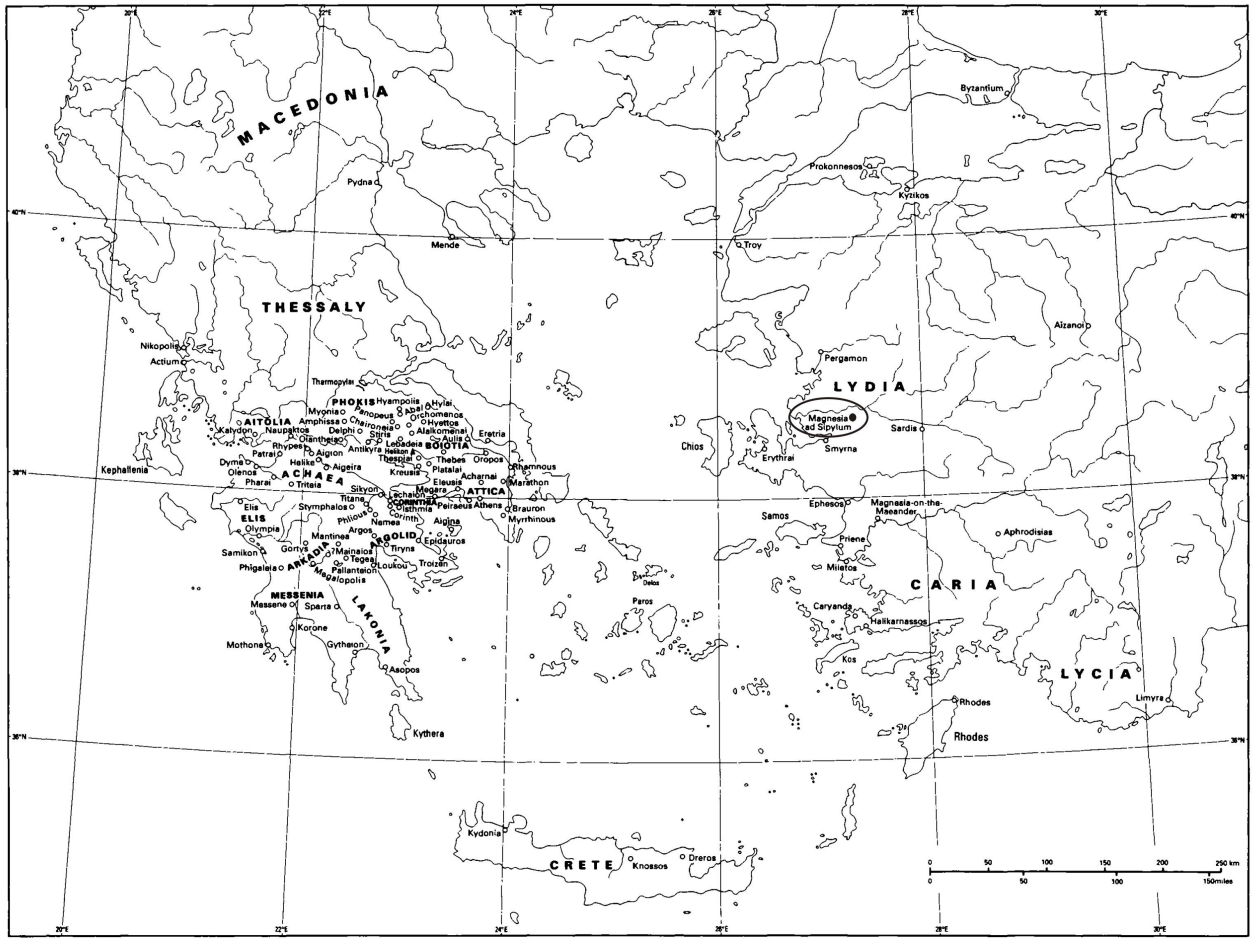
[56] "Antiquity legitimizes a site, and in dealing with sanctuaries Pausanias would inevitably be dealing with antiquities and their significance." (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 10).

[57] ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 43-79. "Pausanias is not simply concerned with technique *per se*, but with technique as an indicator of relative date." (p. 47). Segundo Arafat, há uma relação entre técnicas simples e antiguidade (por exemplo, quando o periegeta relaciona *argòs líthos* e *palaiós* – como em IX, 27,1; assim como há relação entre objetos feitos em madeira – *xóanos*, por exemplo – e passado). Sobre os xoanos, há um artigo bastante detalhado de Jean-Christophe Vincent, "Le xoanon chez Pausanias: littératures et réalités cultuelles", que abre a questão da diversidade de termos específicos do vocabulário para designar estátuas, imagens e objetos de culto *(ágalma, xóanon, eikón, andriás, daidála)*, o que nos leva a pensar também na diversidade de termos para templos, santuários e locais de culto (*vaós, hierós, témenos*), que oferecem bastante dificuldade para o leitor ou tradutor.

[58] HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta en su contexto de formación en el oriente heleno:* Esmirna y Pérgamo, p. 23.

[59] "While the narrative of Pausanias is deeply personal, it is also a product of the society into which its author was born and in which he lived." (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 24).

[60] SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 76. Discutiremos essa questão no capítulo 3.



Map of Roman Greece

FIGURA 1 – Mapa da Grécia sob domínio romano em que destacamos a região de Magnésia de Sípilo – Ásia Menor.
Fonte: ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 10.

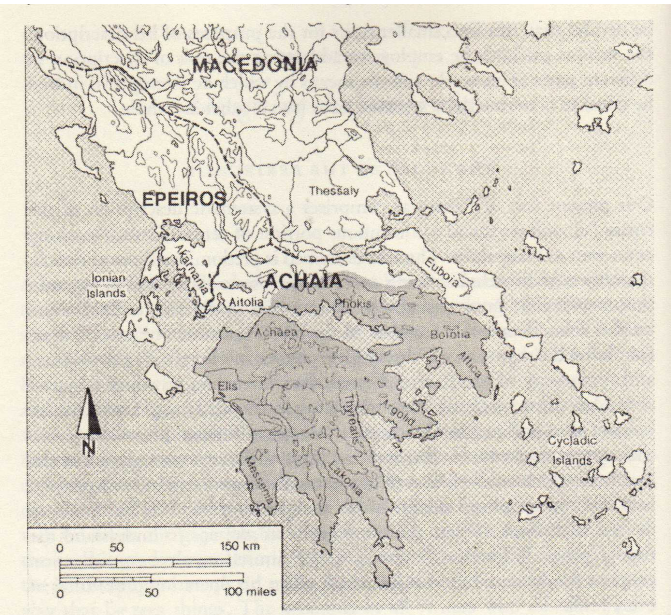


Figure 3.1. Mainland Greece; the shaded area represents the territory covered in Pausanias' *Periegesis*.

FIGURA 2 – Província de Acaia e área coberta pela *Periégesis*.

Fonte: HUTTON. *Describing Greece*, p. 56.

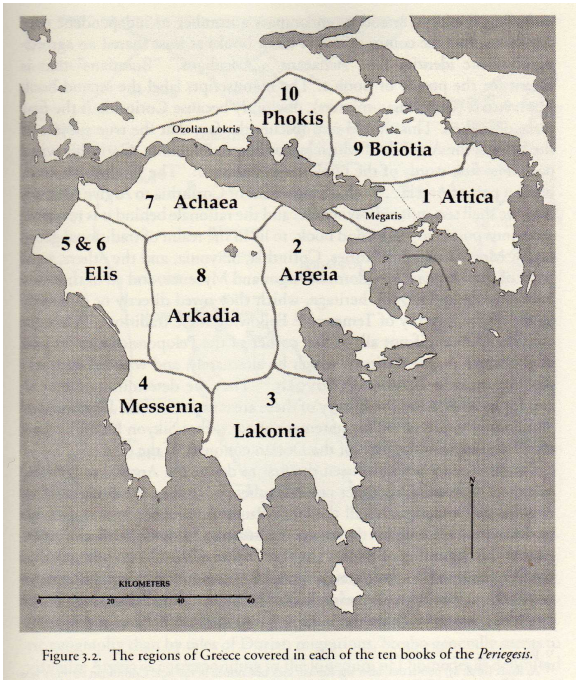


Figure 3.2. The regions of Greece covered in each of the ten books of the *Periegesis*.

FIGURA 3 – Divisão dos livros pelas regiões da Grécia.

Fonte: HUTTON. *Describing Greece*, p. 69.

CAPÍTULO 2

O sentido de *théas áxion* no livro III, a Lacônia

1. A importância da visão na cultura grega: breve introdução

Charles Segal, no trabalho intitulado "O ouvinte e o espectador", declara que "os gregos são um povo de espectadores".[61] Anos mais tarde, Athanasios Stéfanis, ao dissertar sobre o mensageiro na tragédia grega, dirá, mais especificamente, que um acontecimento recontado por um é ação em forma de palavra e que os gregos são espectadores de palavras.[62] Essas afirmações ilustram um pouco daquilo que veio a ser um *tópos* na cultura grega antiga: a importância da visão. Em todos os estudos que abordam essa questão, seja como temática principal, como o artigo de Segal, seja como temática subjacente, Homero assume o ponto de partida. Tanto na *Odisseia*, com os primeiros versos acerca de Ulisses, "(...) homem astuto que tanto vagueou", e "muitos foram os povos cujas cidades observou (*íden*), / cujos espíritos conheceu; (...)";[63] ou na *Ilíada*, onde podemos perceber que

> [o] guerreiro homérico está diante de nós "esplêndido à vista", *thàuma idèsthai*, segundo a expressão épica recorrente. Imagina-se visualmente a sua força: fúlgido nas suas armas cintilantes, sobressai pela terrível crista e pelas plumas do elmo, e é muitas vezes descrito em movimento rápido, gerando comparações com exemplos extraídos do mundo da natureza e que impressionam a vista, como grandes animais, pássaros velozes, o fogo, o raio no céu.[64]

A importância da visão em Homero está também na especificidade do vocabulário, como observou Bruno Snell.[65] Entre os vários verbos relativos à visão, a diferenciação de sentido se dá pelo modo de olhar ou pela afetividade que envolve o momento do olhar, como um "olhar de longe" expresso pelo verbo *leýsso* e um "ver abrindo a boca" indicado por *theâsthai*.[66]

---

[61] In: VERNANT. *O homem grego*, p. 175.
[62] STÉFANIS. *Le messager dans la tragédie grecque*, p. 13.
[63] *Odisseia*, I, vv. 1 e 3. Todas as citações da *Odisseia* e da *Ilíada* nesse capítulo são das traduções de Frederico Lourenço.
[64] SEGAL. O ouvinte e o espectador, p. 176.
[65] SNELL. A concepção do homem em Homero, p. 19-23.
[66] SNELL. A concepção do homem em Homero, p. 22.

Alguns mitos tradicionais nos remetem a uma narrativa voltada para o olhar, o que Joana Matos Frias chama de "retórica da visão"; personagens que não resistiram à tentação de ver, tal como Orfeu, "o primeiro poeta [que] não resistiu à tentação de olhar para trás", e Psiquê, que não resistiu à tentação de ver Eros; Narciso, que não resistiu à tentação de ver a si próprio, e a Medusa, que "não resistiu ao reflexo do próprio olhar".[67] Na tragédia teremos não só a experiência visual em questão, como também a utilização desses mitos cujas narrativas voltadas para o olhar despertam a complexa questão do conhecimento. Não poderíamos deixar de citar como exemplo as tragédias sobre Édipo, de Sófocles, em que estão em jogo conhecimento e visão, cegueira e ignorância, e a figura de Tirésias.[68]

Para a História, ou o que veio a ser considerado como tal, a questão da visão tornou-se uma discussão em que a validade do conhecimento passava pelos diferentes graus de testemunho. Na narrativa de Heródoto o ato de ver tinha grande importância, a autópsia, em particular, o ver com os próprios olhos.[69] Como afirma Hartog, "em Heródoto, não existe nenhuma distância entre dizer e ver: ver e dizer, visível e dizível comunicam-se plenamente ou sobretudo não são constituídos em esferas separadas".[70] Na medida em que "descrever é ver e fazer ver", mas também é "saber e fazer saber", ou melhor, "fazer ver um saber", temos a visão como fonte do conhecimento, lembrando que *oîda* tem sua raiz em **wid*, assim como *hístor.*[71] Há, porém, em Heródoto, outra fonte de saber, a *akoé*. Entre os diferentes níveis da *akoé*, de acordo com a proximidade da informação – se é direta ou tem intermediários –, Hartog resume que "positivamente, a *akoé* significa 'eu me informei' (*pynthánomai*), eu investiguei (*historéo*) junto de pessoas que dizem, por terem elas próprias visto ou por terem ouvido de outros que viram ou que dizem ter visto etc...".[72]

---

[67] FRIAS. A retórica da visão na poética clássica, p. 25.

[68] SEGAL. O ouvinte e o espectador, p. 181-182. O autor cita o insulto de Édipo a Tirésias, no *Édipo Rei*, 371, como exemplo do paradoxo colocado a respeito das percepções sensoriais e o conhecimento: "És cego nos olhos, nos ouvidos, na mente".

[69] Há uma relação, em Heródoto, entre ver e maravilhar-se (*thôma*). Como afirma Morais, "o testemunho ocular a que Heródoto se refere, 'Eu vi com meus próprios olhos', é mais do que simplesmente ver: é comprovar que o maravilhoso (*thôma*) é verdade" (*Maravilhas do mundo antigo*: Heródoto, pai da História? p. 17).

[70] HARTOG. *O espelho de Heródoto,* p. 264.

[71] "Híston, como lembra Benveniste, é, em época muito antiga, a testemunha, 'a testemunha enquanto aquele que sabe, mas, desde logo, também enquanto aquele que viu'" (HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 274).

[72] HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 281. Há uma discussão bastante conhecida, mas não por isso menos interessante, acerca da relação entre a épica e a audição. Essa função seria tida, então, como parte importante na manutenção do *kléos*. Assim Segal acrescenta à sua afirmação inicial que os gregos são "bons observadores e hábeis narradores" (SEGAL. O ouvinte e o espectador, p. 175).

A princípio, esse é um ponto de comparação entre Heródoto e Tucídides. Para este, o saber histórico está antes na *ópsis*, pois "quanto à *akoé*, não tem ela grande valor de verdade, motivo porque o passado não pode ser conhecido com certeza".[73] Afirma Tucídides:

> E, quanto às ações que foram praticadas na guerra, decidi registrar não as que já conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível. Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos, mas falavam segundo a simpatia por uma ou outra parte ou segundo as lembranças que guardavam. E para o auditório o caráter não fabuloso (*mythôdes*) dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente.[74]

Há nessa discussão uma grande questão epistemológica: a superioridade do olho com relação aos outros sentidos, do olhar como fonte de conhecimento,[75] em que se apoiam teorias filosóficas como "a teoria das formas" de Platão. Como observa Segal, "[p]ara Platão, conhecer o reino suprassensível das Ideias significa poder ver esse reino luminoso e eterno por cima dos obscuros e materiais fenómenos terrenos (cf. *Fédon*, 109b-110c; *República*, 9.586a)."[76] A visão também é importante para a teoria de Aristóteles; no início da *Metafísica* o filósofo observa que

> [t]odos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais que todas as outras, as visuais com efeito, não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a vista aos demais. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferenças nos descobre.[77]

Conscientes da dimensão e complexidade da importância da visão na antiguidade, entendendo todos os seus desdobramentos, que trazem à tona perspectivas mais complexas ainda, como a questão do conhecimento, não pretendemos esgotar a temática.[78] Entendemos também que em cada teoria e, portanto, em diferentes perspectivas, a visão assume posições diversas. Mesmo em Pausânias a visão parece ter uma dupla interpretação: aquela do autor, que afirma ter visto para escrever, e a do leitor, que transforma visão em imaginação, ações

---

[73] HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 283.
[74] TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso*, I, 22, tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo : Martins Fontes, 1999, *apud* MORAIS. *Maravilhas do mundo antigo*, p. 23.
[75] HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 274.
[76] SEGAL. O ouvinte e o espectador, p. 181.
[77] ARISTÓTELES. *Metafísica*, livro I, capítulo 1. Tradução de Vinzenzo Cocco.
[78] Para uma abordagem específica sobre o olhar: VILLARD (Org.). *Études sur la vision dans l'antiquité classique*. Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2005; VILLARD (Org.). *Coulers et vision dans l'antiquité classique*. Publications de l'Université de Rouen avec le concours du conseil général de la Seine-Maritime, 2002; MUGLER. La lumière et la vision dans la poèsie grecque. *Revue des études grecques*, tome LXXII, janvier-juin 1960.

em palavras. A rápida introdução somente se justifica pelo desejo de se ter em mente e de se considerar toda uma estrutura elaborada pela cultura grega, num quadro de mentalidades, que chegou ao nosso autor, no século II.

2. A importância da visão na viagem

É comum, nas narrativas de viagem, termos um "quadro sustentado por um ver".[79] O olho do viajante, a testemunha, é um instrumento de persuasão. Através de marcas enunciativas, como "eu vi" ou "eu ouvi", o narrador busca que seus leitores, ou ouvintes, acreditem no que ele relata ou escreve. Assim é para Heródoto, como afirma Hartog.[80]

Numa perspectiva diferente, no período helenístico, a viagem também é importante para Diodoro de Sicília (séc. I a. C.). Segundo Cynthia Cristina de Morais Mota, parece não ser verdade quando o autor da *Biblioteca Histórica* afirma que viajou para ver os lugares que narra: "se ele ainda sente necessidade de dizer isto é porque ainda se esperava que os historiadores assim procedessem".[81] O sentido das viagens estava mais na visita às bibliotecas. Diodoro utiliza termos como *parádoxa* e *thaumázei*, espanto, admiração e maravilhamento, não no sentido de atrair o leitor, mas de educá-lo, "mostrando a diversidade de costumes da terra habitada, com seus animais exóticos e lugares inóspitos, onde, apesar de tudo, os homens conseguiram se estabelecer".[82]

Vimos, no primeiro capítulo, que a viagem que Pausânias faz pela Grécia também é balizada pelo olhar. Há uma separação entre aquilo que é dito, os *lógoi*, e que, portanto, é feito com base naquilo que ele ouviu ou leu em outras fontes; e aquilo que teoricamente é visto, no percurso da viagem, os *theorémata*. Apesar dessa diferenciação, tendemos a atribuir uma importância maior ao olhar e à experiência: a presença na região, a visão das paisagens, da topografia, das construções e monumentos, que despertaria a memória do viajante para as histórias e mitos relacionados. O olhar despertaria a memória do viajante. Os *theorémata* despertariam os *lógoi*, que por sua vez também fazem ver. No livro *Memória de Ulisses*, em que Hartog tem como foco principal narrativas de viagem, ao analisar a obra e o método de Pausânias, o estudioso anota que:

---

[79] HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 262.
[80] HARTOG. Heródoto, rapsodo e agrimensor. In: HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 227-367.
[81] MOTA. *As lições de História Universal da* Biblioteca Histórica *de Diodoro de Sicília como processo educativo da humanidade*, p. 194.
[82] MOTA. *As lições de História Universal da* Biblioteca Histórica *de Diodoro de Sicília como processo educativo da humanidade*, p. 197.

> Há o que se diz (*lógoi*) e o que o olho do viajante pode atingir (*theorémata*). É claro que, para essa viagem da Grécia, o olho sem as palavras seria muitas vezes cego, correndo o risco de passar ao largo do que se deve ver e de nem mesmo saber o que se vê. Mas as palavras sozinhas, de digressão em digressão (*epeisódion)*, desviariam o viajante. O que ao longo do caminho pede sua atenção funciona como um controle, princípio de classificação e de seleção das palavras – e também como incitação a que se respeite a regra do "tratamento igual", tomada de Heródoto.[83]

Uma grande discussão se estabeleceu em torno da autópsia em Pausânias. Muitas coisas descritas pelo periegeta puderam ser comprovadas em descobertas arqueológicas. No entanto, surgiram muitas críticas à *Periégesis*. Christian Habicht dedica um apêndice em seu livro *Pausanias Guide to Ancient Greece* para tratar dessa questão, afirmando que:

> A reputação de Pausânias, mais do que qualquer outro escritor antigo, tem sofrido muito com a animosidade (isso deve ser dito), a arrogância dos estudiosos modernos, entre os quais as autoridades alemãs em literatura grega tiveram claramente a liderança. (...) As principais acusações contra ele são que, embora ele cite um grande número de escritores anteriores, ele havia, de fato, lido muito pouco, que a maioria de suas citações são de segunda mão, de manuais anônimos, e mesmo quando ele afirma uma leitura pessoal ele frequentemente está mentindo. Além disso, das partes descritivas de seu livro, afirmava-se que Pausânias tinha, de fato, visto muito pouco do que ele reivindica estar descrevendo, e na maioria dos casos havia sido copiada de autores anteriores como Polemon de Ílion que viveu no segundo século a. C. Portanto, concluía-se, a Grécia descrita nas páginas de Pausânias não era a Grécia de seu tempo, mas a *Hellás* de 300 a 350 anos antes. A raridade com que ele menciona monumentos depois do terceiro século a. C. pareceu encontrar uma explicação natural com essa teoria.[84]

Quando diz *German authorities* Habicht se refere, principalmente, a Enno Friedrich Wichard Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff (1848-1931). Habicht traça uma história das críticas nos artigos de Wilamowitz que hipotetiza que Pausânias não teria lido os poemas que cita, mesmo quando diz *egò epelexámen*; para o helenista, a afirmação de Pausânias de que conheceu por ter visto – *theasámenos oîda* – teria apenas valor estilístico.[85] A teoria de Wilamowitz atraiu seguidores como A. Kalkmann (*Pausanias der Perieget*,

[83] HARTOG. *Memória de Ulisses*, p. 161

[84] HABICHT. *Pausanias Guide to Ancient Greece*, p. 165: "Pausanias' reputation, more than that of any other ancient writer, has suffered greatly from the animosity (it must be said) the arrogance of modern scholars, among whom German authorities on Greek literature clearly had the lead. (…) The main accusations against him were that, though he quotes a large number of earlier writers, he had, in fact, read extremely little, that most of his quotations were secondhand from anonymous handbooks, and that even here he claims personal reading he is often lying. Furthermore, of the descriptive parts of his book, it was stated that Pausanias had, in fact, seen very little of what he claims to be describing, and had mostly copied earlier writings by Polemo of Iliumm who lived in the second century B.C. Therefore, it was concluded, the Greece described in the pages of Pausanias was not the Greece of his time, but Hellas some 300 to 350 years earlier. The infrequency with which he mentions monuments later than the third century B.C. seemed to find a natural explanation with this theory."

[85] Essas críticas de Wilamowitz constam principalmente do artigo "Homerische Untersuchungen" (Berlim, 1884) (HABICHT. *Pausanias Guide to Ancient Greece*, p. 166).

Berlim, 1886), Carl Robert (*Pausanias als Schriftsteller*, Berlim, 1909) e Giorgio Pasquali (*Die schriftstellesrische Form des Pausanias*, 1913), mas despertou também aqueles que defendiam opinião contrária, como J. H. C. Schubart (*Pausanias und seine Akläger,* 1883-84*)*, H. Brunn (*Pausanias und seine Akläger*, 1884), H. Hitzig (*Zur Pausaniasfrage*, Leipizig, 1887), W. Gurlitt (*Über Pausanias*, Graz, 1890), R. Heberdey (*Die Reisen des Pausanias in Griechenland*, Viena, 1894) e James George Frazer (estudo e tradução em seis volumes: *Pausanias's Description of Greece*, 1898).

Segundo Habicht as críticas de Wilamowitz vêm de uma experiência fracassada. Em maio de 1873, em uma visita a Grécia com outras pessoas, Wilamowitz teria utilizado a *Periégesis* para guiar o grupo. A experiência não obteve sucesso e Habicht observa que "é fácil especular que ele deve ter feito um roteiro muito pobre para seu grupo naquele dia, que talvez até tenha sido ridicularizado, e certamente humilhado".[86] O problema foi que o caminho seguido por Wilamowitz foi tomado por Pausânias a partir de outra direção. A opinião negativa sobre Pausânias teria se agravado pelo fato de que uma descoberta de Heinrich Schliemann, que não agradava a Wilamowitz, foi baseada em uma passagem da *Periégesis*, especificamente II, 16. Habicht sugere que a crítica de Wilamowitz baseou-se em acontecimentos quase anedóticos, e somos levados a pensar que ela deveria ter sido mais bem fundamentada.

Entre os comentadores modernos não encontramos qualquer trabalho em que a questão da autópsia aparecesse como abordagem principal. Apesar disso, a temática é considerada importante na obra, como afirma Arafat: "a autópsia é, na minha opinião, a única característica mais distintiva no trabalho de Pausânias, e por isso é importante estabelecer que é um princípio fundamental subjacente".[87] A autora observa ainda que a autópsia é evidente não apenas pela riqueza de detalhes de suas descrições, mas também porque viajar, visitar a Grécia, fazia parte da educação de um homem da época de Pausânias.[88] Para Hutton, "a autópsia é um dos elementos principais pelo qual o trabalho de Pausânias se distingue de seus predecessores e contemporâneos";[89] o tipo de descrição feita pelo periegeta exigiria uma familiaridade com cada território, com cada região, e pressupõe um nível de contato maior

[86] "It is easy to especulate that he must have made a very poor guide of his group that day, and that he perhaps was ridiculed, and certainly humiliated" (HABICHT. *Pausanias Guide to Ancient Greece*, p. 170).
[87] "Autopsy is, in my view, the single most distinctive feature in Pausanias' work, and it is therefore important to establish that it is a fundamental underlying principle" (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 17).
[88] ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 17.
[89] "Autopsy is one of the main element by which Pausanias' work is distinguished from that of his predecessors and contemporaries." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 67).

que uma breve visita. Essa dimensão da autópsia seria um dos critérios para inclusão dos territórios na *Periégesis*. A variação de familiaridade com as regiões corrobora essa ideia.

Duas hipóteses, portanto, são colocadas: a) a negação da autópsia – Pausânias usaria o trabalho de outros autores como fonte. Algo aos moldes dos viajantes de gabinete do século XVIII;[90] b) a autópsia seria real; Pausânias "viu com os próprios olhos" tudo o que descreve. Questionamos, então, se quando o periegeta diz que algum objeto é "digno de contemplação" (*théas áxion*) implicaria uma situação de autópsia?

3. *Théas áxion* e a *Periégesis*: o livro III

O livro III começa com a genealogia dos reis da Lacedemônia, as diversas sucessões e guerras, abordando as duas casas reais espartanas.[91] As descrições dos lugares se iniciam apenas no final do décimo capítulo (10,6), retomando o final do livro II, a fronteira dos lacedemônios, argivos e tegeatas. A primeira ocorrência, no livro III, do que é "digno de contemplação" (*théas áxion*) aparece apenas no capítulo 11, do total de 26 capítulos. Após passar por Tórnax, região da Lacônia, Pausânias chega a Esparta. Antes de descrever o que é digno de contemplação entre os espartanos, o periegeta comenta que seguirá o mesmo método utilizado para a descrição da Ática: descrever o que é digno de ser lembrado e o que é digno de ser mencionado.

ὃ δὲ ἐν τῇι συγγραφῇι μοι τῇι Ἀτθίδι ἐπανόρθωμα ἐγένετο, μὴ τὰ πάντα με	Mas revelarei agora, antes da narrativa das coisas em relação aos espartanos, uma ressalva que se

[90] Sobre a questão, ver KURY. "Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem". No artigo, chama nossa atenção uma citação de Georges Cuvier, importante homem de ciência de seu tempo, que ao contrário de Alexander von Humboldt, considerava a experiência da viagem substituível: "é verdade que conhece os seres dos países longínquos apenas através de relatos e amostras mais ou menos alteradas; as grandes cenas da natureza não podem ser sentidas por ele com a mesma vivacidade que por aqueles que as testemunharam; porém, esses inconvenientes são compensados por muitas vantagens. Se ele não vê a natureza em ação, ele pode fazer desfilarem diante de si todos os produtos; ele leva o tempo que quiser para examiná-los; ele pode acrescentar ao estudo fatos correlatos de diversas procedências. O viajante percorre apenas um caminho estreito. É unicamente no gabinete que se pode percorrer o universo em todos os sentidos; mas é necessário, para tanto, um outro tipo de coragem: aquela que provém de uma devoção sem limites pela verdade e que só permite o abandono de tema quando, por meio da reflexão, da observação e da erudição, ele foi iluminado por todos os raios que o estado momentâneo de nossos conhecimentos pode oferecer" (*apud* Outram. *Georges Cuvier:* vocation, science and authority in the post revolutionary France, p. 62. In: KURY. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. p. 864).

[91] A. R. Meadows, no artigo "Pausanias and the historiography of Classical Sparta" faz uma análise de cada período narrado por Pausânias buscando identificar as fontes usadas. Na conclusão ele observa: "We are, finally, in a position to revise our view of Pausanias as an historical reporter. His choice of sources is significant: with the inevitable exception of Herodotus, Pausanias chose the work of men who were close contemporaries of the events about which they wrote and, perhaps, *engagé*: Theompompus the moral critic of the fourth century, Hieronymus the court historian of the Successor, Philochorus the patriotic Athenian and Aratus the Achaean Strategos. Their texts were as much ancient artifacts as the buildings and monuments that complement Pausanias' historical accounts" (p. 113).

ἐφεξῆς, <τὰ δὲ> μάλιστα ἄξια μνήμης ἐπιλεξάμενον ἀπ᾽ αὐτῶν εἰρηκέναι, δηλώσω δὴ πρὸ τοῦ λόγου τοῦ ἐς Σπαρτιάτας· ἐμοὶ γὰρ ἐξ ἀρχῆς ἠθέλησεν ὁ λόγος ἀπὸ πολλῶν καὶ οὐκ ἀξίων ἀφηγήσεως, {ὧν} ἃ ἕκαστοι παρὰ σφίσι λέγουσιν, ἀποκρῖναι τὰ ἀξιολογώτατα. ὡς οὖν εὖ βεβουλευμένος οὐκ ἔστιν ὅπου παραβήσομαι.	fez, por mim, na descrição da Ática: não nomeei todas as coisas sucessivamente, mas relatei as mais dignas de memória. Com efeito, desde o princípio a minha narrativa quis discernir a partir do relato de muitas e não dignas coisas, dentre as quais a que cada um entre eles diz, as mais dignas de menção. Assim, tendo sido bem decidido, não acontecerá jamais que eu me descuide.

Essa passagem tem grande importância em nossa justificativa de escolha do livro III, pois, como afirma Habicht, essa é "a declaração mais completa e mais clara de suas intenções (...)".[92] Pausânias faz referência à narrativa da Ática, I, 39, 3, em que diz que as coisas que apresentou foram as mais notáveis da Ática (*gnorimótata*), entre as narrativas e monumentos (*én te lógois kaì theorémasin*). O periegeta repete alguns termos de uma sentença acima quando diz ter selecionado entre um vasto material o mais apropriado para a narrativa (*apékrine dè apò tôn pollôn ex arkhês ho lógos moi tà es syngraphèn anékonta*). Na passagem acima, antes de iniciar a narrativa sobre os espartanos, Pausânias reitera seu propósito e método reafirmando seguir um plano que teria sido previamente traçado. Isso demonstra não só um cuidado do autor com o texto, mas a decisão a partir da elaboração de um projeto que, se para nós não é totalmente claro, parecia sê-lo para o periegeta.

Até o momento convencionamos traduzir *théas áxion* como "digno de contemplação". *Théas* (substantivo feminino), que aparece sempre no genitivo, segundo Chantraine, tem o sentido de "vista, espetáculo, contemplação"; e *áxion* (adjetivo, no nominativo *áxios*), após Homero, desenvolveu o sentido "de valor, que vale, que merece".[93] Ao analisar outras traduções encontramos, por exemplo: *worth seeing* (Jones e Ormerod – Loeb), *qui mérite d'être vue* (Clavier), *di notevole belleza* (Rizzo – BUR) e *digno de ver* (Ingelmo – Gredos). A opção por "digno de contemplação" é, principalmente, por correspondência lexical. Percebemos que a opção não tem o impacto que traz a sonoridade do grego, ou o destaque do emprego em uma sentença. Como afirma Hutton,

> Frequentemente no percurso da *Periégesis*, por exemplo, Pausânias descreve alguma coisa ou outra como "digno de ser visto" (*théas áxion*). Estudiosos têm gasto muito esforço tentando analisar o que faz com que algo seja tido como "digno de ser visto" na opinião de Pausanias, e monumenots chegaram mesmo a ser identificados e datados com base no fato de que Pausânias se referiu a eles como "dignos (ou não) de serem vistos". Tende a ser ignorado o fato de que ao menos uma das motivações de Pausânias em usar essa frase

[92] "The fullest and clearest statement of his intentions is found in III. 11.1, at the beginning of the description of Sparta (…)". (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. p. 22).

[93] CHANTRAINE. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*: histoire des mots. Respectivamente, "vue, spectacle, contemplation" (p. 425) e "de valeur, qui vaut, qui mérite" (p. 94).

> é métrica: nos casos em que *théas áxion* vem no final de uma sentença ou dois pontos e é precedido por uma sílaba pesada, condições que ocorrem com bastante frequência, isso cria o final uma sentença dicrética (-u-l-ux).[94]

Não conseguimos traduzir *théas áxion* num termo mais coeso, como no grego. A expressão curta, juntamente com sua sonoridade, marcada primeiro por uma consoante oclusiva aspirada θ, e, em seguida pela consoante dupla ξ, tem o efeito de uma exclamação. Como se disséssemos "vale a pena ver!"

Ao todo na *Periégesis* temos um total de 69 ocorrências de *théas áxion*.[95] Como podemos observar no quadro abaixo, a Lacônia não é a região/livro que apresenta maior índice. Fazendo uma média de ocorrências em comparação com os outros livros, podemos pensar na teoria de alguns comentadores que afirmam que o método de Pausânias estaria sendo estabelecido ainda nos primeiros livros. Por isso, eles apresentariam um maior número de ocorrências da expressão *théas áxion*. Porém, tal hipótese não nos parece suficiente já que não podemos afirmar com certeza que os livros foram escritos na ordem em que se apresentam hoje, sequer se a obra foi dividida em livros pelo autor.

QUADRO 1
Comparação de ocorrências do sintagma *théas áxion* na *Periégesis*

Livro	**Quantidade de ocorrências**
I – Ática	19
II – Corinto	16
III – Lacônia	11
IV – Messênia	1
V – Élide	1
VI – Élide	1
VII – Acaia	3
VIII –Arcádia	6
IX – Beócia	8
X – Fócida	3

[94] "Frequently in the course of the Periegesis, for instance, Pausanias describes something or other as 'worth seeing' (θέας ἄξιον). Scholars have expended much effort in trying to analyze what makes something 'worth seeing' in Pausanias opinion, and monuments have even been identified and dated on the basis of whether or not Pausanias referred to them as 'worth seeing'. The fact tends to be overlooked that at least one of Pausanias' motivations for using this phrase is metrical: in cases where θέας ἄξιον comes at the end of a sentence or colon and is preceded by a heavy syllable, conditions that occur quite frequently, it forms the end a dicretic clausula (-u-l-ux)" (HUTTON. *Describing Greece*, p. 229).

[95] Ver ANEXO B, "Ocorrências da expressão *théas áxion* na *Periégesis*".

No livro III temos 11 ocorrências que principiam em 11, 2 e as duas últimas ocorrem num mesmo versículo (25, 10). No capítulo 1 comentamos que o critério de escolha dos *theorémata* obedece a um gosto pelo passado e pela religião. Dessa forma, passaremos ao comentário das ocorrências procurando observar o que atrai o olhar de Pausânias. Na primeira utilização de *théas áxion* no livro III temos:

III, 11, 2

Λακεδαιμονίων τοῖς Σπάρτην ἔχουσίν ἐστιν ἀγορὰ **θέας ἀξία**, καὶ τῆς τε γερουσίας βουλευτήριον καὶ τῶν ἐφόρων καὶ νομοφυλάκων καὶ καλουμένων Βιδιαίων ἀρχεῖά ἐστιν ἐπὶ τῆς ἀγορᾶς. ἡ μὲν δὴ γερουσία συνέδριον Λακεδαιμονίοις κυριώτατον τῆς πολιτείας, οἱ λοιποὶ δέ εἰσιν ἄρχοντες· τοῖς δὲ ἐφόροις καὶ Βιδιαίοις πέντε ἀριθμὸν ἑκατέροις οὖσι, τοῖς μὲν <τοὺς> ἐπὶ τῶι Πλατανιστᾶι καλουμένῶι καὶ ἄλλους τῶν ἐφήβων ἀγῶνας τιθέναι καθέστηκεν, ἔφοροι δὲ τά τε ἄλλα διοικοῦσι τὰ σπουδῆς μάλιστα ἄξια καὶ παρέχονται τὸν ἐπώνυμον, καθὰ δὴ καὶ Ἀθηναίοις τῶν καλουμένων ἐννέα ἐπώνυμός {γάρ} ἐστιν εἷς ἄρχων.	Dentre os lacedemônios que moram em Esparta, há para eles uma ágora **digna de contemplação**; há também a sala senatorial do conselho, da Gerusia dos éforos e dos guardiões das leis e arquivos dos chamados Bidienses em frente da ágora. A Gerusia é, de fato, a assembleia com mais autoridade do governo para os lacedemônios; os restantes são arcontes. Dentre os que são éforos e Bidienses, há um número de cinco, para cada, para uns (Bidienses) há que subsidiar os jogos na chamada Platanista e aos outros cabe subsidiar os jogos dos jovens; os éforos, por sua vez, administram as outras coisas mais dignas de cuidado e fornecem o epônimo, tal como entre os atenienses; dos nove chamados, um arconte é epônimo.

O periegeta não justifica porque a ágora é *théas áxia*. Das outras três ocorrências de ágoras "dignas de contemplação" em toda a *Periégesis* – V, 12, 6; IX, 27, 5 e X, 34, 6 – apenas a do livro V tem uma justificativa: não se trata de um local que Pausânias está visitando na região da Élide, mas de uma referência aos imperadores romanos e suas construções; Pausânias diz que a ágora de Roma, construída por Trajano, é "digna de contemplação" por sua organização (*kósmos*) e pela cobertura feita em bronze (*órophos khalkoû*). Uma questão interessante é o fato de essa passagem ser a única ocorrência de *théas áxion* no livro V.

Os termos das instituições espartanas também oferecem dificuldade para a tradução, principalmente *Bidiaîoi*, já que não a encontramos entre as instituições espartanas da época clássica, ao contrário das outras citadas – *gerousía, éphoros* e *nomophýlax*.[96] Outro local específico citado, *Platanistás* (no dativo, regido por *epí*), parece ser um termo que ocorre apenas em Pausânias. Trata-se de um lugar plantado com plátanos (árvore do gênero

[96] MOSSÉ. *Esparta – as suas instituições e a sua evolução no decurso da época clássica*, p. 87-108. A tradução italiana fornece em nota que *Bidiei* significa "ispettori", o que não comprovamos em Bailly pela ausência do verbete. No léxico de Lidell-Scott, encontramos o verbete, mas sua compreensão deriva da interpretação da passagem de Pausânias que estamos analisando, o que lhe confere certa importância ("*officers* at Sparta, whose duties were connected with the charge of the ephebi, five in number, acc. to Paus. 3.11.2;" LIDELL; SCOTT. *A Greek-English Lexicon*, p. 315).

Platanus, da família Platanaceae, que possui folhas avermelhadas no outono, antes de caírem no inverno). Outras ocorrências sobre o local estão em III, 14, 8; III, 15, 1 e III, 20, 8.[97]

A segunda ocorrência tem como "digno de contemplação" o teatro (*tó théatron*) que está localizado no caminho que sai da ágora para o leste, também em Esparta. O teatro é caracterizado como *líthou leukoû*, que traduzimos como mármore branco, e segundo Ingelmo está bem conservado e foi construído na época helenística.[98]

III, 14, 1

ἐκ δὲ τῆς ἀγορᾶς πρὸς ἥλιον ἰόντι δυόμενον τάφος κενὸς Βρασίδαι τῶι Τέλλιδος πεποίηται· ἀπέχει δὲ οὐ πολὺ τοῦ τάφου τὸ θέατρον, λίθου λευκοῦ, **θέας ἄξιον**. τοῦ θεάτρου δὲ ἀπαντικρὺ Παυσανίου τοῦ Πλαταιᾶσιν ἡγησαμένου μνῆμά ἐστι, τὸ δὲ ἕτερον Λεωνίδου — καὶ λόγους κατὰ ἔτος ἕκαστον ἐπ᾽ αὐτοῖς λέγουσι καὶ τιθέασιν ἀγῶνα, ἐν ὧι πλὴν Σπαρτιατῶν ἄλλωι γε οὐκ ἔστιν ἀγωνίζεσθαι —, τὰ δὲ ὀστᾶ τοῦ Λεωνίδου τεσσαράκοντα ἔτεσιν ὕστερον ἀνελομένου ἐκ Θερμοπυλῶν τοῦ Παυσανίου. κεῖται δὲ καὶ στήλη πατρόθεν τὰ ὀνόματα ἔχουσα οἳ πρὸς Μήδους τὸν ἐν Θερμοπύλαις ἀγῶνα ὑπέμειναν.

Da ágora para o leste a quem descendo avança está construído um túmulo vazio de Brásidas, filho de Télis: e não dista muito do túmulo o teatro, de mármore branco, **digno de contemplação**. E em frente ao teatro está um monumento de Pausânias que comandou em Plateia, e um outro de Leônidas – e, a cada ano, pronunciam-se discursos sobre eles e organizam-se disputas, nas quais, exceto os de Esparta, ninguém mais pode concorrer –, e os ossos de Leônidas foram tirados das Termópilas 40 anos depois por Pausânias. E ainda uma estela que tem o nome dos ancestrais está depositada lá, os que suportaram o combate contra os Medos nas Termópilas.

Dentre as ocorrências de teatros "dignos de contemplação" nos outros livros da *Periégesis*, três se concentram no livro II – 1, 7; 27, 5; 29, 11 – e a última em X, 32, 1. Em nenhuma dessas ocasiões encontramos referências ao material, mas a características como organização (*kósmos*), grandeza (*mégethos*) ou autoria (no caso da passagem II, 27, 5, criação de Policleto). O mármore branco parece atrair o interesse de Pausânias pois outros objetos desse material são considerados *théas áxion* como uma imagem de Afrodite (*ágalma*, que também é caracterizada pelo tamanho e técnica – II, 34, 11) e um sepulcro (*mnêma* – VII, 22, 6). No livro II (1, 7) um estádio também é *líthou leukoû*, todavia Ingelmo observa que não se trata de mármore, mas de calcário.[99]

O local cujo teatro está localizado é rodeado por muitas coisas que atraem a atenção do periegeta, as quais ele enumera. Assim como na primeira ocorrência do livro III, Pausânias demonstra interesse pelos costumes dos lacedemônios, sejam

[97] Há outras ocorrências em Pausânias que se referem à arvore do gênero *Platanus* (*plátanos*), e não especificamente ao local em que os jovens realizam seus jogos, a saber: II, 37, 1; II, 37, 4; IV, 34, 4; V, 27, 11; VII, 5, 2; VII, 22, 1; VIII, 19, 2; VIII, 23, 4; IX, 19, 7.

[98] "El teatro, bien conservado, de época helenística, está em la ladera S. de la acrópolis." (nota de Ingelmo. In: PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Libros III-VI, p. 53, nota 105). Rizzo, na tradução italiana, também comenta: nota 2 do capítulo XIV, p. 242, libro terzo.

[99] Comentário na nota 8, p. 216, libros I-II da *Descripción de Grecia*.

políticos/institucionais, sociais, como a forma como honram seus mortos ou mesmo pelas figuras históricas como Brásidas (general espartano da guerra do Peloponeso), Leônidas (governante de Esparta) e Pausânias.[100] O periegeta procura, mesmo que de forma breve, relacionar um *lógos* ao que ele vê.

A terceira passagem em que ocorre o sintagma *théas áxion* se refere a imagens. Trata-se de um momento de *ékphrasis* de cenas mitológicas. O verbo utilizado foi *epergázomai* (em sua forma no perfeito médio-passivo *epeírgastai*), que num sentido geral significa trabalhar, mas aplicado a um contexto específico, como o da passagem, tem o sentido de "esculpir em relevo as pedras, os metais".[101] O versículo principia afirmando que as cenas que serão descritas foram esculpidas em bronze (*tôi khalkôi*). Pressupõe-se que essa característica se estenda ao conjunto de cenas – o nascimento de Atena, Anfitrite e Posêidon – objeto de contemplação.

III, 17, 3

ἐπείργασται δὲ τῶι χαλκῶι πολλὰ μὲν τῶν ἄθλων Ἡρακλέους, πολλὰ δὲ καὶ ὧν ἐθελοντὴς κατώρθωσε, Τυνδάρεω δὲ τῶν παίδων ἄλλα τε καὶ ἡ τῶν Λευκίππου θυγατέρων ἁρπαγή· καὶ Ἥφαιστος τὴν μητέρα ἐστὶν ἀπολύων τῶν δεσμῶν. ἐδήλωσα δὲ καὶ ταῦτα, ὁποῖα λέγεται, πρότερον ἔτι ἐν τῆι Ἀτθίδι συγγραφῆι. Περσεῖ δ' ἐς Λιβύην καὶ ἐπὶ Μέδουσαν ὡρμημένωι διδοῦσαι Νύμφαι δῶρά εἰσι κυνῆν καὶ τὰ ὑποδήματα, ὑφ' ὧν οἰσθήσεσθαι διὰ τοῦ ἀέρος ἔμελλεν. ἐπείργασται δὲ καὶ τὰ ἐς τὴν Ἀθηνᾶς γένεσιν καὶ Ἀμφιτρίτη καὶ Ποσειδῶν, ἃ δὴ μέγιστα καὶ μάλιστα ἦν ἐμοὶ δοκεῖν **θέας ἄξια**.

Foi esculpido em bronze muito dos trabalhos de Héracles e muitos dentre os quais ele realizou voluntariamente, e outros [trabalhos] dos filhos de Tíndaro e o rapto das filhas de Leucipo. Também está [lá] Hefesto que liberta a mãe das cadeias. Mostrei [já] estas coisas, tal como foi dito, primeiramente na descrição da Ática. Para Perseu, que pela Líbia perseguiu a Medusa, Ninfas dão presentes: um capacete e sandálias, pelas quais será levado pelos ares. E também o nascimento de Atena foi esculpido e Anfitrite e Posêidon, coisas que julgo serem maiores e mais **dignas de contemplação** em minha opinião.

Justificamos a nossa tradução para a última frase do trecho a partir da leitura da *Teogonia* e do estudo do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC). Levantamos com a tradução uma hipótese que diverge da tradução de alguns (especificamente de Ingelmo e Jones). Interpretamos que Pausânias diz ser "digno de contemplação" não o nascimento de três deuses concomitantemente: Atena, Anfitrite e Posêidon. Sabemos pela *Teogonia* que Anfitrite é filha de Nereu (vv. 240-243), que Posêidon nasceu de Reia e Crono

[100] Há uma confusão quanto a identificação desse Pausânias apontada por Rizzo: "*Pausania* sarà da identificarsi com Pausania II figlio di Plistoanatte (...), che regnò dal 408 a. C. in poi, ma che dal 445 a. C., durante l'esilio del padre, fu re di Sparta sotto tutela (essendo nato nel 446 a. C. Il Pausania vincitore a Platea era morto attorno al 468 a. C.). Altrimenti si dovrà considerare del tutto errata l'indicazione Del 40 anni intercorsi tra la Battaglia delle Termopili (480 a. C.) e il transporto a Sparta delle ossa di Leonida." (PAUSANIA. *Viaggio in Grecia*. Nota 3 do capítulo XIV, p. 243, libro terzo).

[101] BAILLY. *Dictionnaire Grec-Français*. p. 733. Esse sentido específico tem como referência de ocorrência essa passagem que comentamos – PAUS. III, 17, 3.

(vv. 453-456) e que Zeus engoliu Métis e depois a deusa de olhos glaucos nasceu de sua cabeça (vv. 888-900 / 924-926). A *Teogonia* também narra que Posêidon se une a Anfitrite e ambos geram um filho, Tritão (vv. 930). Além disso, na busca iconográfica no *LIMC* não encontramos essas cenas de nascimento ocorrendo em conjunto, o que nos leva para a hipótese de que Pausânias possa estar se referindo a cenas separadas. Porém, podemos interpretar a sentença entendendo que há uma cena do nascimento de Atena e outra cena diferente em que estão Anfitrite e Posêidon, mas que o periegeta não descreve as ações dos personagens. O substantivo *génesin* estaria se referindo, portanto, apenas a Atena. Para a iconografia isso seria mais plausível, já que encontramos muitas cenas do nascimento de Atena e outras imagens de Posêidon e Anfitrite juntos, sem referências ao nascimento de ambos (FIG. 4 e 5).[102] Assim também parece interpretar e traduzir Rizzo: "Está também esculpido o nascimento de Atena; e depois Anfitrite e Posêidon, figuras, estas últimas, grandíssimas e, em minha opinião, especialmente notáveis".[103]

Essa é a primeira passagem do livro III em que Pausânias qualifica *théas áxion* com os superlativos do adjetivo *mégas* e do advérbio *mála*. Dentre as 69 ocorrências que listamos em toda a obra não encontramos *mégas* associado diretamente a *théas áxion*, apenas *mála*.[104] Quando *mégas* ocorre no contexto de *théas áxion* geralmente está relacionado ao objeto, qualificando os atributos físicos. A ênfase também é reafirmada pelo comentário *emoi dokeîn*, uma marca da presença e da opinião do autor no texto.

Entre as descrições, Pausânias comenta que já mostrou o que acabou de mencionar na descrição da Ática. O periegeta se refere à passagem I, 20, 3 na qual descreve pinturas do templo de Dioniso na Acrópole de Atenas. Essa descrição no livro I se refere a uma versão do mito que narra Hefesto prendendo sua mãe e não narra os trabalhos de Héracles, dos filhos de Tíndaro e o rapto das filhas de Leucipo. Parece-nos que, quando Pausânias diz que mostrou estas coisas (*taûta*), a referência é à sentença anterior apenas, e não a todo o conjunto já descrito. Esse tipo de colocação, que denominamos durante a pesquisa como frase de "organização da narrativa", ocorre durante toda a *Periégesis* e nos remete ao

[102] Ver p. 58 e 59.
[103] "V'è inoltre scolpita la nascita di Atena; e poi Anfitrite e Posidone, figure, queste ultime, grandissime e, a ma avviso, particolarmente notevoli". (PAUSANIA. *Viaggio in Grecia*. Traduzione di Salvatore Rizzo, p. 135). Outras fontes para o nascimento de Atena: *Il.* V, 875-880; *Hino Homérico 28*; Píndaro, *O*. VII, 35-37; Apolodoro, *Bibl.* I, 3. 6 e III, 12,3,4-7 (LIMC, p. 985).
[104] A saber: I, 28, 2; I, 37, 5; II, 3, 5; II, 27 , 5; IV, 31, 10; V, 12 , 6; VI, 6, 6; VIII, 10, 1; IX, 30, 1; X, 32, 2.

trabalho do autor. Também constitui o que chamamos, no primeiro capítulo, de sistema de referências cruzadas.[105]

Após sair de Esparta, Pausânias se dirige a Amiclas que, "segundo Políbio, V, 19, estava a mais de 20 estádios ao sul de Esparta".[106] O periegeta se refere ao que considera "digno de contemplação" como *anér péntathlós*. Inicialmente não fica claro o tipo de imagem, mas é esclarecido no decorrer da passagem que se trata de um *eikón*, uma imagem, que também tem o sentido de estátua. Duas justificativas parecem ser apresentadas para atrair a atenção de Pausânias: um *lógoi* curioso – o atleta teria morrido ao ser coroado, e uma característica das oferendas – a antiguidade. Já mencionamos o interesse de Pausânias pelo passado. Aqui parece se tratar do final do século VII a. C., quando teria terminado a Segunda Guerra Messênica.

III, 18, 7

τὰ δὲ ἐν Ἀμύκλαις **θέας ἄξια** ἀνὴρ {γὰρ} πένταθλός ἐστιν ἐπὶ στήλης ὄνομα Αἴνητος· τούτωι νικήσαντι Ὀλυμπίασι καὶ ἔτι στεφανουμένωι γενέσθαι τοῦ βίου τὴν τελευτὴν λέγουσι. τούτου τε οὖν ἐστιν εἰκὼν καὶ τρίποδες χαλκοῖ· τοὺς δὲ ἀρχαιοτέρους δεκάτην τοῦ πρὸς Μεσσηνίους πολέμου φασὶν εἶναι.

Mas as coisas, em Amiclas, **dignas de contemplação** são um homem de nome Eneto, vencedor do pentatlo, sobre uma estela: a este que venceu nas Olimpíadas e que ao ser coroado – dizem – [chegou] ao fim da vida. Há, portanto, uma estátua dele e trípodes em bronze. E os mais antigos dizem ser dízimo da guerra contra os messênios.

Após essa passagem temos a descrição de outras oferendas no santuário de Apolo e a maior descrição que encontramos no livro III (18, 9-19, 5): o trono e a estátua de Apolo Amicleu. Ao fim dessa longa *ékphrasis* Pausânias retoma a descrição de Amiclas:

III, 19, 6

Ἀμύκλαι δὲ ἀνάστατος ὑπὸ Δωριέων γενομένη καὶ ἀπ᾽ ἐκείνου κώμη διαμένουσα **θέας παρείχετο ἄξιον** ἱερὸν Ἀλεξάνδρας καὶ ἄγαλμα: τὴν δὲ Ἀλεξάνδραν οἱ Ἀμυκλαιεῖς Κασσάνδραν τὴν Πριάμου φασὶν εἶναι. καὶ Κλυταιμνήστρας ἐστὶν ἐνταῦθα εἰκὼν καὶ {ἄγαλμα} Ἀγαμέμνονος νομιζόμενον μνῆμα. θεῶν δὲ σέβουσιν οἱ ταύτηι τόν τε Ἀμυκλαῖον καὶ Διόνυσον, ὀρθότατα ἐμοὶ δοκεῖν Ψίλακα ἐπονομάζοντες· ψίλα γὰρ καλοῦσιν οἱ Δωριεῖς τὰ πτερά, ἀνθρώπους δὲ οἶνος ἐπαίρει τε καὶ ἀνακουφίζει γνώμην οὐδέν τι ἧσσον ἢ ὄρνιθας πτερά. καὶ Ἀμύκλαι

Amiclas, que foi devastada pelos dórios, tornou-se desde então uma vila que mantém **digno de contemplação** um santuário e uma imagem de Alexandra: os amicleus dizem ser Alexandra a Cassandra de Príamo. Também ali há uma imagem de Clitemnestra e [uma imagem] de Agamêmnon que dizem ser um monumento. Dentre os deuses eles veneram o Amicleu e Dioniso, dando o nome Psílax que me parece mais correto: Com efeito, os dórios chamam *psíla* as asas, pois o vinho eleva os homens e levanta o espírito nada menos que as asas em relação aos pássaros. Assim, Amiclas apresentava tais coisas

[105] Pausânias utiliza algumas frases de organização da narrativa, quando diz que já tratou de determinado assunto ou ainda tratará em um lugar específico da narrativa; no livro III: 1, 1; 2, 5; 3, 2; 5, 3; 6, 9; 7, 5; 10, 5; 11, 8; 14, 2; 15, 10; entre muitos outros.

[106] Comentário de Ingelmo, nota 158, p. 68, libros III-VI, Editorial Gredos: "Amiclas, según POLIBIO V 19, estaba a más de veinte estadios al S. de Esparta y tênia hermosos árboles y frutos. Sus restos están en la colina de H. Kyriaki".

μὲν παρείχοντο τοσαῦτα ἐς μνήμην. memoráveis.

Na cidade, Pausânias indica um santuário (*hierón*) e uma imagem (*ágalma*) como *théas áxion.* Temos aqui dois termos específicos do universo religioso. A palavra *hierós* tem o sentido geral de sagrado, mas seu neutro *hierón*, como aparece no texto, designa um lugar consagrado por um templo ou objeto religioso, um santuário.[107] E *ágalma*, segundo Chantraine, "a partir de Heródoto e em ático, [significa uma] estátua ofertada a um deus, que o representa geralmente e é adorada".[108] Esse vocabulário religioso é bastante específico e oferece dificuldades se confrontado com outros termos, que veremos nas próximas passagens.

O interesse de Pausânias pelo mito de Cassandra, Clitemnestra e Agamêmnon e seus monumentos na Lacônia já é mencionado no livro II, 16, 6, em que Pausânias comenta que os lacedemônios que vivem em Amiclas disputam um monumento de Cassandra. A descrição tem como contexto Micenas, e o periegeta também menciona as câmaras subterrâneas de Atreu e os monumentos de Agamêmnon e Clitemnestra. É nessa passagem, já comentada neste capítulo, que Schliemann teria se baseado para suas escavações. Uma questão decorrente desse trecho, mas que permeia toda a *Periégesis* é uma espécie de crença que Pausânias parece demonstrar na relação dos monumentos com figuras mitológicas. São várias as narrativas relativas a sepulturas de heróis e imagens em templos dedicadas por figuras lendárias; como exemplo, limitando-nos ao livro III, a sepultura de Orestes (*táphos* – 11, 10), o monumento de Cástor (*mnêma* – 13, 1), a imagem de Afrodite com correntes nos pés que teriam sido colocadas por Tíndaro (15, 11), a imagem num santuário de Ares que teria sido trazida da Cólquida pelos Dióscuros (19, 7), uma imagem que teria sido dedicada por Icário para que Penélope não partisse para Ítaca com Odisseu (20, 10), um santuário de Afrodite erigido por Páris, e ainda imagens dedicadas por Menelau (22, 2), dentre outros tantos.

Desenvolvendo sua narrativa e passando o *lógos* de Amiclas para Terapne, Pausânias chega em Pelana:

III, 21, 2

προϊόντι δὲ ὡς ἐπὶ τὴν Πελλάναν Χαράκωμά ἐστιν ὀνομαζόμενον καὶ {ἡ} μετὰ τοῦτο Πελλάνα πόλις τὸ ἀρχαῖον. Τυνδάρεων δὲ οἰκῆσαί φασιν ἐνταῦθα, ὅτε Ἱπποκόωντα καὶ

Avançando na direção de Pelana está o chamado Caracoma e depois disso Pelana, a antiga cidade. Dizem que ali habitou Tíndaro quando escapava de Hipocoonte e dos filhos abandonando Esparta.

[107] CHANTRAINE. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*, p. 457; BAILLY. *Dictionnaire Grec-Français*, p. 961.

[108] CHANTRAINE. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*, p. 7. "A partir d' Hérodote et en attique, statue offerte à un dieu, qui le représente généralment et est adorée. Isocrate 9,57 distingue les statues d' hommes de la statue de Zeus. Le mot a fini par signifier 'statue' en général ou même image, cf. Plat. Rep. 517 d."

τοὺς παῖδας ἔφευγεν ἐκ Σπάρτης. **θέας δὲ ἄξια** αὐτόθι ἰδὼν Ἀσκληπιοῦ τε οἶδα ἱερὸν καὶ <τὴν> πηγὴν Πελλανίδα. ἐς ταύτην λέγουσιν ὑδρευομένην ἐσπεσεῖν παρθένον, ἀφανισθείσης δὲ τὸ κάλυμμα ἀναφανῆναι τὸ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς ἐν ἑτέραι πηγῆι Λαγκίαι.

Digno de contemplação, ali, eu, observando, vi, um santuário de Asclépio e a fonte Pelanida. Dizem que nela caiu uma jovem que se abastecia de água, tendo desaparecido, o véu que ela levava sobre a cabeça dizem ter aparecido em outra fonte, em Lancia.

A cidade parece ter importância pelo *lógos* relacionado: teria sido habitada por Tíndaro após ter fugido de Esparta sendo perseguido por Hipocoonte e seus filhos. Por isso, Pelana também é antiga (*tò arkhaîon*). Além de dizer que o santuário (*hierón*) de Asclépio e a fonte (*pegé*) Pelanida são *théas áxia*, encontramos nessa passagem um outro sintagma relacionado à visão – *idòn oîda*. Pausânias não diz apenas ao interlocutor que o santuário e a fonte merecem ser vistos, mas deseja se fazer crer dizendo que viu ele próprio o local. Anterior a essa passagem, em III, 20, 1, também temos outra ocorrência de *idòn oîda:* em Terapne, Pausânias diz ter visto a fonte (*kréne*) Messeida.[109] O aoristo *eîdon* é o verbo principal utilizado no livro III quando o periegeta quer dizer ter visto alguma coisa, como em III, 18, 9: no trono de Apolo em Amiclas, já mencionado aqui, Pausânias diz tê-lo visto (*eídon*) e então irá registrar (*grápso*) como era. Outro exemplo está em III, 25, 7: sobre uma história acerca da relação dos golfinhos e dos homens, Pausânias diz que Heródoto escreveu na narrativa da Lídia por ter ouvido (*akoén*), mas que ele escreve por ter visto (*eídon*).

Voltando aos *theorémata*, parece que as fontes atraíam a atenção do periegeta, pois no universo das ocorrências de *théas áxion* elas aparecem outras quatro vezes (I, 40, 1; II, 3, 5; II, 27, 5; IX, 38, 2), mas com o termo *kréne*. A diferença entre os termos, segundo Bailly, é que *kréne* é uma fonte cuja água jorra, por oposição a *pegé*, que designaria uma fonte de água corrente. Não apenas pela questão física, pela importância que Pausânias dá aos cursos d'água no decorrer da *Periégesis*,[110] mas nesse caso o *lógos* relativo à fonte Pelanida traz curiosidade ao viajante e instiga o seu imaginário, provocando a necessidade de visitar a outra fonte mencionada.

Depois de Pelana, Pausânias – em seu *lógos*, sempre – passa por algumas regiões até chegar em Ácrias, 30 estádios a partir das ruínas de Helos, "célebre cidade aqueia conquistada pelos espartanos, mas que não foi localizada com segurança":[111]

---

[109] Essa fonte é citada na *Ilíada*, VI, 457, no diálogo entre Andrômaca e Heitor: "ou então, contrariada, levarás água da Messeida ou da Hipereia, / pois uma forte necessidade se terá abatido sobre ti." (Também no comentário de Ingelmo, nota 184, p. 77, libros III-VI, Editorial Gredos).

[110] Algumas ocorrências no livro III: 18, 6; 19, 7; 20, 1; 20, 3; 20, 7; 21, 1; 21, 5; 21, 8; 22, 6; 22, 8; 23, 2; 24, 2; 24, 9; 25, 1; 25, 3; 25, 8; 26, 1.

[111] "Helos es la célebre ciudad aquea conquistada por los espartanos, que no ha sido localizada com seguridad". (Comentário de Ingelmo, in PAUSANIAS. *Descripción de Grécia*, nota 208, p. 84, libros III-VI, Editorial Gredos).

III, 22, 4

Καὶ μετὰ ταῦτα τριάκοντα προελθόντι που σταδίους ἐπὶ θαλάσσης πόλις ἐστὶν Ἀκρίαι· **θέας δὲ αὐτόθι ἄξια** Μητρὸς θεῶν ναὸς καὶ ἄγαλμα λίθου. παλαιότατον δὲ τοῦτο εἶναί φασιν οἱ τὰς Ἀκρίας ἔχοντες, ὁπόσα τῆς θεοῦ ταύτης Πελοποννησίοις ἱερά ἐστιν, ἐπεὶ Μάγνησί γε, οἳ τὰ πρὸς Βορρᾶν νέμονται τοῦ Σιπύλου, τούτοις ἐπὶ Κοδδίνου πέτραι Μητρός ἐστι θεῶν ἀρχαιότατον ἁπάντων ἄγαλμα· ποιῆσαι δὲ οἱ Μάγνητες αὐτὸ Βροτέαν λέγουσι τὸν Ταντάλου.

Avançando cerca de 30 estádios perto do mar está a cidade Ácrias. **Digno ali de contemplação** está um templo da Mãe dos deuses e uma imagem de pedra. Os que habitam Ácrias dizem ser este o mais antigo, de tantos os santuários dessa deusa entre os Peloponésios, ainda que entre uns magnésios, os que habitam ao norte do Sípilo, ainda que para eles haja sobre a rocha Kodino uma imagem da Mãe dos deuses mais antiga de todas as que os magnésios dizem ter feito Bróteas, o filho de Tântalo.

Após indicar a distância exata para se chegar ao sítio, Pausânias passa de imediato para o que o local oferece como "digno de contemplação": um templo da Mãe dos Deuses, identificada com Cibele. O termo utilizado – *naós* – designa um templo, uma construção, por oposição à *hierón*, comentado na passagem III, 19, 6, que engloba um sentido mais amplo. Mais precisamente, *naós* indica "a parte interior do templo onde se encontra a estátua do deus". [112]

A existência desse santuário é conhecida graças a essa passagem, segundo Juliette de La Genière, que publicou, em 1991, uma nota de informação sobre a identificação desse templo da Mãe dos deuses em Kastraki, marcando a relevância desse trecho da obra. Entretanto, segundo a arqueóloga, "se o santuário foi importante na perspectiva do modesto *habitat* de Ácrias, se ele era muito venerável ao tempo de Pausânias, já que ele tinha então oito séculos de existência, ele não merece em nada, me parece, o qualificativo de *théas áxion*, digno de ser visto, notável (...)".[113] Isso se justifica se considerarmos que a expressão é empregada da mesma forma para o santuário de Dodona e a Atena Lemnia de Fídias. La Genière considera ainda que as observações de Pausânias parecem indicar que ele apenas repete o que os habitantes de Ácrias disseram a ele e que o periegeta não teria subido a colina de Kastraki para ser capaz de medir os exageros dos camponeses da região.[114] Num sentido contrário, podemos supor que Pausânias tenha escolhido narrar o templo e a região que o cerca a partir da importância que os habitantes lhe atribuíam, pela importância que possuíam na cultura local, e não necessariamente num sentido que valorize a abundância de estátuas e ornamentos.

---

[112] "partie intérieure du temple où se trouve la statue du dieu" (CHANTRAINE. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*, p. 734).

[113] "si le sanctuaire était important au regard du très modeste habitat d'Akriai, s'il était très vénérable au temps de Pausanias, puisqu'il avait alors huit siècles d'existence, il ne mérite guère, me semble-t-il, le qualificatif de théas axion, digne d'être vu, remarquable (...)". (LA GENIÈRE. Pausanias et le sanctuaire de la Mère des dieux d'Akriai, Péloponnèse (information), p. 265).

[114] LA GENIÈRE. Pausanias et le sanctuaire de la Mère des dieux d'Akriai, Péloponnèse (information), p. 265.

Pausânias teria colhido informações dos habitantes da região, como ele mesmo diz – *phasin hoi tàs Akrías ékhontes*, mas ele considera o que dizem outros acerca da mesma questão. A localização dessa outra fonte de informação deve ser considerada se levarmos em conta que se trata de vizinhos da região de origem do periegeta, se aceitarmos a teoria comentada no capítulo 1. Porém, numa perspectiva que ultrapassa a autópsia, é interessante a discussão que se estabelece entre os habitantes de Ácrias e os magnésios de norte do Sípilo: quem tem a imagem mais antiga (*arkhaiótaton ágalma*)? Nessa disputa talvez os magnésios saiam na frente, pois eles têm uma imagem feita pelo filho de Tântalo.[115] Podemos perceber através das observações de Pausânias que ele tenta apresentar versões para o que ouve, um indicativo de que não acredita *a priori* em tudo o que suas fontes contam. Isso pode ser notado em vários momentos da *Periégesis*, como quando narra três versões da história de Helena (III, 19, 9-13), ou sobre o local do parto de Sémele que os habitantes de uma região defendem ter ocorrido e que destoa da opinião de muitos outros gregos (III, 24, 3). Pausânias também utiliza como fonte historiadores e poetas para corroborar ou confrontar versões do que ele ouve. Para o livro III, Homero é o mais citado, mas também utiliza Álcman, Estesícoro, Píndaro, Hecateu e Heródoto, entre os mais conhecidos.

De Ácrias, a narrativa de Pausânias desce em direção ao Cabo Maleia, vai a ilha de Citera e retorna ao continente subindo a península do Peloponeso pelo lado leste, como podemos perceber na FIG. 6.[116]

III, 23,10

κατὰ δὲ τὴν ὁδὸν τὴν ἐκ Βοιῶν ἐς Ἐπίδαυρον τὴν Λιμηρὰν ἄγουσαν Ἀρτέμιδος ἱερόν ἐστιν ἐν τῇ Ἐπιδαυρίων Λιμνάτιδος. ἡ πόλις δὲ ἀπέχουσα οὐ πολὺ ἀπὸ θαλάσσης ἐπὶ μετεώρωι μὲν ὥικισται, **θέας δὲ αὐτόθι ἄξια** τὸ μὲν Ἀφροδίτης ἐστὶν ἱερόν, τὸ δὲ Ἀσκληπιοῦ καὶ ἄγαλμα ὀρθὸν λίθου, καὶ Ἀθηνᾶς ἐν τῇ ἀκροπόλει ναός, πρὸ δὲ τοῦ λιμένος Διὸς ἐπίκλησιν Σωτῆρος.	Pelo caminho que conduz de Beas até Epidauro Limera há um santuário de Ártemis Limnátis. E a cidade, que não se afasta muito do mar, foi fundada no alto, **é digno, ali, de contemplação** o santuário de Afrodite e a imagem de pedra de Asclépio ereto, e, ainda, um templo de Atena na acrópole e diante do porto um (templo) de Zeus chamado Sóter.

No sítio descrito, vê-se que, entre o que desperta o olhar do periegeta, estão um santuário de Afrodite, uma imagem de pedra de Asclépio e os templos de Atena e Zeus Sóter. Duas questões nos chamam a atenção nessa passagem. A primeira diz respeito ao vocabulário utilizado: já comentamos sobre o uso de *naós* e *hierón* em passagens anteriores, e também

[115] Há uma passagem em II, 22, 3 relacionada a Bróteas: Pausânias diz conhecer por ter visto uma tumba no Sípilo que se discute ser de Tântalo ou deste seu filho. (Nota 4 de Rizzo, p. 272, na tradução italiana *Viaggio in Grécia*, libro terzo).

[116] Ver p. 60.

sobre o termo *ágalma*, porém, nesse caso *ágalma* está associado a *líthou*, o que nos faz pensar sobre o olhar de Pausânias sobre o objeto. Karim Arafat comenta a respeito dessa relação do periegeta com o material das imagens: "existem várias passagens em que Pausânias especifica que a estátua é de pedra, incluindo mármore, a de um tipo particular, se tássio ou egípcio (...), frígio ou líbio, pário ou pentélico, branco ou preto".[117] No caso da imagem de Asclépio, na passagem acima, parece não se tratar de mármore, ao menos não é o que interpretam Ingelmo, na tradução para o espanhol, e Jones, na tradução para o inglês. Em seu sentido geral *líthos* significa pedra e *líthos leukos*, pedra branca, tem sido vertido pelos tradutores como mármore, apesar de não ter esse significado estrito como no caso de II, 1, 7. Arafat observa ainda que Pausânias não usa a palavra *mármaron* como faz Estrabão (14.1.35).[118]

Continuando sua jornada, depois de Epidauro Limera é Étilo que possui algo que provoca o olhar do periegeta. A cidade é mencionada na *Ilíada*, no Catálogo das Naus (II, 585): "Os que detinham a ravinosa Lacedemônia cheia de grutas, / Fáris e Esparta e Messa cheia de pombas, / que habitavam Briseias e as agradáveis Augeias, / senhores de Amiclas e de Helo, cidadela junto do mar; / eles que detinham Laas e habitavam Étilo".[119]

III, 25, 10

ἀπὸ τούτου στάδια τοῦ λιμένος πεντήκοντά ἐστι καὶ ἑκατὸν ἐπὶ Οἴτυλον· ὁ δὲ ἥρως ἀφ᾽ οὗ τῇι πόλει τὸ ὄνομα ἐγένετο, Ἀργεῖος τὸ ἀνέκαθεν, Ἀμφιάνακτος υἱὸς ὢν τοῦ Ἀντιμάχου. **θέας δὲ ἄξια** ἐν Οἰτύλωι Σαράπιδός ἐστιν ἱερὸν καὶ ἐν τῇι ἀγορᾶι Καρνείου ξόανον Ἀπόλλωνος.	Do porto são 150 estádios até Étilo; mas o herói a partir do qual a cidade recebeu o nome [foi] um argivo de origem, filho de Anfianacte (filho de) de Antímaco. **Digno de contemplação** em Étilo é um santuário de Serápis e na ágora um xoano de Apolo Carneios.

Primeiro como "digno de contemplação" Pausânias aponta um *hierón* de Serápis. A respeito do culto desse deus temos informação em outro livro da *Periégesis*. No livro I, 18, 4 o periegeta inclui nas descrições um santuário de Serápis a sudoeste da ágora de Atenas, comentando que o culto foi introduzido por influência de Ptolomeu. Ainda observa que, dos santuários do Egito, o mais famoso é o de Alexandria e o mais antigo está em Mênfis, onde não se pode entrar antes de prestar as honras fúnebres a Ápis.

Também como "digno de contemplação" Pausânias indica um xoano (*xóanon*) de Apolo Carneios. Segundo Michael Pettersson o culto de Apolo Carneios foi trazido pelos

[117] "There are several occasions on which Pausanias specifies that a statue is of stone, including marble, and of a particular type, whether Thasian or Egyptian (…), Phrygian or Libian (I.18.8-9), Parian or Pentelic, white or black" (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 51).
[118] ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 51, nota 21.
[119] Indicação de Rizzo, p. 282, nota 12 (In: PAUSANIA. *Viaggio in Grecia*, libro terzo). Segundo o tradutor, Étilo é a atual Vítylos-Óitylos.

dórios quando conquistaram o Peloponeso e tinha uma relação com uma religião dos pastores. O Apolo Carneios seria um deus do rebanho que em Esparta mudou de caráter, assumindo uma conotação militar.[120] A festa dedicada ao deus, denominada *Carneias*, durava nove dias. Walter Burkert analisa em detalhes as manifestações e observa um fato curioso, pois durante a festa não pode haver guerra e isso afetou ações de Argos e Esparta: "o caso mais gritante ocorreu durantes as guerras médicas. Foi devido a elas que os espartanos chegaram demasiado tarde à batalha de Maratona e Leónidas foi enviado para as Termópilas com um contingente inadequado".[121] A respeito de *xóanon,* o termo é bastante discutido pelos comentadores. Segundo Jean-Christophe Vincent, em seu estudo "Le xoanon chez Pausanias: littératures et réalités cultuelles", entre os termos gregos para "estátua de culto" o *xóanon* é o que suscita mais discussões. O autor observa que "se traduz habitualmente *xóanon* por estátua de madeira enfatizando seu caráter antigo e venerável."[122] Mas a questão é mais complexa. Vincent considera, baseado em Chantraine, que em sua origem a palavra não tem conotação religiosa, já que deriva de *xéo* / *xýo*, sendo então um "objeto esculpido". O sufixo evocaria um objeto religioso. A princípio, as características como antiguidade, o tipo de talhe, material, o tamanho e a estranheza causada pela imagem estariam relacionadas com sua identificação e sua potência religiosa. Contudo, baseado no trabalho de A. Donohue sobre as origens da escultura grega, Vincent observa que há certas estátuas na narrativa de Pausânias ditas *xóanon*, mas que foram esculpidas não só na época arcaica, mas também clássica e helenística, o que contrasta com a ideia dos historiadores e arqueólogos de "um ídolo antigo, de um estilo 'primitivo'".[123]

Entre os termos de estatuária, Vincent pondera que a descrição dos *xóana* não difere da de um *ágalma*, pois os mesmos verbos são usados, assim como as referências a uma *tékhne* ou *érgon* de um escultor e a mesma postura da imagem. O *xóanon* é, assim, um tipo particular de *ágalma*, fazendo parte dos *agálmata xýlou*. Uma justificativa para o emprego de

---

[120] PETTERSSON. *Cults of Apollo at Sparta*: the Hyakinthia, the Gymnopaidiai and the Karneia. p. 57-72. Há outras duas passagens, indicadas por Pettersson, em que Pausânias se refere a imagens (*agálmata*) de Apolo Carneios: III, 21, 8 e III, 26, 5.

[121] BURKERT. *Religião grega na época clássica e arcaica*, p. 450.

[122] VINCENT. Le xoanon chez Pausanias, p. 31.

[123] VINCENT. Le xoanon chez Pausanias, p. 37: "(...) question plus importante encore, comment expliquer que certaines statues dites xoanon aient été sculptées aux époques non seulement archaïques (Laphaès), mais aussi classiques (Phidias, Myron, Callon d' Egine) et hellénistiques (Damophon), alors que le xoanon est constament compris par les historiens et les archéologues comme un idole ancienne, d'un style 'primitif'".

termos diferentes corresponderia "(...) a uma vontade afirmada pelo Periegeta de não misturar as diferentes representações das divindades".[124]

Além das características citadas, o *xóanon* costuma ter um *lógos* mítico ou histórico relacionado, que funda sua veneração, e também uma conotação política somada à função cultual. Na cidade o xoano faz parte da construção do passado, do discurso de origem da cidade. Um xoano geralmente tem um surgimento inesperado, externo à cidade em que é cultuado. Essa mobilidade, característica recorrente na história do xoano, é que remete à história da cidade, que torna legítima uma espécie de propaganda em busca da hegemonia sobre outras cidades. Exemplo disso é a discussão em III, 16, 7 sobre a posse de um xoano que seria aquele roubado por Orestes e Ifigênia em Táuris.[125] Esse tipo de busca pelo passado empreendida pelas cidades para reforçar seu *status* será comentado no capítulo 3, como uma tendência da época de Pausânias.

Vincent destaca ainda que a autópsia de Pausânias tem grande importância na diferenciação dos tipos de escultura e no emprego do vocabulário preciso:

> A autópsia, deve-se salientar, tem uma grande importância na definição dos critérios que fazem que uma estátua seja um xoano para Pausânias, que parece reconhecer (segundo critérios que nos escapam) o estilo dos escultores mais antigos, como nos prova sua reação diante do Héracles de Tebas, obras de Dédalo, confirmando e reforçando assim a opinião local.[126]

No capítulo 26 a narrativa de Pausânias chega às fronteiras da Lacônia com a Messênia. No último versículo do livro é que temos algo "digno de contemplação". A região do monte Caláthio ainda está na Lacônia, mas Alagonia já pertence à Messênia, como podemos ver na FIG. 7.[127]

III, 26, 11

Τῆς δὲ χώρας τῆς Γερηνίας ὄρος Καλάθιόν ἐστιν· ἐν αὐτῶι Κλαίας <ἱερὸν> καὶ σπήλαιον παρ᾽ αὐτὸ τὸ ἱερόν, ἔσοδον μὲν στενήν, τὰ δὲ ἔνδον παρεχόμενον **θέας ἄξια.** Γερηνίας δὲ ὡς ἐς μεσόγαιαν ἄνω τριάκοντα ἀπέχει σταδίους Ἀλαγονία, καὶ τὸ πόλισμα κατηρίθμησα ἤδη καὶ τοῦτο ἐν	Na região de Gerânia está o monte Caláthio; nele mesmo um santuário de Cleia e uma gruta perto desse santuário, com entrada estreita, e dentro as coisas oferecidas são **dignas de contemplação**. De Gerânia para o interior acima, 30 estádios Alagonia, e a vila (que) já enumerei entre os Eleuterolacones: **digno, ali mesmo, de**

[124] VINCENT. Le xoanon chez Pausanias, p. 41: "La distinction introduire dans la description de ces deux statues [xóanon e ágalma xýlou] correspond, selon nous, à une volonté affirmée par le Periégète de ne pás mélanger les différentes représentations des divinités".
[125] VINCENT. Le xoanon chez Pausanias, p. 51-55.
[126] "L'autopsie, il faut le souligner, a une grande importance dans la définition des critères qui font qu'une statue est un xoanon pour Pausanias, qui semble reconnaître (selon des critères qui nous échappent) le style des plus anciens sculpteurs, comme nous le prouve sa réaction devant l'Héraclès de Thèbes, oeuvres de Dédale, confirmant et renforçant ainsi l'opinion locale" (VINCENT. Le xoanon chez Pausanias, p. 39).
[127] Ver p. 61.

Ἐλευθερολάκωσι· **θέας δὲ αὐτόθι ἄξια** Διονύσου καὶ Ἀρτέμιδός ἐστιν ἱερά.

contemplação são os santuários de Dioniso e Ártemis.

Pausânias menciona, em versículo anterior (III, 26, 8), que nos versos de Homero a cidade de Gerânia é chamada Énope. O periegeta se refere aos versos 150 e 292 do canto IX da *Ilíada*. Énope está entre as cidades que Agamêmnon lista como presente para Aquiles: "Cardámile, Énope e Hira atapetada de relva" (vv. 150 e 292). Na região de Gerânia, mais especificamente no monte Caláthio, é que se encontra um santuário (*hierón*) de Cleia que, segundo Rizzo, devia ser uma ninfa local, e uma gruta (*spélaion*) perto do santuário, cujo interior possui coisas "dignas de contemplação". Pela passagem não podemos concluir o que despertou a atenção de Pausânias dentro da gruta. Entre as passagens de *théas áxion* em toda a *Periégesis*, temos mais duas ocorrências onde o periegeta considera grutas "dignas de contemplação": no livro I, 32,7, na descrição do démos de Maratona, uma gruta no monte Pã, cuja entrada também é estreita (*stenós*). Dentro dessa gruta havia habitações (*oíkoi*), banhos (*loutrón*) e pedras semelhantes a cabras, que chamavam "o rebanho de Pã" (*Panòs aipólion*); a outra ocorrência, em X, 32, 2-3, é de uma gruta no monte Parnaso que Pausânias considera "a mais digna de ver" das grutas que viu (*spelaíon dè hôn eîdon théas áxion málista ephaíneto eînaí moi*). Na mesma passagem o periegeta ainda comenta que a gruta mais famosa (*onomastótata*) entre os gregos e em terras bárbaras está na Frígia e chama-se *Steûnos*. Essa gruta tem por característica ser redonda (*periferés*) e consideravelmente bonita (*euprepés*) por sua altura (*hýpsos*). Além disso, é consagrada à Mãe dos Deuses e possui uma imagem (*ágalma*).

Saindo de Gerânia para Alagonia, Pausânias comenta que já enumerou essa cidade entre os Eleuterolacones, uma frase do tipo "organização da narrativa", como comentamos anteriormente. No mesmo livro III, mas em 21, 6, o periegeta nos informa o que significa o termo Eleuterolacones: são cidades que eram súditas de Esparta e foram consideradas livres pelo imperador Augusto.[128] Pelo que podemos compreender do comentário de Pausânias na passagem seguinte (III, 21, 7), os Eleuterolacones eram formados por 24 cidades, sendo que 18 foram consideradas livres[129] e as 6 restantes ainda pagariam tributo a Esparta. Em Alagonia chamam a atenção do periegeta os santuários (*hierá*) de Dioniso e Ártemis, tipo de *theorémata* bastante recorrente entre os que são considerados *théas áxia*, como podemos concluir com base nas passagens anteriores.

[128] Segundo Ingelmo em 21 a. C (PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*, p. 82, nota 200, libros III-VI).
[129] Gitio, Teutrone, Lás, Pírrico, Cenépolis, Étilo, Leuctras, Talamas, Alagonia, Gerânia, Asopo, Ácrias, Beas, Zárax, Epidauro Limera, Brasias, Gerontras e Mario.

4. Pedras de tropeço no caminho do *lógos*, questões de tradução

As dificuldades na tradução não se restringiram ao sintagma *théas áxion*, como observamos anteriormente. A descrição, que segue uma lógica topográfica, oferece principalmente duas dificuldades: a primeira relativa à nomenclatura de lugares, como *chôrion, pólis, kômé*,[130] e nomes próprios, como podemos observar nas passagens apresentadas. Para esses procuramos utilizar as indicações do *Índice de nomes próprios: gregos e latinos*. Porém, foram poucos casos de topônimos, mitônimos e antropônimos encontrados, e tivemos que recorrer à transliteração, e também à consulta das traduções, procurando observar as soluções encontradas pelos tradutores.[131] Jones, no prefácio da edição da Loeb, comenta essas dificuldades quanto aos nomes. A outra dificuldade decorrente do método topográfico são as preposições. Nas passagens aqui citadas podemos perceber um uso frequente de *epí*. O comentário de Jones acerca das preposições ilustra bem a questão:

> O tradutor às vezes é incomodado pelo que parece ser uma falta de cuidado no uso das preposições. É impossível, por exemplo, decidir positivamente em alguns casos se *hupér* significa "acima" ou "além". Outra fonte de ambiguidade é o uso de *epí* com o caso dativo, de que Pausânias gosta muito. Mas *epí* com dativo pode ter, entre outros, os seguintes significados: - (1) Além de; (2) ao lado de, perto de, em, próximo; (3) No topo de; (4) no caso de. Assim sendo nas descrições topográficas o uso de preposições com significado de lugar deve ser muito rigoroso e preciso, e é lamentável que Pausânias empregue essa construção de *epí* tão frequentemente, tanto que o tradutor fica, muitas vezes, incerto quanto a qual significado escolher, e um erro pode produzir uma séria mudança no sentido da passagem. [132]

Além dos problemas da tradução, a interpretação do conteúdo também oferece dificuldades. Entender o que Pausânias aponta como objeto *théas áxion* e o porquê de serem assim considerados implica pensarmos em uma série de coisas que, muitas vezes, extrapolam o texto ou exigem uma visão geral da obra que apenas um contato bastante próximo com esses escritos pode oferecer. Na tentativa de pensar melhor o que Pausânias considera *théas*

---

[130] Sobre essa questão: JOST. Le vocabulaire de la description des paysages dans la Arkadika de Pausanias.

[131] Das passagens traduzidas encontramos tão poucas ocorrências no Índice que é possível citar: Brásidas (antropônimo), Teles (antropônimo/mitônimo), Limnátis (mitônimo), Serápis (mitônimo) e os topônimos Amiclas, Pelene e Ácrias. (PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Urena; PRIETO, João Maria de Teves Costa Urena; PENA, Abel de Nascimento. *Índices de nomes próprios:* gregos e latinos).

[132] "The translator is sometimes troubled by what appears to be carelessness in the use of prepositions. It is impossible, for example, to decide positively in many cases whether ὑπέρ means "above" or "beyond". Another source of ambiguity is the use of ἐπί with dative case, of which Pausanias is very fond. But ἐπί with the dative may have, among others, the following meanings: - (1) In addition to; (2) Next to, close to, at, near; (3) On the top of; (4) In the case of. Now in topographical descriptions the use of prepositions with local meanings should be very strict and precise, and it is rather unfortunate that Pausanias employs this construction of ἐπί so frequently, as the translator is often uncertain which meaning to choose, and an error may make a serious change in the sense of a passage." (Comentário de W. H. S. Jones na Introdução da *Descripcion of Greece*, v. I, p. X e XI – Loeb Classical Library).

áxion apresentaremos uma breve observação sobre como o sintagma ocorre nos outros livros da *Periégesis*.

5. *Théas áxion* e a *Periégesis*: os outros livros

Como observamos, no livro III temos 11 ocorrências de um total de 69 em toda a *Periégesis* que podem ser assim resumidas:

QUADRO 2

Theorémata considerados *théas áxion* no livro III

Passagem	***Theorémata***
III, 11, 2	Ágora
III, 14, 1	Teatro
III, 17, 3	Relevos representando Anfitrite e Posêidon, e o nascimento de Atena
III, 18, 7	Imagem sobre estela de um atleta vitorioso em Olímpia
III, 19, 6	Santuário e imagem de Alexandra/Cassandra
III, 21, 2	Santuário de Asclépio e fonte Pelanida
III, 22, 4	Templo e imagem da Mãe dos Deuses
III, 23, 10	Santuário de Afrodite, imagem de Asclépio, templo de Atena e Zeus Sóter
III, 25, 10	Santuário de Serápis e xoano de Apolo Carneios
III, 26, 11	Santuário e gruta de Cleia
III, 26, 11	Santuário de Dioniso e Ártemis

O livro III traz os objetos "dignos de contemplação" mais frequentes em toda a *Periégesis* – templos, santuários e imagens, sobre os quais Burkert comenta, destacando sua importância para a cultura grega:

> Na generalidade, denominou-se a cultura grega como uma "cultura de templos", pois foi na construção de templos, não de palácios, anfiteatros ou termas, que a arquitectura e a arte gregas encontraram a sua realização esplendorosa. No entanto, o templo não era algo obviamente pressuposto do ponto de vista da religião grega. A maior parte dos santuários são mais velhos do que os seus templos, e alguns sempre desdenharam o templo. O templo é a "morada", *naós*, da divindade, ele encerra a imagem antropomórfica do culto. Os inícios da construção de templos confundem-se, por isso, com a história do desenvolvimento das imagens dos deuses.[133]

[133] BURKERT. *Religião grega na época clássica e arcaica*, p. 187.

Aos termos utilizados por Pausânias no livro III – *naós, hierón, ágalma e xóanon*, também somam-se outros termos desse vocabulário religioso encontrados nas 58 ocorrências de *théas áxion*, como *témenos* (I, 1, 3; I, 40, 4), que segundo Chantraine tem o sentido de "domínio de um deus, santuário".[134] Também relativo aos espaços sagrados temos as ocorrências de *períbolos* e *bomós* (altar) como "dignos de contemplação" (VII, 24,5). Há também aqueles objetos consagrados aos deuses, como trípodes (I, 18, 8).

Dos trabalhos artísticos, que não parecem ter uma conotação estritamente religiosa, temos a ocorrência de estátuas (*andriás* – I, 5, 4; VI, 6, 6; *hermaî* – I, 17, 2; *kolossós* – I, 18, 6) e pinturas (*graphé* – II, 7, 3; VIII, 9, 8). Algumas construções também se destacam frente ao olhar do periegeta, como um muro (*teîkhos argôn líthon* – I, 37, 7), monumentos funerários (*mnêma* – I, 37, 5; VII, 22, 6), sepultura (*táphos* – II, 22, 3), um estádio (*stádion* – II, 1, 7) e construções que ele denomina *oikodómema* (II, 23, 7) e *oíkema* (II, 27, 3).

Não conseguimos identificar uma regra para a escolha de determinado objeto ou construção. As características recorrentes como tamanho, técnica, o autor, o material e a antiguidade não se referem sempre ao mesmo tipo de *theorémata*. Isso nos leva a pensar num processo cognitivo que se relaciona mais a questões subjetivas, afetivas e emocionais, do que a um método rigorosamente definido e aplicado. Pausânias também parece direcionar sua atenção para o que é marca da ação do homem e não a paisagem natural em si.

Dentro do conjunto de ocorrências de *théas áxion* há, ainda, três questões pertinentes a serem comentadas. A primeira é a utilização do sintagma em digressões: Pausânias está em um local e vê um objeto, porém não é o que ele vê que considera "digno de contemplação", mas um objeto similar visto em outro local. Isso ocorre em V, 12, 6 quando se referia a estátuas de imperadores, lembra as ações de Trajano e as construções realizadas por ele, dentre as quais figura uma ágora "digna de contemplação"; e também em VII, 24, 5, quando, estando na cidade de Hélice comentando o culto de Posêidon Helicônio, faz um paralelo com o mesmo culto em Teos, onde há espaços sagrados (*períbolos* e *bomós)* "dignos de contemplação". Outra situação é observada quando, numa digressão sobre Ájax em Salamina, afirma que descreverá o que lhe pareceu "digno de contemplação" (*hopósa dè áxia ephaíneto eînaí moi théas, diegésomai* – I, 35, 5).

A segunda questão que nos chamou atenção foi a referência a um templo "digno de contemplação" num antigo santuário de Atena Aleia, mas que fora destruído no segundo ano da 96ª Olimpíada, o que seria por volta de 395 a. C. (VIII, 45, 4-5).[135] Para dizer que o

[134] CHANTRAINE. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*, p. 1104.
[135] Segundo Ingelmo, p. 215 (PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*, libros VII-X).

templo era "digno de contemplação" Pausânias deve ter se baseado em alguma fonte escrita ou no que diziam os habitantes da região. Aqui, *théas áxion* parece não se aplicar, portanto, a algo que o periegeta possa ter visto, mesmo porque no versículo seguinte ele comenta as características do templo atual.

A última questão que despertou nosso interesse são duas ocorrências de um *théas áxion* negativo, no livro II. A primeira, um santuário de Apolo Lício que caiu (*katarruekós* – 9, 7) e não é "digno de contemplação"; e a segundo ocorrência é um comentário no Monte Artemísio, próximo de Mantineia, onde não há nada "digno de contemplação" (*taútei mèn dè théas oudèn éti ên áxion* – 25,4).

Essas três questões comentadas remetem para uma dúvida que sempre acompanhou a pesquisa: dizer *théas áxion* é afirmar a autópsia? Em nosso recorte, o livro III, não tínhamos elementos para afirmar o contrário. Com essas considerações, podemos ao menos afirmar que *théas áxion* não valida a autópsia. Também tendemos a considerar que *théas áxion* não é um critério de seleção em si e que sozinho não define o que vai ser descrito.[136] Há pouca ocorrência do sintagma em toda a obra em relação à quantidade de descrições. No entanto, a ocorrência do sintagma confirma nossa ideia de uma narrativa voltada para a visão, seja ela real ou ficcional.

6. Uma narrativa voltada para a visão

Apesar de concluirmos que *théas áxion* não prova a autópsia que é atribuída à obra de Pausânias, durante a pesquisa observamos a utilização de alguns verbos que têm um sentido de "eu vi". Percebemos a necessidade de comentar esses verbos, mesmo que de forma breve, já que defendemos que a *Periégesis* é uma narrativa voltada para o olhar e que a utilização de *théas áxion* não sustenta sozinha a hipótese da autópsia. Não pretendemos esgotar o vocabulário desse campo ou mesmo analisar cada utilização. Dessa forma, restringiremos nossa análise ao aoristo 2 *eîdon*, que é bastante utilizado.

Comentamos acima, na passagem III, 21, 2 e também em III, 20, 1, a utilização de *idón*, particípio aoristo, associado ao perfeito *oîda*. A ação de ver é afirmada duas vezes: no perfeito que guarda o sentido de ver em sua completude de processo, com resultado no presente, e na etimologia, no particípio do aoristo *eîdon,* eu vi ou eu vejo instantaneamente. Há, ao menos, outras cinco ocorrências de *idón / oîda* na obra: I, 43, 8 (imagens de pedra

[136] ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 43-44.

caracterizadas como *palaiótata*); II, 22, 3 (sepultura de Tântalo – está no *corpus* de *théas áxion*); II, 32, 4 (uma casa que seria de Hipólito); IV, 35, 10 (uma água negra que brota de uma fonte) e IX, 32, 8 (imagem de Autólico). O perfeito *oîda* também aparece associado ao particípio aoristo do verbo *theáomai* (contemplar): I, 23, 7 (lista de coisas na Acrópole de Atenas); IV, 35, 9 (água das Termópilas – *glaukótaton*); IV, 35, 11 (fontes que apresentam algo de maravilhoso – *thaûmá*); V, 27, 5 (prática cultual na Lídia considerada uma maravilha – *thaûma*); VII, 26, 8 (edifício em Egira); VIII, 17, 3 (águias brancas em Sípilo – *leukóteta*) e X, 25, 10 (pinturas sobre o sofrimento de Polixena em Atenas e Pérgamo). Em algumas ocorrências é interessante notar que *theasámenos oîda* está associado a cores e ao maravilhoso, espantoso.

A maior utilização que encontramos, no entanto, foi do aoristo *eîdon*. Seja para dizer que viu algo mais comum, como algumas estátuas (I, 5, 3), ou algo mais extraordinário, como um golfinho que atendia ao chamado de um menino e o levava montado sobre ele (III, 25, 7). Às vezes o aoristo é utilizado com *autós*, enfatizando a ação: eu "próprio" vi (I, 21, 3; II, 17, 5; IV, 16, 7). A impossibilidade de ver – *ouk eîdon* – também é sinalizada, às vezes quando se refere a um culto que é interdito (como o culto de Deméter – II, 35, 8) ou porque simplesmente não se teve a oportunidade de ver. Todavia, quando não é possível ver observamos uma forma de complementar essa ausência: como em VIII, 9, 7, Pausânias diz que não conheceu (*ouk eîdon*) Antínoo, protegido do imperador Adriano, mas viu imagens e pinturas (*en dè agálmasin eîdon kaì en graphaîs*), isto é, não viu pessoalmente mas sabe reconhecê-lo por ter visto representações dele.[137] A audição também parece funcionar como uma forma complementar de conhecimento, como em VIII, 41, 6, quando não foi possível ver o que desejava, mas ouviu dizer a respeito (*oudè tês Eurunómes tò ágalma eîdon: tôn Figaléon <d'> ékousa*). A informação oral tem grande importância na *Periégesis* e pode ser percebida através da referência que o periegeta faz a seus informantes específicos (antiquários e guias)[138] ou quando utiliza termos como "eles dizem" (*légousin*), "eles falam" (*phásin*) ou na forma passiva "diz-se (que)" (*légetai*). A respeito desse tipo de marca enunciativa Hartog comenta:

> Enfim, o último nível da *akoé*, o mais baixo, que é classificado nas gramáticas com o nome de passiva impessoal: *légetai*, diz-se que, há uma

[137] Outros exemplos da utilização de *eîdon*: I, 25, 1; I, 42, 3; II, 27, 5; II, 30, 4; II, 34, 3; II, 37, 5; III, 18, 9; III, 25, 7; IV, 31, 5; IV, 34, 6; VI, 24, 9; VII, 17, 4;VIII, 21, 2;VIII, 28, 6; IX, 18, 4; IX, 21, 1-2; IX, 25, 3; IX, 38, 5; X, 32, 2.

[138] οἱ τὰ ἀρχαῖα μνημονεύοντες (ou similares, em I, 1, 4; I, 27, 4; VII, 18, 2; VIII, 14, 12; IX, 18, 2; cf. HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 145, nota 19) ou ἐξηγηταί (I, 35, 8; II, 9, 7; V, 6, 6; V, 21, 9; X, 28, 7).

> narrativa que diz... No fundo, trata-se de uma espécie de narrativa flutuante, de que não se sabe nem quando, nem como, nem por quem, nem para quem foi produzida: enunciado aparentemente sem sujeito de enunciação e sem destinatário. Nenhuma marca forte de enunciação a pontua, o que não significa, em consequência, que o narrador creia nela globalmente ou não creia nela em bloco. A enunciação pode, com efeito, manifestar-se de modo mais sutil sob a forma de vestígios e, portanto, qualificar mais discretamente o diz-se. Essas declarações que se transmitem são uma sorte de citação sem quem cita e sem quem é citado, cuja autoridade varia conforme o contexto.[139]

Pausânias muitas vezes duvida das informações dos guias e dos autóctones, procurando outras explicações e versões, ou simplesmente dizendo "eu digo o que se conta a respeito, mas não é necessário crer em tudo", como em VI, 3, 8 (*emoì mèn oûn légein mèn tà hupò Hellénon legómena anánke, peíthesthai dè pâsin oukéti anánke*). Porém, julgamos importante observar que o recurso da audição é utilizado a partir do que se vê ou do que não é possível ver naquele momento em que o periegeta diz estar no local. Parece haver uma diferença entre ouvir dizer sobre um objeto ou local e ouvir dizer a respeito de um *lógos*. Assim como haveria mesmo uma diferença de estilo entre a descrição do que ele vê e nas passagens baseadas em fontes secundárias, segundo Arafat e Habicht.[140] Tal afirmação exige um grau maior de proximidade com o texto e um aprofundamento que foge ao nosso intuito.

Mais importante que enumerar os verbos ou termos relativos à visão é pensarmos na construção de uma narrativa em que o desejo do autor parece ser persuadir o leitor a ver o que ele descreve. Mais interessante que o fato do próprio Pausânias ter visto é seu esforço para que através da narrativa o leitor possa viajar com ele.

7. *Théas áxion* em outros autores

Em nossas pesquisas encontramos outros três autores que utilizam o sintagma *théas áxion*: Heródoto, Xenofonte e Estrabão. Dentre os três, o maior número de ocorrências está em Heródoto. Encontramos quatro ocorrências nas *Histórias*, no caso, *thées áxion*. A primeira, I, 25, 2, se refere a uma cratera de prata com um suporte de ferro, oferenda de Aliata, rei da Lídia, em Delfos (*thées áxion dià pánton tôn en Delphoîsi anathemáton*). No comentário à tradução publicada pela Les Belles Lettres, Legrand menciona a respeito que a cratera foi "vista e descrita por Pausânias X, 16".[141] Na passagem indicada, Pausânias comenta que das oferendas enviadas pelos reis lídios apenas o suporte de ferro da cratera de

[139] HARTOG. *O espelho de Heródoto*, p. 282.
[140] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 147. ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 19.
[141] "Vues et décrites par Pausanias X 16" (LEGRAND. Nota 7, p. 44-45. In: HERODOTE. *Histoires*. Livre I).

Aliata ainda existiria. Pausânias afirma ainda que a base é obra de Glauco de Quios, que inventou a soldagem do ferro, e se estende descrevendo a peça. Interessante é notar que a informação de autoria também está em Heródoto que, do mesmo modo, diz ser Glauco o único do mundo que descobriu a arte de soldar o ferro. Os comentadores veem em Pausânias muitas características de Heródoto, chegando a colocar o historiador como modelo para Pausânias. Mas, entre os comentários de frases semelhantes entre os dois, assuntos, estilos e preferências, não encontramos nenhum estudo que aproxime o uso que Pausânias faz de *théas áxion* a Heródoto.

A segunda ocorrência em Heródoto refere-se ao corpo de Masístio, general da cavalaria persa, sendo arrastado pelos gregos entre as tropas nas Guerras Médicas. Heródoto observa que o cadáver é "digno de contemplação" por causa de sua estatura e beleza – *ho dè nekròs ên thées áxios megátheos heineka kaì kálleos* (IX, 25, 1). Em Pausânias *théas áxion* se restringe a objetos, monumentos ou construções. A terceira ocorrência em Heródoto diz respeito a um objeto: a manjedoura dos cavalos de Mardônio, general persa, feita em bronze (ou cobre), saqueada pelos tegeatas (*tèn phátnen tôn híppon eoûsan khalkéen pâsan kaì thées axíen* – IX, 70, 3). Assim como em Pausânias, o material do objeto "digno de contemplação" é destacado. A última ocorrência nas *Histórias* refere-se a um manto de Xerxes, feito por sua mulher Améstris (*exuphénasa Ámestris he Xérxeo gunè phâros méga te kaì poikílon kaì thées áxion didoî Xérxei* – IX, 109, 1). Este manto se relaciona a um *lógos* interessante: foi por causa dele que a esposa de Xerxes descobriu que ele se enamorava pela esposa de seu filho Dario, pois quando o soberano visitou a nora deu-lhe o manto em troca de seus favores, tendo dito antes que não recusaria nada a ela.

Na *Geografia* de Estrabão em três passagens aparece *théas áxion*. A primeira ocorre no décimo livro, considerando que a obra possui 17 livros: trata-se de um altar numa cidade de nome Pário, na Propôntida, fundada pelos pários (*en taútei mèn oûn ho bomòs légetai théas áxios* – X, 5, 7). O comentário se insere na descrição que Estrabão faz de Paros, e o altar parece chamar a atenção por seu tamanho – um estádio em cada lado. Na segunda ocorrência, X, 5, 11, Estrabão fala sobre um santuário de Posêidon em Tenos (*hieròn toû Poseidônos méga en álsei tês póleos éxo théas áxion*). Estrabão comenta que pela grandeza do refeitório se pode concluir que um grande número de visitantes frequentava o santuário para fazer sacrifícios junto aos habitantes de Tenos. O que chama nossa atenção nessa passagem é o comentário do tradutor François Lasserre, da edição da Les Belles Lettres: "o raciocínio que ele [Estrabão] elabora a partir da grandeza dos refeitórios, em particular, parece implicar uma

observação pessoal".[142] A observação é interessante porque se adequa justamente aos questionamentos que temos feito à narrativa de Pausânias quanto ao uso de *théas áxion*. Pelo pouco conhecimento que temos da *Geografia*, não seria apropriado qualquer consideração mais geral.

A última ocorrência do sintagma em Estrabão se aplica a cerca de 40 tumbas de reis que estão em grutas, em Tebas – *thêkai basiléon em spelaíois latometaì perì tettarákonta, thaumastôs kateskeuasménai kaì théas áxiai* (XVII, 1, 46). Podemos aproximar Pausânias mais de Estrabão que de Heródoto, pelo tipo de objeto que o autor da *Geografia* qualifica como *théas áxion*: altar, santuário e tumbas. Todavia, pelo número de ocorrências, Pausânias não pode ser comparado a nenhum autor. Se, dentro da *Periégesis*, as passagens que contêm o sintagma são poucas para que as consideremos como estruturadoras da narrativa diante do volume de material que o periegeta trata, em comparação com outros autores a frequência de *théas áxion* se impõe. Em Xenofonte, por exemplo, encontramos apenas uma ocorrência nas *Helênicas*, sobre o ardor na batalha (*axía egéneto théas he spoudé* – VI, 2, 34).

Há, porém, uma variação de *théas áxion* que aparece com certa frequência nesses autores que apresentamos: o adjetivo *axiothéatos*.[143] Em Xenofonte há quinze ocorrências distribuídas pela *Ciropedia*, *Helênicas*, *Constituição dos lacedemônios*, *O Banquete*, *O Econômico*, *O comandante de cavalaria*, *Hieron*, *Da equitação* e *Memoráveis*. Diante da quantidade de ocorrências, que nos obrigaria a contextualização de cada uma, citaremos como exemplo somente a *Ciropedia*: Abradatas, um rei, armado com sua panóplia, belo e nobre, é considerado *axiothéatos* (VI, 4, 4). Em Heródoto o adjetivo ocorre nove vezes, aplicado a objetos como o trono de Midas em Delfos (I, 14, 3), o palácio de Ápries, filho de Psámis (II, 163, 1), a elementos da natureza, como ao Mar Negro no Ponto Euxino (IV, 85, 1). Já em Estrabão encontramos apenas uma passagem, onde *axiothéatos* se aplica a uma estátua de Eros em Téspias, obra de Praxíteles. Esse adjetivo merece, contudo, um estudo mais profundo, do qual abriremos mão no momento, para prosseguir com nosso roteiro.

Antes de continuar a viagem, porém, uma retomada geral. Pela quantidade de ocorrências de *théas áxion* em relação à extensão da *Periégesis* – 69 passagens em 10 livros –, não podemos afirmar que o sintagma funciona como um método ou como elemento estruturador da narrativa. Contudo, é uma fórmula que pretende conferir validade ao discurso. A pouca ênfase dos comentadores contemporâneos na possível autópsia de Pausânias talvez

[142] "le raisonnement qu'il elabore à partir de la grandeur des réfectoires, en particulier, semble bien impliquer une observation personnelle" (LASSERRE. Nota 3, p. 112. In: STRABON. *Geographie*. Livre X, tome VII).
[143] Segundo Bailly "digne d'être examiné ou contemplé" (*Dictionnaire Grec-Français*, p. 195).

tenha relação com o resgate de uma discussão que acabou trazendo uma imagem negativa para a obra no século XIX. Quando Pausânias caracteriza algo como "digno de contemplação" é razoável supor que desejasse que o leitor acreditasse nisso. *Théas áxion* pode ser visto como um operador de crença. Se o autor reivindica uma crença em algo real ou não, o tempo já não nos permite dizer. Mas, sem dúvida, o que é "digno de contemplação" o é para Pausânias, a partir de suas experiências, de seus gostos, de seu olhar sobre o mundo. A narrativa possui ainda outras características que pretendem fazer o leitor "ver", como o recurso à é*kphrasis*, que veremos no próximo capítulo.

FIG. 4 - Nascimento de Atena – Zeus brandindo seu relâmpago e Atena saindo de sua cabeça; ao lado de Zeus, Hefesto. ("Coupe attique f. n. signée de Phrynos. Londres, BR. Mus. B. 424. De Vulci. – Beazley, ABV 168; CV A BM 2, PL. 13 (71) 26; Cook, 668 fig. 480; Brommer, 67, Ia, 2; Boardman, ABFH fig. 123,1. – Vers 560 av. J.-C. (…)").

Fonte: DEMARGNE. *LIMC*, p. 987.

FIG. 5 - Anfitrite perseguida por Posêidon. (“Pyxis, rf. Athen, Nat. Mus 1708. Aus Aigina. – Beazley, *ARV*^{2} 833, 46: Amphitritealer; Caskey / Beazley II 92-93; *CVA*2 III Id Taf. 18 (76) 2-4; 19 (77) I; 20 (78) 2-3; Kaempf, Nr. 285 Taf. 19,1-3 – Um 460 v. Chr.”)

Fonte: KAEMPF-DIMITRIADOU. *LIMC*, p. 724-735.

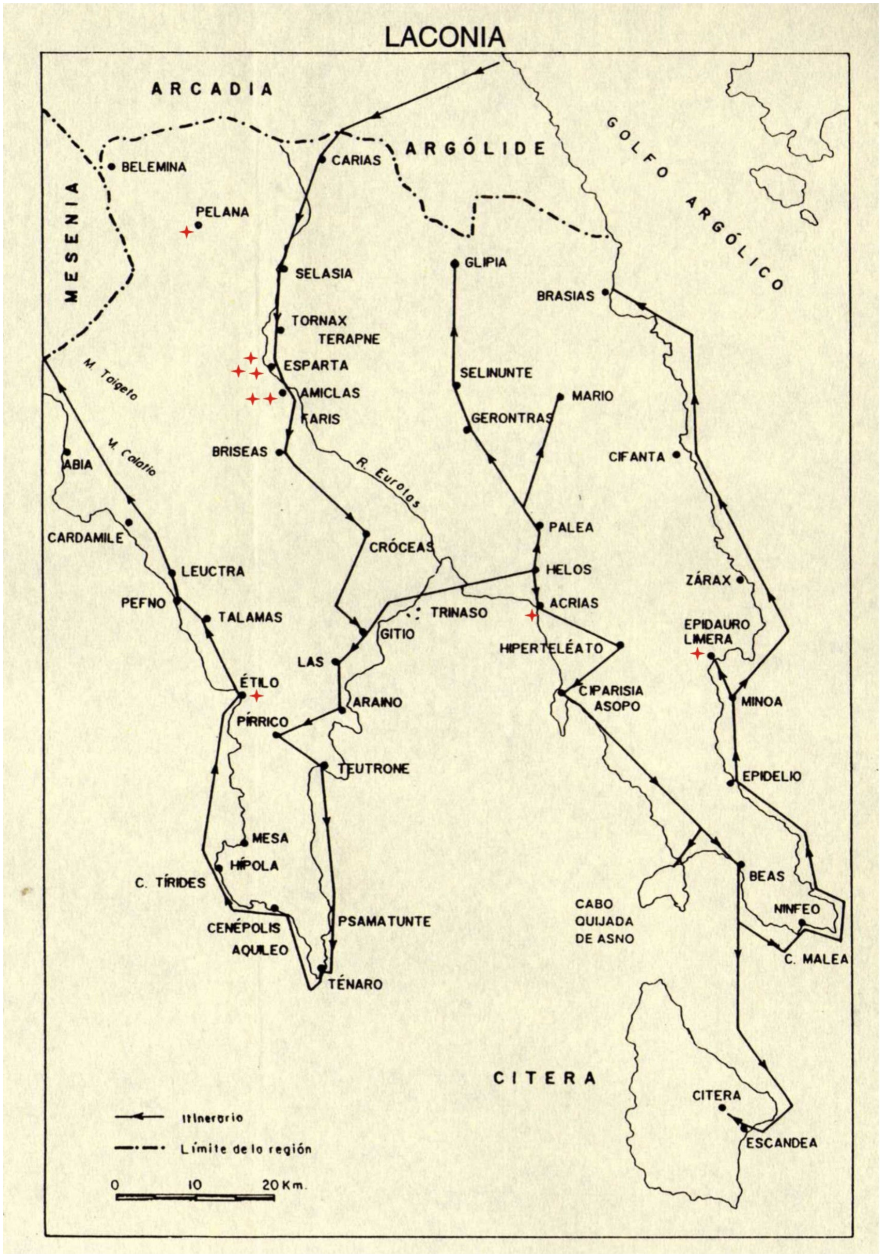


FIG. 6 - Regiões onde estão presentes os *theorémata* considerados *théas áxion* a partir do mapa que traça o percurso de Pausânias pela Lacônia.
Fonte: PAUSANIAS. *Descripción de Grécia*, Libros III-VI, Editorial Gredos.

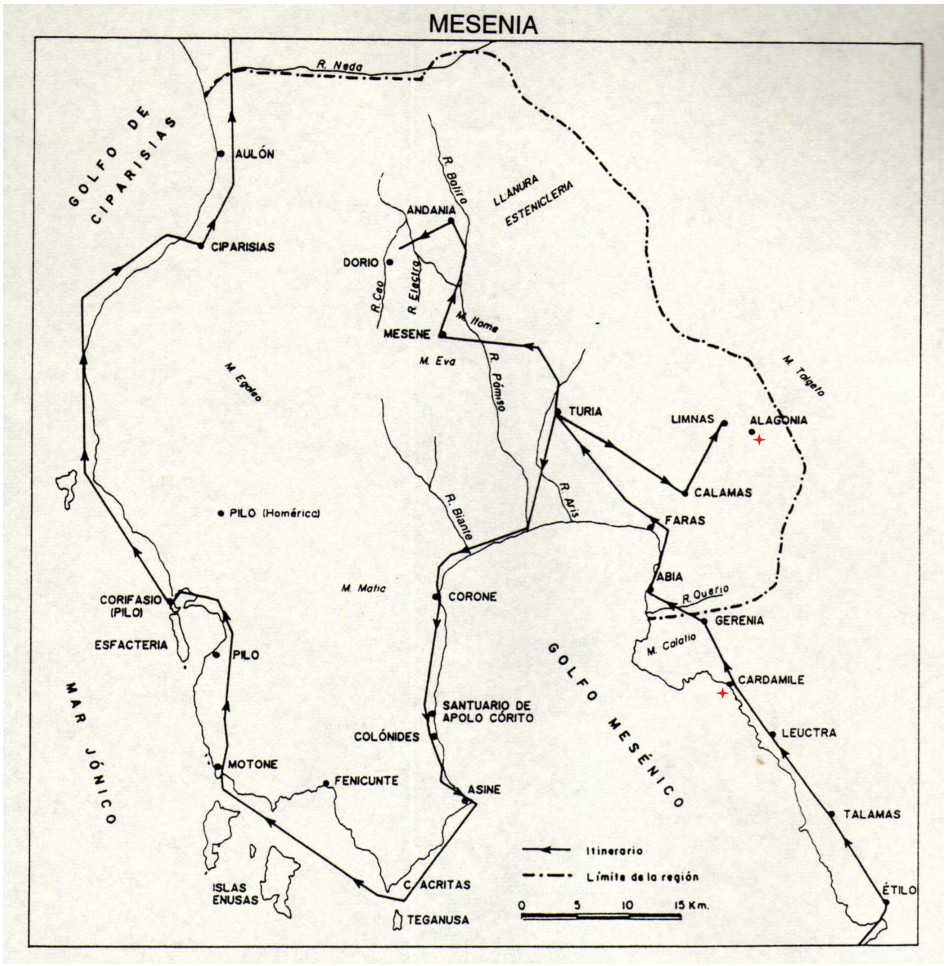


FIG. 7 - Localização dos últimos *theorémata* considerados *théas áxion* citados no livro III, na fronteira com a Messênia.
Fonte: PAUSANIAS. *Descripción de Grécia*, Libros III-VI, Editorial Gredos.

CAPÍTULO 3

Observações acerca do contexto histórico e cultural: o século II d. C.

No capítulo 1 comentamos algumas informações retiradas da *Periégesis* sobre a relação de Pausânias com seu contexto histórico, sua atitude pró ou anti-Roma e sinalizamos que a questão é bastante complexa. Em um esforço para compreender a obra como um todo é necessário considerarmos o contexto em que foi escrita. Os comentadores de Pausânias costumam apontar algumas características da *Periégesis* que integram simultaneamente as tendências do século II d. C., como o gosto pelo passado, uma preferência por temáticas ligadas à religião, o aticismo e a influência da retórica em alguns aspectos do texto. Alguns estudiosos chegam mesmo a discutir se Pausânias pertenceu – ou não – ao movimento conhecido como Segunda Sofística e, nessa perspectiva, inclinam-se a considerar a influência do romance em sua obra. Neste capítulo tentaremos expor as características que levam os comentadores a identificar na *Periégesis* as tendências culturais e literárias predominantes no século II.

1. O gosto pelo passado: uma estratégia imperial?

Estabelecemos no primeiro capítulo uma datação que indica que Pausânias viveu no reinado de três imperadores: Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161) e Marco Aurélio (161-180).[144] O marco histórico, apesar de muito discutido, é respaldado por alguns estudiosos[145] e acaba por ser usado como ferramenta de trabalho. Edward Gibbon, no início de sua obra assim define o período:

> No segundo século da Era Cristã, o império de Roma abrangia a mais bela parte da terra e o segmento mais civilizado da humanidade. As fronteiras daquela vasta monarquia eram guardadas por antigo renome e disciplinada bravura. A influência branda mas eficaz das leis e dos costumes havia gradualmente cimentado a união das províncias. Seus pacíficos habitantes desfrutavam até o ponto de abuso os privilégios da opulência e do luxo. A imagem de uma constituição livre era mantida com decoroso respeito: o

[144] PEACHIN. Rome the Superpower: 96-235 CE, p. 130.
[145] HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta en su contexto de formación en el oriente heleno:* Esmirna y Pérgamo, p. 17; HUTTON. *Describing Greece*, p. 9.

> Senado romano parecia estar investido de autoridade soberana e delegava aos imperadores romanos todos os poderes executivos de governo.[146]

Não vamos problematizar a idealização de Gibbon, não é esse nosso intento. Da citação retiramos a informação de que o século II pertence ao que se convencionou chamar de apogeu do império, o Alto Império Romano. Foi um período de paz e estabilidade, que, no reinado de Marco Aurélio, foi ameaçado com a guerra contra os partos e germanos (162-166 e 167-80, respectivamente).[147] Para Habicht o período que foi considerado por muitas gerações de romanos como a "era de ouro" da antiguidade é idealizado, mas se comparado com as condições de vida no mundo antigo foi, dentre todas, a melhor época.[148] Com os imperadores anteriores, principalmente com Trajano, a expansão para o Oriente proveu a Ásia Menor de uma infraestrutura importante para a fronteira do Império, enquanto a Grécia, sem importância política, se mostrava em uma situação de decadência, uma mera zona de passagem.[149] Como nos lembra Gibbon, "quando meditamos na fama de Tebas e Argos, de Esparta e de Atenas, mal conseguimos nos persuadir de que tantas repúblicas imortais da antiga Grécia se perderam numa única província do Império Romano, que, dada a superior influência da liga acaica, era usualmente chamada de província de Acaia".[150] O fato de as antigas cidades gregas terem sido reduzidas a províncias – juntamente com um discurso de declínio, abandono e ruína das cidades – serviu de argumento, muitas vezes exagerado, para o domínio romano.[151] Roma será a responsável, então, pelo resgate dessas localidades.[152]

Com Adriano a preocupação era manter o território imperial, sem uma política ofensiva; baseado na prosperidade das cidades da Ásia Menor, conseguida por seu antecessor, o imperador incentivou a revitalização da Grécia: "em sua política, Adriano envolve toda a ecúmena imperial que se mobiliza em um renascimento do helenismo para aprimorar seus edifícios, suas assembleias e associações, suas tradições religiosas, suas competições esportivas, e assim atrair o favor de um imperador que levava a alcunha de *graeculus*."[153] O

---

[146] GIBBON. *Declínio e queda do Império Romano*, p. 32

[147] Pausânias faz referência a essas guerras em VIII, 43, 6. (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 118-19).

[148] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 118.

[149] HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 58.

[150] GIBBON. *Declínio e queda do Império Romano*, p. 48

[151] HUTTON. *Describing Greece*, p. 46; ALCOCK. *Graecia Capta*: the landscapes of Roman Greece, p. 24-32.

[152] "Roma aparecerá como centro de la ecúmene, la pátria común de los griegos y la responsable de la libertad y la prosperidad que gozan, y sus representantes, los emperadores, los principales garantes del *status quo*" (HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 71).

[153] "en su política, Adriano implica a toda la ecúmene imperial que se mobiliza en un resurgir del helenismo para poner a punto sus edifícios, sus asambleas y asociaciones, sus tradiciones religiosas, sus competiciones

fato de Roma encorajar uma identificação com o passado como política de revitalização não está relacionado apenas ao filo-helenismo de Adriano. Segundo Simon Swain, o passado era uma fonte de autoridade. O autor dá exemplos modernos de colonialismo, como na África Britânica e na Índia, na tentativa de entender as razões pelas quais Roma incentivava o resgate do passado pelos gregos:

> Comparações modernas melhores que as novas nações são oferecidas pelos exemplos de sociedade ainda sob domínio colonial nas quais tradições têm sido inventadas ou ao menos incentivadas a se moverem em uma certa direção pelos governantes coloniais com a conivência tácita ou explícita das elites locais. Nesses casos o passado serviu à conveniência da administração colonial. Ao mesmo tempo as elites locais filtraram seu próprio poder através de uma história aceitável para os governantes com o objetivo de promover a sua própria posição e impregnar sua própria identidade.[154]

Swain levanta a hipótese de que a identificação com o passado era útil tanto para o domínio romano quanto para as elites locais. Enquanto essas buscavam uma tradição de líderes prósperos da história local, Roma assegurava seu domínio. Várias cidades empreenderam uma busca por suas origens por meio de túmulos de figuras míticas, relíquias, ritos e cultos a personagens da história local.[155] Isso conferia prestígio à comunidade e servia como meio para atrair o favor do imperador (os *beneficia* / *tà proteîa*), seja material ou para conseguir os títulos celebrados nas inscrições, como a cidade de Esmirna, nomeada "a primeira da Ásia em beleza e grandeza".[156]

Um exemplo bastante ilustrativo dessa política imperial foi a fundação do *Panhellenion*, em 131-132, uma liga de cidades gregas com centro em Atenas. Segundo Hernández,

> O *Panhellenion* foi uma instituição com a qual Adriano atraiu a elite do mundo grego periférico para o novo centro político em que Atenas havia se

---

deportivas, y así atraer el favor de un emperador apodado *graeculus*." (HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 61).

[154] "Better modern comparisons than the new nations are offered by examples of societies still under colonial rule where traditions have been invented or at least encouraged to move in a certain direction by the colonial rulers with the tacit or explicit connivance of the local elites. In these cases the past served the convenience of the colonial administration. At the same time local elites filtered their own power through a history acceptable to the rulers with the aim of furthering their own position and entreching their own identity." (SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 71).

[155] No diálogo *O amante das mentiras* Luciano trata, através de seus personagens, da criação de *pseûdos* como obra de povos inteiros: "assim, os cretenses mostram, sem envergonhar-se, o túmulo de Zeus, e os atenienses afirmam que Erictônio nasceu da terra e que os primeiros homens brotaram do solo da Ática, como legumes..." (*O amante das mentiras*, 3; tradução de Jacyntho Lins Brandão. In: BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 46).

[156] ἡ πρώτη τῆς Ἀσίας κάλλει καὶ μεγέθει καὶ λαμπροτάτη καὶ μητρόπολις καὶ γ' νεωκόρος τῶν Σεβαστῶν κατὰ τὰ δόγματα τῆς ἱερωτάτης συγκλέτον καὶ κόσμος τῆς Ἰωνίας Σμυρναίων πόλις (*I. Smyrna* 637) (HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 136-37).

> tornado e, de maneira secundária, para outras cidades de prestígio, como Esparta e Argos. Anualmente se elegia um conselho dirigido pelo imperador do qual participavam cidades (*póleis*) e ligas de cidades (*éthne*) principalmente das províncias de Acaia, Macedônia, Trácia, Creta, Cirene e Ásia Menor, que enviavam a Atenas seus representantes. As cidades gregas competiam para mostrar no *témenos* do templo sua grandeza e sua proximidade ao imperador e reuniam-se neste lugar com o objetivo de defender suas pátrias alegando que eram de origem grega.[157]

Com o *Panhellenion* Roma recriava o passado grego e, segundo Swain, assinalava-se uma forma de subordinação da elite grega ao Império.[158] Comentamos até aqui a atitude de Roma em relação aos gregos, e seria importante pensarmos na relação oposta, da postura dos gregos com relação aos romanos. Não seria uma forma de afirmação da identidade grega essa ênfase no passado, mesmo que promovida pelos dominadores? Culturalmente temos, nesse período, um renascimento das letras gregas e em muitos autores gregos podemos observar uma falta de interesse pelo passado romano, como em Pausânias e Luciano, e isso representaria de alguma forma, segundo Swain, uma reação a Roma.[159] Porém, a questão parece ser mais complexa, pois temos que considerar nesse período a existência do movimento denominado Segunda Sofística, cuja característica principal talvez seja esse interesse pelo passado, apesar de que a tendência também apresenta uma pluralidade de manifestações e posições acerca da relação entre gregos e romanos.

2. A Segunda Sofística

Diversos estudos se dedicam a analisar a Segunda Sofística e muitos problemas decorrem da definição, das características e até mesmo da natureza do movimento, o que acarreta também problemas de periodização. Nesse curto espaço seria impossível abarcar todas as questões que envolvem o tema, assim, focalizaremos somente o que seja de utilidade para o estudo de Pausânias.

---

[157] "El *Panhellenion* fue una instituición con la que Adriano atrajo la élite del mundo griego periférico hacia el nuevo centro político en el que se había convertido Atenas y, de manera secundaria, hacia otras ciudades de prestigio, como Esparta y Argos. Anualmente se elegía um consejo dirigido por el emperador en donde participaban ciudades (πόλεις) y ligas de ciudades (ἔθνη) principalmente de las províncias de Acaya, Macedonia, Tracia, Creta, Cirene y Asia Menor, que enviaban a Atenas sus representantes. Las ciudades griegas competían en mostrar en el témenos del templo su grandeza y su cercanía al emperador y se daban cita en este lugar con el objetivo de defender sus patrias basándose en que eran griegos de origen." (HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 62. Ver também: SMITH. The construction of the past in the Roman Empire, p. 428-29).

[158] "For Rome the council was presumably another way of tying the Greek elite into the Empire" (SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 76).

[159] SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 78.

Na definição de Graham Anderson, como o título de sua obra já indica (*The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*), trata-se de um fenômeno cultural, um período de renascença grega. Contudo, em direção contrária, Simon Swain discorda de Anderson, afirmando que

> A segunda sofística é o nome dado a manifestações desse sentimento intensificado de "ser grego". É errado classificá-lo simplesmente como um "fenômeno cultural" e contentar-se com isso, pois "cultural" é uma palavra inocente e passiva demais. Antes, devemos certamente lê-lo em termos políticos-ideológicos também, ao mesmo tempo afastando-nos das conotações de "política" que são muito ativas.[160]

Enquanto Swain identifica como um movimento de reação grega, Glen Bowersock atribui ao movimento maior importância na história romana que na literatura grega.[161] Nosso desejo, reafirmamos, é pontual; buscamos indícios da amplitude do movimento e nos perguntamos em que medida podemos identificar suas características na obra de Pausânias. Recorrer à origem do termo tampouco parece ajudar a esclarecer nossos problemas de definição. É atribuída a Filóstrato, na *Vida dos Sofistas* (séc. III), obra que trata da biografia de célebres oradores, a sua primeira utilização:

> A antiga sofística tinha sua retórica atrelada à filosofia, tratando dos mesmos assuntos dos filósofos, contudo, enquanto esses colocavam suas questões com astúcia e pouco desenvolviam suas investigações, dizendo nada conhecer; o antigo sofista, mesmo que não conhecesse bem o tema, mostrava-se um profundo conhecedor da matéria […] E quando os antigos sofistas tratavam das questões filosóficas prolongavam seus discursos de maneira prolixa, discorrendo sobre a virtude, sobre a justiça, sobre heróis e deuses e sobre a formação do universo […] Essa antiga sofística teve Górgias de Leontinos como seu iniciador. […] Não podemos chamar de nova a sofística vinda após, mas de antiga, então o melhor nome seria segunda sofística, pois em ambas os oradores representavam as figuras do pobre e do rico, do nobre e do tirano, e de outros assuntos, como se as situações fossem reais, a fim de que suas histórias se tornassem verossímeis.[162]

Na utilização de Filóstrato o termo se restringiria, portanto, à retórica. Porém, a influência que a retórica exercia na sociedade à época de Pausânias, como na literatura, na filosofia e na educação, não nos permite considerá-la como um movimento essencialmente

---

[160] "The second sophistic is the name given to manifestations of this intensified feeling of Greekness. It is wrong to simply categorize it as a 'cultural phenomenon' and leave it at that, for 'cultural' is far too innocent and passive a word. Rather, we must certainly read it in political-ideological terms too, while shying away from connotations of 'political' that are too active." (SWAIN. *Hellenism and Empire,* p. 88).

[161] BOWERSOCK. *Greek Sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1969. p. 8, *apud* SILVA. A segunda sofística: movimento, fenômeno ou exagero?, sem paginação.

[162] *Vida dos sofistas*, 480-481 – tradução de SILVA. A segunda sofística: movimento, fenômeno ou exagero?, sem paginação.

pertencente ao universo da retórica pura. Para defender nossa hipótese encontramos apoios e também opiniões contrárias. Citaremos somente dois representantes teóricos. Barbara Cassin, contrariamente, n'*O efeito sofístico,* ao diferenciar a primeira sofística da segunda observa que esta pertence ao *corpus* da retórica.[163] Opõe-se a ela, porém, Swain, autor de observações argutas sobre as quais nos apoiaremos para a defesa de um movimento mais amplo: na medida em que Filóstrato não apresenta as biografias dos retores de acordo com o talento retórico, mas em consonância ao seu *status* político e cultural, o termo pode ser aplicado ao período como um todo "ao invés de ser restrito à retórica declamatória em voga como ele mesmo tinha em mente".[164]

Considerar a hipótese de um movimento mais amplo não nos isenta de comentar o papel dos sofistas. Assim como temos dificuldade para caracterizar o movimento, temos problemas para definir o que foi um sofista. Como afirma Pernot,

> Não existe uma lista oficial de sofistas da Segunda Sofística; o fenômeno tem contornos variáveis. Por outro lado, a própria palavra "sofista" (*sophistês*) é difícil. Uma e outra dessas palavras podem assumir o sentido de "orador", "orador profissional", "professor de retórica", se bem que seus empregos se sobrepunham e que a mesma pessoa podia se ver aplicar o primeiro desses qualificativos, o segundo, ou os dois ao mesmo tempo, dependendo do ângulo que se considera e os significados particulares resultantes do contexto.[165]

Além dessa indefinição, Pernot observa ainda que o termo poderia ser aplicado não apenas de forma elogiosa, como consta em algumas inscrições, mas também de forma pejorativa, à maneira de Platão. Pernot comenta, nessa linha pejorativa, que autores que tinham uma ligação direta com a Segunda Sofística e que eram reconhecidos como sofistas por seus contemporâneos preferiam servir-se dos termos "orador" ou "filósofo" para referir a si mesmos.[166] Essa visão depreciativa dos sofistas parece perdurar ainda em alguns comentadores modernos, como é o caso de Christian Habicht:

---

[163] CASSIN. *O efeito sofístico*, p. 143.

[164] "It is for this reason that Philostratus' term 'second sophistic' can be used as a convenient shorthand for the period as a whole rather than being restricted to the declamatory rhetoric then in vogue as he himself has in mind." (SWAIN. *Hellenism and Empire*: language, classicism and power in the Greek world, AD 50-250, p. 2).

[165] "Il n'existe donc pas de liste officielle des sophistes de la Seconde Sophistique; le phénomène a des contours variables. D'autre part, le mot même de 'sophiste' (*sophistês*) fait difficulté. L'un et l'autre de ces mots pouvaient prendre le sens d''orateur', 'orateur professionnel', 'professeur de rhétorique', si bien que leurs emplois se chevauchaient et que la meme personne pouvait se voir appliquer le premier de ces qualificatifs, le second, ou les deux à la fois, suivant l'angle sous lequel on la considérait et suivant les significations particulières resultant du context." (PERNOT. L'Empire, ou l'innovation dans la tradition, p. 245-46).

[166] PERNOT. L'Empire, ou l'innovation dans la tradition, p. 246. Há uma grande discussão sobre a relação entre retórica e filosofia que não se reduz aos termos aplicados aos sofistas. Como essa discussão depende de uma

> Onde quer que eles falassem (ou melhor, executassem uma performance), atraíam grandes multidões e coletavam taxas enormes. Eles não eram originais, eram figuras medíocres, superficiais, arrogantes, cheios de vaidade, mas exerceram influência sobre o imperador e o reconheciam como seu igual; aos mais célebres eram concedidas audiências ou pedidos para ministrar leituras em sua presença; alguns eram altos oficiais na administração imperial.[167]

Apesar de um certo exagero de Habicht, vários autores concordam na caracterização dos sofistas como figuras culturalmente proeminentes que conseguiam fama, *status* e dinheiro por meio de apresentações de oratória.[168] Também tinham certos privilégios como a isenção de impostos, participavam do sistema imperial de governo, ocupavam cadeiras de retórica em Roma e Atenas e atuavam como tutores nas famílias de elite. De acordo com Swain, "o estudo da retórica era a forma mais comum de educação superior seguida pela elite".[169] Apesar de não existir uma lista oficial, retomando as palavras de Pernot, podemos destacar as figuras que mais aparecem nos comentários em torno da Segunda Sofística, tais como Polemon, Díon de Prusa, Arriano, Élio Aristides, Herodes Ático e Filóstrato.

Em seus discursos, os sofistas se voltavam às temáticas do passado, principalmente do período clássico, ficcionais ou históricas, e variavam segundo a necessidade, em discursos epidíticos (boas-vindas a grandes figuras, em competições ou festivais, em casamentos, orações fúnebres), forenses, políticos ou deliberativos.[170] O gosto pelo passado também se manifestava de maneira complementar em seu estilo e linguagem, que privilegiavam o uso do ático. Esse aticismo buscava inspiração no ático do séc. V e IV e era utilizado em contextos literários e de discursos, por exemplo, contraposto ao uso cotidiano da *koiné*, como na conversação. Simon Swain vê nesse aticismo causas sociais e políticas, e

---

contextualização que exigiria discutir os balizamentos da sofística antiga em relação a essa nova sofística, não entraremos no assunto.

[167] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 128: "Wherever they spoke (or rather, perfomed), they attracted large crowds and collected enormous fees. They were unoriginal, mediocre figures, shallow, arrogant, and full of vanity, but they exerted influence on the emperor and barely acknowledge him as their equal; the most celebrated were granted audiences or asked to deliver lectures in his presence; some were hight-ranking officials in the imperial administration."

[168] Na definição de Arafat, "the sophists were a conspicuous but limited category of *pepaideumenoi,* the educated men of the period trained in rethoric and in the culture of the Greek past. (…) The sophists' knowledge of the past was a matter for rethorical display – and it could be, and often was, feigned (…)". Para Arafat, a emergência dos sofistas foi a mais distintiva contribuição do movimento chamado Segunda Sofística (*Pausanias' Greece*, p. 14-15).

[169] "The study of rhetoric was the commonest form of higher education followed by the elite." (SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 90).

[170] Segundo Swain, "The themes used in historical declamations come almost exclusively from the mythological and classical period of Greece down to and including the age of Alexander. Over 350 different subjects have been listed, and there were doubtless more. The history of Athens, especially in the age of Demosthenes, predominates. These themes allowes rhetors to display their virtuosity by reworking real events or by freely invent against a know background." (SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 91).

não só razões literárias e estilísticas: "o objetivo do *attikismos*, estilístico e linguístico, foi diferenciar os líderes das letras e discursos gregos da massa de falantes gregos a fim de sinalizar claramente que eles tinham o comando do melhor tipo de grego".[171] Como sintoma da divisão política interna o aticismo era também uma forma de manutenção da superioridade cultural.

Esse aticismo, no entanto, não era uma imitação perfeita do ático clássico, já que podemos encontrar recursos não áticos em autores que defendiam o aticismo.[172] Como afirma Pernot, "todos os autores literários do período foram influenciados, mais ou menos, pelo aticismo. Como regra geral, quanto mais eles estavam perto da retórica e da sofística, mais seu aticismo era acentuado (...)".[173] Essa observação de Pernot é comprovada se tomarmos, como exemplo, Élio Aristides, considerado o mais meticuloso no uso do ático, e Galeno, médico, escritor e filósofo, que pela defesa da clareza na terminologia é considerado crítico do aticismo.

Outra crítica não só do aticismo, mas das práticas dessa retórica em voga, vem de Luciano. Apesar de não constar na lista de Filóstrato, Luciano em princípio "é orador e sofista", com base em sua escolha da *paidéia*, fundada na retórica e sofística, ao invés da escultura, como podemos notar em *Sobre o sonho*; de acordo com Brandão: "trata-se porém de um sofista que, sem dúvida, ultrapassa os limites da retórica de aparato, como a praticam outros de seus contemporâneos ilustres, dentre os quais Élio Aristides, Herodes Ático ou Filêmon".[174] No diálogo *Mestre de Retórica*, Luciano, o narrador, confronta duas correntes opostas da retórica, uma antiga, para chegar à qual o caminho é penoso e tem como guia um homem alto, de andar viril e queimado de sol; a outra corrente, possui o caminho curto e fácil, e seu guia é um homem "sabido e bonitão", de "olhar bonito, voz melosa, exalando perfumes", "comparável às cortesãs das comédias".[175] Nesse novo percurso não só a aparência física tem importância, mas também o discurso, a voz, a entonação, o uso do ático, e também a reputação e a fama.[176] E Brandão, novamente, postula que "a letra do texto critica o velho caminho e o antigo mestre, elogiando o novo, embora seja evidente que se pretende o

---

[171] "The aim of attikismos, stylistic and linguistic, was to differentiate the leaders of Greek letters and speech from the broad mass of Greek speakers in order to signal clearly that they had command of the Best sort of Greek" (SWAIN. *Hellenism and Empire,* p. 21).
[172] SWAIN. *Hellenism and Empire,* p. 20-21; PERNOT. L'Empire, ou l'innovation dans la tradition, p. 188-90.
[173] "tous les auteurs littéraires de la période ont été touchés, peu ou prou, par l'atticisme. En règle général, plus ils étaient proches de la rhétorique et de la sophistique, plus leur atticisme était prononcé (...)" (PERNOT. L'Empire, ou l'innovation dans la tradition, p. 190).
[174] BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 65.
[175] BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 66.
[176] BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 67.

contrário, na linha do gênero adoxográfico ou paradoxográfio, cuja importância na Segunda Sofística é bem conhecida."[177] Anuindo às ponderações de Brandão, concordamos que Luciano faz a sua crítica de forma irônica, banalizando a figura desse novo retor. Há ainda, em Luciano, outros diálogos como o *Lexífanes* e *Dupla acusação*, que fazem uma crítica bem-humorada a essa retórica preocupada com a forma, "esvaziada de conteúdo".[178]

Em Pausânias temos poucas menções aos sofistas. Em cinco passagens o periegeta cita Herodes Ático, mas em nenhuma delas discute sobre sua relação com a retórica.[179] Todas as ocorrências são relativas às oferendas e obras realizadas por Herodes Ático. Aliás, fazemos notar que uma delas (VII, 20, 6) é ocorrência importante para a datação da *Periégesis*, pois o autor comenta a construção do Odeon em Atenas, que pode ser localizado temporalmente como comentamos no capítulo 1. Há ainda outra passagem que parece fornecer um indício sobre os contemporâneos de Pausânias. Em IX, 30, 3 o periegeta comenta que se esforçou para saber a verdade sobre a datação de Homero e Hesíodo, mas que não lhe agrada escrever sobre isso pois sabe da querela em torno da questão, principalmente entre aqueles que se ocupam da composição de poemas em seu tempo. Para Habicht, essa passagem demonstra que "Pausânias traça uma linha entre ele e esses sofistas".[180] Dizendo de outro modo, o helenista parece defender que ao evitar comentar uma questão polêmica Pausânias estaria se diferenciando dos sofistas, evitando se entregar a questões menores ou que são fruto de uma atenção desmedida. Em tempo, resta-nos comentar que a passagem diz muito pouco para que se possa relacioná-la com uma crítica aos sofistas, lembrando que Pausânias sequer menciona o termo polêmico.

Ao contrário de Luciano, não temos em Pausânias indícios de uma opinião a respeito dos sofistas e de suas práticas retóricas. Porém, há algo, ou melhor dizendo, existem muitas coisas na *Periégesis* que levam os comentadores a considerar o periegeta como um "homem de seu tempo". Considerando o contexto da Segunda Sofística, quais seriam as características que Pausânias compartilha com seus contemporâneos?

---

[177] BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 67.

178 BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 68.

[179] Passagens em que Pausânias menciona Herodes Ático: I, 19, 6 (construção de um estádio); II, 1, 7 (oferendas dedicadas num templo de Posêidon); VI, 21, 2 (imagens de Core e Deméter ofertadas); VII, 20, 6 (construção do Odeón em Atenas); X, 32, 1 (estádio renovado pelo sofista).

[180] "(...) Pausanias draws a line between himself and these sophists (...)" (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece,* p. 140).

3. Pausânias e a Segunda Sofística: aproximações possíveis

Entre os comentadores encontramos dois pontos principais de aproximação entre Pausânias e as tendências de seu tempo: o interesse pelo passado e a utilização da *ékphrasis*. No entanto, antes de prosseguirmos com as observações dos comentadores precisamos fazer uma ponderação. Quando se trata de relacionar Pausânias com seu contexto, observamos uma forte tendência em afastar o periegeta da figura dos sofistas. Podemos supor que exista uma preocupação em não associar Pausânias, que já não goza de uma boa reputação, com a imagem superficial que se associou aos sofistas. Para nós essa questão é pouco esclarecedora. Quando procuramos entender o contexto da *Periégesis* nos importa equacionar as condições políticas e culturais do momento, questões que nos ajudarão a pensar a obra e não o contrário. Nosso interesse não é extrair da obra elementos que farão Pausânias ser identificado como um autor da Segunda Sofística. Uma investigação assim talvez não oferecesse respostas que mudariam de forma relevante o estado atual da questão.

O interesse que Pausânias nutre pelo passado é uma constante em todos os comentários da *Periégesis*. A antiguidade de mitos, monumentos e objetos como critérios de seletividade e uma falta de interesse por assuntos atuais, isto é, pelo domínio romano, explicariam essa preferência do periegeta. Alguns autores chegam a comentar que a Grécia que ele descreve não corresponde à sua situação no séc. II d. C, pois deixa de citar, por exemplo, monumentos erigidos depois de 150 a. C. De fato, Pausânias deixa de mencionar monumentos de sua época, como a êxedra / ninfeu de Herodes Ático em Olímpia. Porém, não podemos afirmar categoricamente que o periegeta negava totalmente o presente, considerando que em sua obra encontramos numerosas expressões com o sentido de "em meu tempo" e referências aos imperadores romanos. Não precisamos assumir uma negação do presente para que se confirme o interesse de Pausânias pelo passado. Apesar do conhecimento limitado que temos da *Periégesis*, que não nos permite fazer considerações muito taxativas, é importante considerarmos a dimensão política estrita dessa interpretação, como parece ocorrer entre os comentadores, pois há poucos indícios de uma atitude abertamente contrária ao domínio romano.

Concentraremos nossa atenção na opinião de três comentadores de Pausânias sobre a relação do periegeta com seu contexto, especificamente em seu interesse pelo passado e a proximidade com os sofistas. Christian Habicht divide sua opinião considerando que Pausânias compartilha o gosto de seu tempo em matéria de arte e literatura: seu apreço pelo passado é claro e possível de reconhecer pela menção a escultores, pintores, monumentos e

obras literárias dos períodos arcaico e clássico; mas com os sofistas o periegeta não pode ser comparado. Habicht afirma que Pausânias tem apenas um tema, a "Descrição da Grécia", que ele persiste em seguir não importando quantas digressões faça, enquanto um sofista pode se dedicar a qualquer temática, seja num discurso retratando a luta de Demóstenes pela liberdade da Grécia seja, logo depois, num panegírico a Roma. Além disso, Pausânias viajava com um objetivo definido, e não para receber aplausos do público.[181]

William Hutton concorda com Habicht ao afirmar que o gosto pelo passado coloca o periegeta como fruto de seu tempo: "a predileção de antiquário de Pausânias, seu intenso desejo de catalogar as manifestações físicas do passado grego, seu fascínio com as evocações visuais das ideias culturais e o tom religioso e nostálgico de toda a sua obra são perfeitamente cabíveis no tempo de Adriano, Luciano e Aristides."[182] O autor adiciona um aspecto interessante para pensarmos a questão: segundo Hutton, "sua [a de Pausânias] ênfase nos monumentos e obras de arte religiosos e a inclinação religiosa que ele projeta são, em geral, nada incomum nesse ponto da história".[183] Como exemplo de autores contemporâneos de Pausânias que desenvolvem temáticas religiosas em suas obras, Hutton cita Élio Aristides (*Discursos sagrados*) e a biografia de Apolônio de Tiana feita por Filóstrato (V*ida de Apolônio de Tiana*).[184]

Karim Arafat considera que Pausânias apresenta uma realidade tangível do passado que também é, ao mesmo tempo, um registro do presente.[185] O uso que o periegeta faz do passado seria, portanto, diferente do dos sofistas, que apresentam uma memória idealizada. Relacionando Pausânias com os sofistas Arafat pondera que:

> (…) ele era certamente um desses *pepaideuménoi* mas, na ausência de evidências de que ele ensinou retórica, não podemos chamá-lo de sofista. No entanto, eu sugiro que, embora o clima cultural o tenha abastecido com a educação e motivação para realizar suas viagens e seus escritos, ele parte de algumas das normas de seus contemporâneos para produzir uma obra fundamentalmente diferente.[186]

---

[181] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 137-140.

[182] "Pausanias' antiquarian predilections, his eargerness to catalog the physical manifestations of the Greek past, his fascination with visual evocations of cultural ideas, and the religious and nostalgic tint of his entire work are perfectly at home in the time of Hadrian, Lucian, and Aristeides." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 53).

[183] "His emphasis on religious monuments and artworks and the religious bent of personality he projects are, in general, nothing unusual at this point in history." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 48)

[184] HUTTON. *Describing Greece*, p. 48. Sobre os discursos de Élio Aristides, ver o artigo de Jean-Luc Vix, "Aelius Aristide (IIe s. ap. J.-C.), un défenseur passioné de la rhétorique", onde o autor comenta acerca da visão de Élio Aristides de um "discurso inspirado pela divindade".

[185] ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 32-33.

[186] "(…) he was certainly one of the *pepaideumenoi* but, in the absence of evidence that he taught rhetoric, we cannot call him a sophist. However, I suggest that, while the cultural climate equipped him with the education

A questão do entretenimento também afastaria Pausânias dos sofistas. Para Arafat, Pausânias seguramente não fazia *performances* de seu trabalho. A autora apresenta um argumento para defender sua ideia: "o evidente interesse de Pausânias no que é tradicional na religião grega, e sua busca incessante por isso, certamente argumenta contra a noção de entretenimento como sua principal preocupação (...)".[187] Ao passo que Hutton utiliza o interesse pela religião como uma forma de resgate do passado e por isso um ponto de aproximação com os sofistas, Arafat toma a mesma qualidade como ponto de afastamento, já que o comprometimento com a religião inviabilizaria outros interesses.

Como observamos no início deste tópico, o fato de Pausânias ser ou não sofista pouco acrescentaria para nossa análise, mas uma reflexão a respeito dessa questão e dos comentários precisa ser feita. Não temos dados suficientes da vida de Pausânias para considerar sua atuação em qualquer outra atividade. A manutenção de um *low profile* na *Periégesis* não diz a respeito de outras atividades que ele poderia desenvolver. Até onde sabemos, a *Periégesis* foi a única obra desse autor que chegou até nós, todavia, não se pode asseverar que ela seria sua única produção. Assim, não é prudente afirmarmos que o interesse pela religião que ele demonstra na obra que possuímos o afastaria de outras práticas profissionais.

Outro aspecto que aproximaria Pausânias dos autores de seu tempo é o interesse pela *ékphrasis*. A técnica também é utilizada por autores que estão fora do círculo daquela retórica de aparato, como Luciano, o que nos leva a pensar em termos de influência e não nos obriga, reiterando, a necessariamente adequar nosso autor ao movimento da Segunda Sofística. Falamos de influência da retórica porque é nesse âmbito que se define o que é *ékphrasis*, como é pensada e praticada e a que propósitos serve.[188] A principal fonte para a concepção retórica de *ékphrasis* são os *Progymnásmata*. Esses exercícios preliminares treinavam o estudante de retórica basicamente em matérias como narração (*mythos, diégema*), descrição (*ékphrasis*), técnicas básicas de argumentos de prova e refutação (*kataskeué, anaskeué*), métodos de comparação (*sýnkrisis*) e exercícios de elogios e censura (*enkómion* e

---

and the motivation to undertake his travels and his writing, he departed from some of the norms of his contemporaries to produce a fundamentally different work." (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 15).

[187] "Pausanias' evident interest in what is traditional in Greek religion, and his relentless pursuit of it, surely argues against the notion of entertainment as his primary concern (...)" (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 34.

[188] WEBB: "(…) is in the rhetoricians' schools that ekphrasis was defined, taught and practised and it is therefore in the domain of rhetoric that we can find a substantial explanation of what ekphrasis was, how it functioned and what its purpose was." (*Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*, p. 3).

psógos).[189] Na definição dos *Progymnásmata* de Theon, *ékphrasis* é um discurso descritivo que traz, visivelmente, o tema diante dos olhos, tornando-o visível. Ela pode ter como objeto pessoas, lugares, eventos ou tempos e sua virtude está na *saphéneia* e na *enárgeia*.[190] A utilização da *ékphrasis* também se relaciona com as tendências mais amplas de gosto pelo passado. Ela seria um mecanismo para desenvolver temas clássicos, visto que também retoma momentos de *ékphrasis* de autores antigos tidos como modelo, como a passagem da fabricação do escudo de Aquiles por Hefesto, no canto XVIII da *Ilíada*, considerada a primeira *ékphrasis*.

A ênfase da *ékphrasis* antiga se dava no impacto causado no ouvinte, como afirma Webb, "(...) na definição antiga o referente é apenas de importância secundária; o que importa (…) é o impacto no ouvinte."[191] Essas definições têm relação com o contexto da *performance* oratória, mas também podemos relacioná-las com o contexto de leitura. Contribui para tal hipótese o fato de que a noção de leitura da antiguidade guarda relação com um sistema de visualização, encorajado pelo processo educacional, como ferramentas mnemônicas, diante das dificuldades técnicas da escrita e da leitura.[192] Essas considerações se fazem necessárias para pensar o contexto de utilização da obra de Pausânias, levando em conta que os comentadores descartam a possibilidade de *perfomance* da *Periégesis*. Hutton, por exemplo, observa na utilização da segunda pessoa no posicionamento topográfico[193] um indício de interesse na reação do leitor: "Até certo ponto, essas referências podem ser vistas cumprindo

---

[189] Ver o capítulo 2, "Preparation, prelude, perfomance" de ANDERSON. *The Second Sophistic:* a cultural phenomenon in the Roman Empire, p. 47-67; e o capítulo 2, "Learning Ekphrasis: the Progymnasmata", de WEBB. *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice,* p. 39-60.

[190] Ἔκφρασις ἐστὶ λόγος περιηγηματικὸς ἐναργῶς ὑπ' ὄψιν ἄγων τὸ δηλούμενον. Γίνεται δὲ ἔκφρασις προσώπων τε καὶ πραγμάτων καὶ τόπων καὶ χρόνων. (...) Ἀρεταὶ δὲ ἐκφράσεως αἵδε· σαφήνεια μὲν μάλιστα καὶ ἐνάργεια τοῦ σχεδὸν ὁρᾶσθαι τὰ ἀπαγγελλόμενα (...). THEON. *Progymnasmata*, 118.6. In: WEBB. *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*, p. 197. Webb traduz σαφήνεια como clareza e ἐνάργεια como vivacidade (p. 198). Para um aprofundamento da relação da *ékphrasis* com outras figuras retóricas que conferem ao discurso um caráter vivaz, como a metáfora, ver RODOLPHO. Um estudo dos procedimentos ecfrásticos, p. 107.

[191] "(…) in the ancient definition the referent is only of secondary importance; what matters, as we have seen, is the impact on the listener." WEBB. *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice,* p. 7. Melina Rodolpho assim a define: "Na retórica, o objetivo da descrição é mais dispor o objeto diante do espectador do que propriamente explicar o objeto, com a finalidade de representar além das características sensíveis do objeto também as características inteligíveis." (Um estudo dos procedimentos ecfrásticos, p. 109). Para Francis, "(…) ekphrasis makes the absent present; it conveys both presence and absence at the same time. Similarly, ekphrasis also communicates through both word and image. (…) Ancient ekphrasis is thus a dynamic interface between the verbal and the visual" (FRANCIS. Metal maidens, Achilles' shield, and Pandora: the beginnings of "ekphrasis", p. 7).

[192] WEBB. *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*, p. 23-28. Referimo-nos aos tipos de espaço sugeridos por Quintiliano, no *Institutio oratoria* 11, 2, 21, para recuperar e ordenar as informações memorizadas, como uma casa, prédios públicos, uma longa jornada, pinturas etc. (ELSNER. Structuring "Greece": Pausanias' *Periegesis* as a literary construct, p. 19).

[193] Como em III, 10, 8: ἐν δὲ Θόρνακι—ἐς γὰρ τοῦτον ἀφίξηι προϊών—ἄγαλμά ἐστι Πυθαέως Ἀπόλλωνος.

fins literários: servindo a causa da *enárgeia*, incentivando o leitor a imaginar-se na cena (...)".[194]

No texto de Pausânias a *ékphrasis* parece se aplicar tanto à temporalidade, na descrição de mitos e histórias, quanto aos monumentos, construções e objetos. Já tivemos oportunidade de comentar a forma como Pausânias procede trazendo mitos e histórias a partir dos *theorémata* e, para Hutton, a forma da descrição também evidencia o interesse pelo passado: "a conexão da descrição de um objeto físico com um *lógos* histórico ou mítico foi outra coisa que concorreu para a fascinação contemporânea com o passado: um monumento físico pode emprestar a uma narrativa um apoio mais tangível no passado privilegiado do que de outra maneira teria."[195]

Hutton também observa que os monumentos visíveis não são apenas objeto de descrição e associação com um *lógos*, mas são usados como "um quadro que dá ordem e unidade para uma narrativa complexa e desarticulada".[196] Baseados nessa conexão entre *lógoi* e *theorémata*, e na afirmação de Melina Rodolpho de que "o dispositivo ecfrástico (...) remete ao discurso periegético, que guia o espectador ao redor da cena descrita, explorando ao máximo as possibilidades que a imagem encerra",[197] nos perguntamos: não seria a *Periégesis* uma "grande *ékphrasis*"? Faz sentido pensarmos numa intenção de Pausânias em fazer com que seu público veja o que está sendo narrado, que acompanhe ativamente seu percurso. Nesse sentido usar formas como "digno de contemplação" e "eu próprio vi" contribuem para a formação de um discurso voltado para a visão, mesmo que se considere como um discurso fictício. A hipótese talvez se confirme com a afirmação de Barbara Cassin:

> Com a Segunda Sofística, de fato, não somente as *ekphráseis* constituem parte integrante, codificada, do curso retórico, como também elas se multiplicam e se autonomizam a ponto de constituírem um gênero por si só: os *Eikónes*, ou *Imagines*, de dois dos Filóstratos, as *Descrições* de Calístrates, sem falar dos *Eikónes*, seguidos de um *Hypèr tôn eikónon*, de Luciano, mais complexos, já que, como sempre, com ironia e à margem do gênero.[198]

---

[194] "To a certain extent, these references can be seen as fulfilling literary purposes: serving the cause of *enargeia* by encouraging the reader to imagine himself on the scene (…)". (HUTTON. *Describing Greece*, p. 244).

[195] "the connection of the description of a physical object with a historical or mythical logos was yet another thing that appealed to the contemporary fascination with the past: a physical monument can lend to a narrative a more tangible foothold in the privileged past than it would otherwise have." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 49).

[196] HUTTON. *Describing Greece*, p. 49.

[197] RODOLPHO. Um estudo dos procedimentos ecfrásticos, p. 109.

[198] CASSIN. *Efeito sofístico*, p. 251. É interessante comentarmos, porém, a crítica que Luciano faz à *ékphrasis*, restrita ao âmbito da história. Em *Como se deve escrever a história* ele comenta o abuso que alguns historiadores fazem da *ékphrasis*, descrevendo "todas as montanhas, planícies e rios" ou "ferimentos de todo incríveis e mortes estranhas", tecendo comentários bem-humorados do tipo "observe como essas coisas são

A propósito de Luciano, cuja complexidade, conforme observa Cassin, está na riqueza do discurso que sempre quer dizer mais do que a letra exprime. Não nos aventuraremos na empreitada, que nos parece perigosa, de analisar o uso da *ékphrasis* em Luciano, isso exigiria um conhecimento de que não dispomos. Não obstante, isso não nos impede de trazer algumas considerações gerais feitas por quem realmente tem propriedade no assunto. Em alguns diálogos de Luciano podemos perceber uma recorrência importante das artes visuais para a definição de sua produção.[199] No sentido de uma reflexão crítica acerca de sua poética, Luciano serve-se de técnicas ecfrásticas para criar imagens através do discurso, "pintar um *eikón* com o *lógos*", como em *Imagens* e *Sobre as Imagens*, citadas por Cassin. Mas a partir da perspectiva de que o texto é "voltado para a reflexão sobre as possibilidades do discurso", a *ékphrasis* é um instrumento e não a finalidade.[200] Ainda assim, esse tipo de discurso em Luciano nos interessa na medida em que permite refletir sobre a constituição da narrativa em que a visão tem um papel essencial, o que resumidamente encontramos no comentário de Brandão: "Num certo sentido, se poderia afirmar que o discurso luciânico tem um caráter teatral, na acepção etimológica do termo, enquanto discurso que se apresenta como objeto de visão ou como espetáculo."[201]

Além desses autores citados por Cassin, podemos mencionar exemplos de autores de romances como Longo (*Dáfnis e Cloé*), Aquiles Tácio (*Leucipe e Clitofonte*) e Heliodoro (*As etiópicas*), para os quais algo visível, na maioria das vezes obras de arte, servia como referência para o desenvolvimento de toda a narrativa. Em se tratando de romance, um aparte deve ser feito, considerando não ser nosso objetivo aprofundar nessa questão. Em nossa pesquisa bibliográfica encontramos um artigo de Janick Auberger intitulado "Pausanias romancier? Le témoignage du livre IV", em que a autora considera Pausânias mais que um autor de *Periégesis*, pintando-o, antes, "como um verdadeiro escritor, desejoso de variar seu estilo e muito atraído, por exemplo, quando sua matéria o permite, pelo romance, nova forma literária muito em voga à sua época".[202] Auberger analisa um episódio do livro IV que trata da

---

necessárias para a história, sem as quais não saberíamos nada do que ali se passou!" e "não sei como alguém sensato pode aguentar uma coisa dessas!" (*Hist. Conscr*. 19 e 20; tradução de Jacyntho Lins Brandão, p. 50-53, 224-225).

[199] BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 89.

[200] BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 104.

[201] Esse caráter teatral tem relação também com os princípios que constituem o *lógos* luciânico: a retórica sofística, a comédia e o diálogo filosófico, que guardam "ligações com o espetáculo". BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 89-90.

[202] "comme un vrai écrivain, désireux de varier son style et très attiré par exemple, quand sa matière le lui permet, par le roman, nouvelle forme littéraire très en vogue à son époque." AUBERGER. Pausanias romancier? Le témoignage du livre IV, p. 280. Da mesma autora "Le vocabulaire de la psychologie chez

Guerra Messênica no qual identifica elementos do romance, a saber: "- o herói, nobre, emotivo e corajoso; - os combates; os ladrões, piratas e vilões; - os sonhos premonitórios; - a intervenção das divindades e todo o poder da *Tyché*; - as histórias anexas; - as viagens em um outro país; a cronologia maltratada."[203] A autora conclui que "podemos dizer que [Pausânias] conseguiu introduzir os componentes romanescos e que essa história embeleza uma história messênica amplamente lacunar e sem testemunhos nem monumentos dignos de serem descritos."[204]

Enquanto Auberger tem em mente ao evocar o romance as obras em prosa que tratam de histórias de amor e aventura,[205] pensando nas características do gênero, nos interessa mais estabelecer um foco na característica dessa narrativa em prosa: a ficção. Pensar na influência do romance, enquanto ficção em prosa, na narrativa de Pausânias é tentador. Principalmente quando se dispõe de uma tradição que procura uma utilidade para o texto, uma verdade que se apoia numa possível autópsia. Mas, apesar de tentadora, a hipótese requer fundamentos. Temos em mente a dimensão dessa ficção como parte constituinte do romance, na medida em que não se trata de um gênero que apenas lida com o fictício, como a historiografia, mas que é construído "sem outro balizamento que a própria ficção".[206] Enquanto não temos ao menos um pacto de leitura em que Pausânias diz se tratar de ficção, ao molde de Luciano em *Das narrativas verdadeiras*, não podemos falar de um Pausânias romancista, mas podemos, mesmo que de forma tímida, pensar na influência desse gênero que tem origem à época do periegeta.

Concluindo, não poderíamos deixar de comentar sobre a linguagem e o estilo da *Periégesis*. Os comentadores e tradutores de Pausânias do século XIX fizeram uma avaliação extremamente negativa de sua obra, como os comentários de Frazer: "Pausânias não pode ser culpado por tentar escrever bem; pena que, com todos os seus esforços, ele não escreveu

---

Pausanias", tese publicada em 1988. Auberger traduziu e editou o livro IV da *Periégesis* da "Les Belles Lettres", publicado em 2005 (*Description de la Grèce*, tome IV, livre IV: la Messénie).

[203] "le héros, noble, émotif et courageux; - les combats; - les brigands, pirates et méchants traîtes; - les songes prémonitoires; - l'intervention des divinités, et la toute puissance de la Tyché; - les récits annexes; - les déplacements dans un autre pays; - la chronologie malmenée". (AUBERGER. Pausanias romancier? Le témoignage du livre IV, p. 278).

[204] "On peut dire que réussi à introduire les composantes romanesques et que cette histoire agrémente joliment une Histoire messénienne largement lacunaire et sans témoignages ni monuments dignes d'être décrits."(AUBERGER. Pausanias romancier? Le témoignage du livre IV, p. 279).

[205] AUBERGER. Pausanias romancier? Le témoignage du livre IV, p. 261

[206] BRANDÃO. *A invenção do romance,* p. 166. Enquanto pensamos nas influências de gêneros e tendências literárias, vale citar o artigo de Ruth Webb sobre a influência da retórica no romance: WEBB. Rhetoric and the novel: sex, lies and sophistic, p. 526-541.

melhor"; ou ainda "as sentenças são desprovidas de ritmo e harmonia"[207]. Habicht, cujo comentário em outros aspectos oferece uma perspectiva diferente da *Periégesis*, parece concordar de alguma forma com seus predecessores:

> Um escritor da época de Pausânias deveria escrever em Ático, e Pausânias é, até aí, um produto de seu próprio tempo. Ele escreve no estilo ático da moda, mas enfrenta um problema particular. A natureza de seu trabalho demanda repetição, enquanto o estilo elevado demanda variedade, e assim ele constantemente sai de seu caminho para variar sua expressão, às vezes à custa da clareza. (...) Em seu estilo, infelizmente, ele falha. O estilo não atenua a monotonia, e frequentemente confunde o sentido, especialmente o seu artifício de usar uma ordem de palavras altamente incomum.[208]

Na perspectiva dos comentadores que pretendem uma revitalização da obra de Pausânias, Hutton afasta um pouco o periegeta das tendências de seu tempo colocando-o como criador de um novo arcaísmo: "no lugar do Aticismo, Pausânias escolhe o não Aticismo; no lugar da classicizante *aphéleia*, Pausânias cria um texto de deliberada dificuldade; no lugar de seguir as antigas autoridades no assunto do passado da Grécia, Pausânias escolhe tornar-se a autoridade vendo o passado por si próprio e permanecendo onde os antigos se colocavam"[209]. As opiniões sobre a influência do aticismo na *Periégesis* são bastante diversas e em sua maioria se apoiam na análise ortográfica, por exemplo no emprego de -σσ/-ττ, ou na variação de palavras e verbos. Entretanto, não se pode negligenciar o fato de que esse tipo de método pode sofrer influência do processo de transmissão dos manuscritos. Nosso contato com o texto é demasiado recente e, como em outras ocasiões, limita nossas conclusões, mas podemos dizer que a experiência de tradução das passagens selecionadas do livro III, no capítulo anterior, ofereceu dificuldades. Essas não se relacionam propriamente com o vocabulário apenas, mas principalmente com a sintaxe, como tivemos oportunidade de destacar para cada passagem.

Como comentamos no capítulo 1, Pausânias teria nascido em Magnésia de Sípilo, localizada na Ásia Menor, uma região de destaque no Império Romano. Cidades próximas

---

[207] "Pausanias cannot be blamed for trying to write well; the pity is that with all his pains he did not write better"; "The sentences are devoid of rhythm and harmony." (FRAZER, 1898, *apud* HUTTON. *Describing Greece*, p. 177 e 218).

[208] "A writer of Pausanias' day must write in Attic, and Pausanias is, this far, a product of his own time. He writes in the fashionable Attic style, but he faces a particular problem. The nature of his work demands repetition, while high style demands variety, and so he constantly goes out of his way to vary his expression, sometimes at the cost of clarity. (…) In his style, unfortunately, he fails. It does not relieve the monotony, and often does confuse the meaning, especially his trick of using a highly unusual word order." (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 137).

[209] "In the place of Atticism, Pausanias chose non-Atticism; in the place of classicizing ἀφέλεια, Pausanias creates a text of deliberate difficulty; in the place of following the ancient authorities on the subject of Greece's past, Pausanias chooses to become the authority by seeing the past for himself and standing where ancient people stood" (HUTTON. *Describing Greece*, p. 234).

como Esmirna, Pérgamo, Mileto e Éfeso eram centros culturais importantes para a Segunda Sofística, e muitos sofistas de destaque tinham sua origem nessas regiões.[210] Pelo nível de conhecimento que Pausânias demonstra ter de literatura, história e arte, pelas fontes que cita, e considerando sua origem podemos supor que estava a par de todas essas tendências culturais que esboçamos, e pode ter sido influenciado por elas. Mas não se trata de enquadrá-lo em definições prontas e considerá-lo um "homem de seu tempo". Essa expressão não nos agrada, pois parece reduzir a complexidade e a riqueza do que encontramos na *Periégesis*.

[210] HERNÁNDEZ. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo, p. 136.

CAPÍTULO 4

As várias faces de Pausânias: um estudo de gênero?

Pausânias periegeta, viajante, guia, peregrino, historiador, escritor... Assim como a *Periégesis* possui uma grande variedade de assuntos, seu autor recebe numerosos epítetos. Mais do que utilizar as diversas facetas da obra para determinados fins, para os comentadores os epítetos têm relação com o gênero da obra. Já comentamos que a *Periégesis* inicia *in media res* e, apesar de identificarmos algumas passagens em que Pausânias discorre sobre seus objetivos, como na importante passagem do livro III, nada podemos inferir de suas expectativas ao escrever uma obra em prosa, o que tinha em mente ao fazer as escolhas de linguagem, estilo e assunto que observamos na *Periégesis*. Diante de um período de tantas influências, do estabelecimento do romance como um novo gênero, torna-se complexa a tentativa de limitar a *Periégesis* a um gênero específico. Apesar de considerarmos que a discussão deveria considerar mais o processo de recepção, embora não o faça também por escassez de indícios, apresentaremos as principais considerações dos comentadores acerca do gênero da *Periégesis*.

1. Pausânias periegeta

As observações mais detalhadas sobre considerar a obra de Pausânias como exemplo de um gênero periegético são feitas por William Hutton,[211] e é em seu trabalho que basearemos nossas considerações. O autor parece já questionar a relação da *Periégesis* com o gênero periegético no título da análise: "A periegetical genre?". A existência de trabalhos que levam no título a palavra *periégesis* levou alguns pesquisadores, entre eles Giorgio Pasquali, a propor a existência de um "gênero periegético" do qual Pausânias é o melhor exemplo. Segundo Pasquali a origem do gênero estaria na geografia e etnografia jônica, representada por Hecateu de Mileto e Heródoto. Porém, Hutton coloca dois problemas metodológicos principais: o primeiro seria o fato de Pausânias não se referir ao seu trabalho como *Periégesis*. Quando se refere à narrativa em geral, ele utiliza o termo *lógos* ou *syngraphê*, e quando se

[211] "Sui generis", capítulo 7, de *Describing Greece*, p. 241-272.

refere a trechos específicos utiliza frases do tipo *tà Boiótia moi toû lógou* ou *en têi Atthídi syngraphêi*.[212] Os manuscritos de Pausânias, com exceção de um, trazem o título de *Periégesis*, e é também por esse termo que Estéfano de Bizâncio se refere a ele. Enfim, identificar a natureza da obra de Pausânias por seu título é problemático, já que não estamos certos se foi um título atribuído por terceiros ou se o próprio autor assim denominou seu trabalho.

O outro problema metodológico decorre do próprio termo *periégesis*, e de relacionar os trabalhos cujos títulos levam o termo dentro do mesmo gênero. Como afirma Hutton,

> Do ponto de vista etimológico, o substantivo *periégesis* é derivado do verbo *periegéomai*, que significa literalmente "conduzir em torno". Pode-se aventurar a concluir que uma "condução" física em torno ou "guia" faz parte da intenção do autor para o trabalho, uma ideia que se encaixa bem com a noção da *Periégesis* como um "guia turístico". Mas muito antes de Pausânias, a palavra *periégesis*, e outras derivadas do verbo *hegéomai* (literalmente, "conduzir"), tinha sido adotada menos literalmente na proximidade semântica de "expor" e "explicar", e pode ser aplicada a qualquer tipo de descrição, seja acompanhada por movimento físico ou não.[213]

Essa definição do termo é importante para a comparação que Hutton estabelece entre a *Periégesis* de Pausânias e a *Oikouménes Periégesis* de Dionisios, escrita em 1.187 hexâmetros abrangendo todo o mundo, ao menos os limites conhecidos por Eratóstenes, que seria sua última fonte. O termo *periégesis* pode se aplicar tanto a uma descrição mais geral ou a um guia de viagem, e tomando-o dos títulos das obras não se pode dizer nada a respeito de formato do trabalho ou método, por exemplo.[214] Alguns fragmentos de *periegéseis* em prosa, e que possuem descrições de lugares e obras de arte, parecem se aproximar mais de Pausânias. Ernst Bischoff denominou-as como "*Periégeseis* antiquária" e catalogou mais de 60 autores com essas características.[215] Desses autores conhecidos como periegetas, dos quais sobreviveram apenas fragmentos, três são frequentemente comparados a Pausânias: Diodoro (séc. IV a. C., teria escrito ao menos três volumes em prosa intitulados *Perì tôn mnemáton*),

---

[212] HUTTON. *Describing Greece*, p. 249.

[213] "From an etymological perspective, the noun periegesis is derived from the verb periêgeomai, meaning literally 'lead around'. One might venture to conclude from this that a physical 'leading' around or 'guiding' was part of the author's intent for the work, an idea that fits well with the notion of the Periegesis as a 'tour guide'. But long before Pausanias, the word periêgêsis and other derivates of the verb hêgeomai (literally, 'lead') had adopted less literal meanings in the semantic vicinity of 'explicate' and 'explain', and could be applied to any sort of description, whether accompanied by physical movement or not." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 249).

[214] HUTTON. *Describing Greece*, p. 249-50.

[215] BISCHOFF, Ernst. Perieget. In: *Realencyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft*. v. 19, p. 725-742, Stuttgart, 1938, *apud* HUTTON. *Describing Greece*, p. 250-251.

Heliodoro de Atenas (provavelmente do séc. II a. C, escreveu *Perì tês Athénesin akropóleos*) e Polemon de Ílion (ca. 200 a. C., escreveu várias obras dentre elas títulos como *Perì tês Athénesin akropóleos*, *Perì tôn en toîs Propylaíos pinákon*, *Perì tês Poikíles stoâs en Sikyôni*). Hutton identifica nos fragmentos desses autores interesses que também são observáveis em Pausânias: em Polemon a atração por oferendas e templos, mitos, costumes religiosos, concursos atléticos ou musicais e vitórias, e por inscrições em monumentos; em Heliodoro, a atenção despertada por arquitetura, história e biografia, e obras de artes; e em Diodoro a inclinação por monumentos, história e costumes religiosos, que levam Hutton a considerar que

> Pausânias, portanto, parece ter laços estreitos com uma família de escritores que remonta pelo menos ao período clássico tardio ou início do período helenístico, para quem o termo "*periégesis* antiquária" é ousadamente inapropriado. Como características comuns desse gênero, podemos sugerir o seguinte: um interesse em monumentos e histórias relacionados a eles (os *lógoi* e *theorémata* de Pausânias); um interesse em coisas associadas a monumentos (inscrições, artistas, etc.); um interesse em religião e mitologia; uma tendência para lidar com monumentos em localidades específicas; uma tendência para lidar com obras de arte em um nível objetivo e informativo sem expressar uma resposta estética subjetiva a isso; um apetite para histórias extraordinárias e rebuscadas (ou mesmo arriscadas).[216]

Comentamos anteriormente que Wilamowitz considera Pausânias um plagiário, e que sua fonte teria sido Polemon. Também Diodoro é indicado como possível fonte que complementaria a autópsia de algumas partes da narrativa de Atenas.[217] Apesar dos pontos em comum, a obra de Pausânias difere da dos outros periegetas no escopo. Enquanto Pausânias se ocupa de uma vasta região da Grécia em 10 livros, os outros periegetas dedicam poucos volumes a um único local. Outra diferença parece estar no método, ainda que tenhamos apenas poucos fragmentos que permitam afirmações mais precisas. Pausânias utiliza um método topográfico para avançar na narrativa, ao passo que os outros periegetas utilizariam um método tópico. Este "tem o efeito de abstrair os monumentos da paisagem", já o método

---

[216] "Pausanias thus seems to have close ties to a family of writers stretching back at least to the late classical or early Hellenistic period, for whom the term 'antiquarian periegesis' is hardly inappropriate. As common characteristics of this genre, we can suggest the following: an interest in monuments and stories relating to them (Pausanias' logoi and theôrêmata); an interest in things associated with monuments (inscriptions, artists, etc.); an interest in religion and mythology; the tendency to deal with monuments in specifics localities; a tendency to deal with artworks on an objective and informational level without expressing a subjective aesthetic response to it; an appetite for unusual and recherché (or even risqué) stories." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 254-55).

[217] Hutton indica o trabalho de Knoepfler "Sur une interprétation historique de Pausanias dans sa description du Dêmosion sêma athénien" (In: BINGEN (Org.). *Pausanias historien*), como fonte da informação acerca de Diodoro, mas não traz os comentários do autor. Recorrendo ao trabalho encontramos o seguinte comentário de Knoepfler a respeito de Polemon e Diodoro: "Bien que, fait notable, Pausanias ne cite aucun de ses devanciers, on ne saurait guère douter qu'il ait eu, au moins occasionellement, recours à leurs lumières" (p. 278).

topográfico de Pausânias é mais "empírico, tanto criando uma (idealizada) representação das próprias experiências do autor no local quanto permitindo ao leitor imaginar-se ele ou ela própria experimentando a mesma coisa".[218] Hutton sugere ainda que a união desse método topográfico com as temáticas da "*periégesis* antiquária" seria uma invenção de Pausânias.

2. Pausânias guia

O termo *periégesis* do título da obra de Pausânias não suscita discussões apenas a respeito de um gênero periegético. Como Hutton comenta em citação acima, o sentido de *periégesis*, conduzir ao redor, nos transmite a ideia de "guiar". De fato, *periegetés* tem a acepção de guia, por ser aquele que conduz ao redor.[219] Lionel Casson, na obra *Travel in the ancient world*, coloca os periegetas que citamos – Diodoro, Heliodoro e Polemon – como escritores de guias de viagem que precederam Pausânias, apesar de considerar o último melhor que os primeiros. Nem por isso, todavia, as críticas são positivas. Casson considera:

> Medíocre como escritor ou pensador, mas sério, sóbrio e meticuloso, trabalhador incansável, e com um profundo respeito pela precisão, Pausânias assinala um marco na história do turismo. Ele é o antepassado direto do igualmente sóbrio e sem imaginação, minuciosamente abrangente e cuidadosamente preciso Karl Baedeker, que, por sua vez, produziu os *Guides Bleus*, e outros guias a que nos agarramos quando fazemos as visitas aos pontos turísticos atualmente.[220]

O fato da *Periégesis* de Pausânias ser considerada como um guia de viagem, um "Baedeker do mundo antigo"[221] não é um problema em si, mas a ideia que se tem de um guia é que traz consequências complicadas, como Casson comenta acerca de Baedeker (como autor de um guia): sóbrio e sem imaginação. Novamente recorreremos às considerações de Hutton. Segundo o autor, a comparação da *Periégesis* com esses guias modernos vem sempre com a

---

[218] "Pausanias' method is more experiential, both creating an (idealized) representation of the author's own experiences on site and enabling the reader to imagine him or herself experiencing the same thing." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 261).

[219] BAILLY. *Dictionnaire Grec-Français*, p. 1525.

[220] "Undistinguished as writer or thinker but staid and sober and thorough, tirelessly industrious, and with a deepseated respect for accuracy, Pausanias marks a milestone in the history of tourism. He is the direct ancestor of the equally sober and unimaginative, painstakingly comprehensive and scrupulously accurate Karl Baedeker, who, in turn, spawned the Guide Bleus, and other guides that we clutch as we make the rounds of sights today."(CASSON. *Travel in the ancient worl*, p. 299).

[221] Baedeker e Guide Bleu ou Blue Guide são guias de viagem. Segundo o próprio site "Baedeker was and remains the world's most famous guidebook for travellers. Since Karl Baedeker founded the company in 1827, Baedekers have set a benchmark for guidebooks." (Disponível em: <http://www.baedeker.com/en/362802FBF1B64897B581AE5BC6F12CD4.htm>. O Blue Guide é um guia que tem um foco maior em arte, história e arquitetura (Disponível em: <http://www.blueguides.com/>)

hipótese do *Dependable Dullard*.[222] Traduzindo, Pausânias seria um "simplório confiável", ou nas palavras de Casson, "um escritor medíocre" mas "preciso". Toda essa crítica decorre da noção de que "um 'guia de viagem' é por sua própria natureza algo subliterário e não vale a pena examinar em termos literários e culturais".[223]

Embora esteja entre os autores que buscam um resgate do texto de Pausânias, Christian Habicht também considera a *Periégesis* como um guia de viagem. A organização dos livros, principalmente em locais onde haveria muitas coisas para ver como a ágora de Atenas, Olímpia e Delfos, deixaria clara a intenção de ser um guia para que os viajantes o seguissem.[224] Porém, considerando que a *Periégesis* se dedica também aos *lógoi*, Habicht conclui que "Pausânias queria matar dois pássaros com uma pedra: ele queria fornecer um guia confiável para viajantes e produzir uma obra literária que poderia tanto entreter como informar. Ele trabalhou duro para conseguir ambos os fins, mas seus esforços foram condenados ao fracasso por causa da ambivalência de seu propósito."[225] As partes literárias inviabilizariam o uso nos locais e nos caminhos, e os leitores dos *lógoi* não gostariam de encontrar longas descrições de monumentos introduzidas na narrativa. Dizendo de outro modo, a *Periégesis* era um guia, mas ao introduzir os *lógoi*, que o fariam ser mais que um auxílio ao viajante, o trabalho se perdeu: ou seria um guia, ou obra literária. De alguma forma que nos escapa à compreensão, para Habicht, as duas finalidades não poderiam coexistir.

A questão da falta de praticidade para utilizar a *Periégesis in loco* – uma obra grande onde os locais e objetos que interessariam aos viajantes estão permeados por mitos e histórias –, aliada à falta de informações sobre estadia, locais para alimentação, condições das estradas e características da população local são argumentos utilizados para negar o uso da obra como guia de viagem. Para Hutton esses argumentos são triviais: nenhum guia de viagem, mesmo os modernos, precisa ser lido no local para ser útil.[226] Se o problema é carregar uma obra grande, o comentador observa que a classe educada viajava com animais para carregar suas bagagens e também com servos que poderiam localizar rapidamente na obra uma passagem específica. À questão da falta de informações práticas Hutton comenta que nem mesmo guias modernos, como o *Blue Guide*, apresentam muito conteúdo sobre a

[222] HUTTON. *Describing Greece*, p. 242.
[223] "(...) that a 'travel guide' is by its very nature something sub-literary and not worth the trouble to examine in literary or cultural terms." (HUTTON. *Describing Greece*, p. 243).
[224] HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 20.
[225] "Pausanias wanted to kill two birds with one stone: he wanted to provide a reliable guide for travelers and to produce a literary piece that would entertain as it informed. He worked hard to achieve both ends, but his efforts were bound to fail because of his ambivalence of purpose." (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*, p. 21-22).
[226] HUTTON. *Describing Greece*, p. 243.

população e locais de estadia. Para o helenista, as maiores evidências de que a *Periégesis* pode ser considerada como um guia de viagem são a utilização recorrente da segunda pessoa para a localização topográfica, já mencionada em capítulos anteriores, que coloca o leitor junto na cena, e o fato de a obra ter sido efetivamente usada como guia, principalmente por pessoas que estavam interessadas no passado grego. Como exemplo, podemos citar o comentário de Céline Guilmet, no capítulo sobre a utilização de Pausânias nos tempos modernos, na obra *Following Pausanias*: "durante o século XVIII, a *Periégesis* foi um valioso guia de viagem. Os viajantes recorriam a ele a fim de identificar locais antigos que haviam se transformado em paisagens anônimas (...)".[227] Apesar de identificar características que contribuem para pensar a obra como um guia de viagem, William Hutton acredita que essa categorização não deve se restringir a isso, mas ser uma possibilidade de análise dos objetivos e métodos de Pausânias.

Embora tenhamos poucas informações sobre textos escritos com a finalidade de serem guias de viagem, sabemos sobre a atividade de pessoas que atuavam como guias em alguns locais e santuários. O próprio Pausânias se refere aos guias, relatando o que eles dizem. Podemos supor que uma grande parte das informações que Pausânias narra vem desses guias.[228] Algumas vezes, Pausânias censura esses profissionais, apontando erros em suas informações, como em I, 35, 8.[229] Em outros autores antigos como Plutarco, em *De Pythiae Oraculis*, temos exemplo não só da popularidade do turismo, como da atividade profissional de guia, que Plutarco chama *periegetái*.[230] Os comentadores modernos se referem aos guias turísticos antigos de forma depreciativa, como o faz Frazer, que, além da obra de Plutarco, utiliza também Cícero (*In Verrem* 4.59) para suas considerações:

> Nós sabemos por outros escritores antigos que, na antiguidade, como nos dias de hoje, cidades de algum destaque estavam infestadas por pessoas dessa classe, que ficavam à espera e precipitavam-se sobre o estranho como se elas fossem suas presas naturais, disputavam seu corpo e, tendo obtido sua vítima, a levavam de um lugar para outro apontando os locais principais para ela e derramando em seu ouvido uma corrente de anedotas e explicações, indiferentes à sua angústia e surdos aos seus apelos para parar, até ter

[227] "During the 18th century, the Periegesis was a valuable traveler's guide. Travelers had recourse to it in order to identify ancient sites in what had become an anonymous landscape (…)." (GUILMET. The archaeological explorations of Spon and Wheler, p. 111. In: GEORGOPOULOU (et. al.). *Following Pausanias*: the quest for Greek antiquity).
[228] HUTTON. *Describing Greece*, p. 246.
[229] Também em II, 23, 6; V, 18, 6-7 (HUTTON. *Describing Greece*, p. 246, nota 14).
[230] HUTTON. *Describing Greece*, p. 246.

> esgotado o conhecimento deles e sua paciência, eles embolsavam as taxas deles e se despediam.[231]

Encontramos no diálogo *O amante das mentiras*, de Luciano, uma discussão sobre a criação de *pseûdos* por povos para engrandecer a própria pátria e torná-las "mais respeitáveis". Em certo ponto do diálogo, Filocles, personagem de Luciano, comenta: caso se "tire da Grécia estas fábulas (*mythôde*), nada impedirá que os guias de viagem que as contam morram de fome, pois os estrangeiros não quererão ouvir a verdade nem de graça".[232] Podemos interpretar dessa passagem, portanto, que não é a história propriamente, através de suas evidências físicas como os monumentos, que atrai os viajantes, mas os mitos relacionados a elas. Pausânias, ao relacionar o *lógos* aos *theorémata*, não deixa de ser, portanto, um guia de viagem.

3. Pausânias peregrino

A hipótese de que as viagens de Pausânias, associadas ao seu interesse religioso, poderiam ser interpretadas como uma peregrinação foi feita por Elsner, no artigo "Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman world", de 1992.[233] O autor sugere que "podemos ver toda a narrativa de Pausânias como uma peregrinação que dura vários anos. Certamente ela tem elementos de um *rite de passage* no qual o escritor e talvez o leitor são mudados por se confrontarem com a identidade sagrada da Grécia."[234] Essa perspectiva dividiu os estudiosos da *Periégesis* entre aqueles que não concordam, Arafat e Swain por exemplo, e aqueles que adotam a ideia, mas em parte, como Hutton e Rutherford. Apresentaremos os argumentos desses autores.

Karim Arafat, analisando os interesses de Pausânias, na introdução de sua obra *Pausanias' Greece: ancient artists and Roman rulers*, afirma: "sou relutante em ver Pausânias como um peregrino".[235] A autora apresenta os seguintes argumentos: o interesse de

---

[231] "We know from other ancient writers that in antiquity, as at the present day, towns of any note were infested by persons of this class who lay in wait for and pounced on the stranger as their natural prey, wrangled over his body, and having secured their victim led him about from place to place pointing out the chief sites to him and pouring into his ear a stream of anecdotes and explanations, indifferent to his anguish and deaf to his entreaties to stop, until having exhausted their learning and his patience they pocketed their fee and took their leave" (FRAZER, 1898, I.lXXVi, *apud* HUTTON. *Describing Greece*, p. 246).

[232] *O amante das mentiras*, 4; tradução de Jacyntho Lins Brandão, In: BRANDÃO. *A poética do hipocentauro*, p. 47.

[233] HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 293.

[234] "One can see the whole of Pausanias' account as a pilgrimage lasting many years. Certainly it has elements of a rite de passage in which writer and perhaps reader are changed by their confrontation with the sacred identity of Greece." (ELSNER. Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman world, p. 20-21).

[235] "I am reluctant to see Pausanias as a pilgrim" (ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 10).

Pausânias pela religião é uma consequência de seu interesse pela identidade cívica; o fato de descrever muitos templos não faz de seu interesse principal a religião, já que muitas outras coisas não relacionadas ao contexto religioso são descritas. Além disso, a noção de peregrinação implicaria um objetivo essencialmente religioso, e quando Pausânias visita muitos templos de várias divindades se perderia esse objetivo religioso singular que caracteriza um peregrino. Outro argumento levantado por Arafat seria que os interesses em questões não religiosas fariam de Pausânias mais um *pepaideuménos* que um peregrino.[236]

A opinião de Simon Swain se concentra mais no âmbito das crenças de Pausânias. Apesar de ser bastante citado como um opositor à teoria da peregrinação de Pausânias, encontramos apenas uma breve nota em sua obra que defende essa opinião. Swain comenta que

> Pausânias sempre acreditou no divino, mas havia muitas coisas sobre os santuários que ele visitou nas quais ele não acreditou e que só mais tarde veio a considerar simbolicamente. É difícil dizer se essa mudança de atitude em relação ao mito realmente provocou uma crise pessoal, como Elsner parece sugerir ao compará-la a um "*rite de passage*" (...).[237]

Essa questão da crença religiosa de Pausânias é bastante complexa; nas palavras de Paul Veyne, é uma questão que "tem o interesse de ser complicada".[238] A afirmação de Elsner de que a narrativa possui elementos de um rito de passagem, criticada por Swain, se baseia principalmente em uma passagem específica: VIII, 8, 3. No livro dedicado à Arcádia, em certo momento Pausânias descreve uma fonte chamada Arne e narra um *lógos* relacionado a ela: os arcádios dizem que Reia quando deu à luz Posêidon o deixou em um rebanho para que vivesse com os carneiros que pastavam ao redor da fonte; Reia disse a Crono que havia parido um cavalo e entregou o animal para que ele engolisse, assim como deu uma pedra envolta em panos no lugar de Zeus. Pausânias então comenta que, quando começou a escrever sua obra, considerava esses *lógoi* gregos *euethía* (num sentido negativo ou irônico, tolice), mas passando pelos arcádios ele tem outra opinião: antigamente os gregos considerados sábios contavam os *lógoi* por meio de enigmas (*ainigmáton*) e não diretamente (*kaì oukéti ek toû euthéos*), assim, o que se diz sobre Crono encerra um tipo de sabedoria grega, e com relação aos deuses, ao divino (*tò theîon*), ele seguirá esse princípio. Segundo Elsner, "isso

---

[236] ARAFAT. *Pausanias' Greece*, p. 10-11.

[237] "Pausanias always believed in the divine, but there were many things about the shrines he visited that he did not believe and which he only later came to regard symbolically. It is difficult to say whether this change of attitude to myth really entailed a personal crisis, as Elsner seems to suggest in likening it to a 'rite de passage' (…)" (SWAIN. *Hellenism and Empire*, p. 342, nota 50).

[238] VEYNE. Pausânias incapaz de escapar ao seu programa. In: VEYNE. *Acreditaram os gregos nos seus mitos*?, p. 115.

marcou uma mudança da interpretação literal racionalista (a resposta secularista ao sagrado) para uma maior abertura aos significados ocultos que podem apontar para a verdade religiosa".[239] São passagens específicas, segundo Elsner, que elucidam os elementos da peregrinação na viagem de Pausânias, como a passagem que acabamos de citar e o comentário de que um sonho o persuadiu a não descrever o que continha um templo de Atena em Êleusis (I, 14, 3), ou a evitar narrar os ritos dos mistérios das Grandes Deusas (IV, 33, 5). Elsner acredita que o silêncio é um ato ritual, "o resultado de uma mentalidade religiosa de tabu e punição" e Pausânias cita vários exemplos das consequências nefastas da transgressão de revelar os mistérios e ofender os deuses.[240]

A visão de que o livro VIII representa uma espécie de "estrada para Damasco", na frase de Veyne, talvez comprometa a teoria se pensarmos que nos livros iniciais da *Periégesis* Pausânias demonstra uma atitude parecida.[241] Como em II, 21, 5, em que, ao avistar um monte de terra no qual dizem estar enterrada a cabeça da Górgona Medusa, prefere narrar, em detrimento do mito tradicional, duas versões "mais racionais", em que Medusa ora era uma rainha assassinada cuja cabeça Perseu cortou por considerá-la muito bela, ora um monstro do deserto da Líbia; ou então, na descrição da Lacônia, ao se deparar com uma gruta no promontório de Tênaro, que os poetas gregos dizem ser o local por onde Héracles passou com Cérbero vindo do Hades (III, 25,5), Pausânias comenta que não é fácil acreditar que um deus tenha uma morada embaixo da terra, e que Hecateu de Mileto teria inventado um *lógos* verossímil de acordo com o qual Héracles teria levado para Euristeu uma serpente da região do Tênaro que se chamava "cachorro do Hades", porque matava com seu veneno. Em outra ocasião, Pausânias discute com um homem no santuário de Asclépio, em Égio, sobre a natureza do deus, e concorda com o seu interlocutor em que Asclépio era filho de Apolo, que este era o sol e aquele o ar (VII, 23, 7-8).

Discutir a questão da crença é bastante importante para pensarmos a *Periégesis* como peregrinação, porém há algumas questões metodológicas levantadas por aqueles que se ocupam do problema. Nos trabalhos de Hutton e Rutherford, percebemos a necessidade em comum de definir antes de qualquer discussão a noção de peregrinação. Para Rutherford, peregrinação é uma palavra muito associada ao cristianismo e a uma jornada pessoal de

---

[239] "it marked a shift from rationalistic literalism (the secularist's response to the sacred) to a greater openness towards hidden meanings which might point to religious truth." (ELSNER. Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman world, p. 21).

[240] "the result of a religious *mentalité* of taboo and retribution" (ELSNER. Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman world, p. 23). Passagens em que Pausânias comenta as punições aplicadas pelos deuses, no livro III: 4, 3-6; 5, 8-9; 8, 4; 10, 5; 13, 4; 16, 9; 17, 7-9; 23, 5.

[241] VEYNE. *Acreditaram os gregos nos seus mitos?,* p. 116; HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 295.

sofrimento, enquanto as antigas peregrinações estavam relacionadas com alegria e celebração, e eram realizadas por grupos e financiadas pelas *póleis*. Além disso, há uma dificuldade em distinguir o que é peregrinação e o que é turismo. Apesar de, moderna e conceitualmente essas categorias serem distintas, não está claro se os antigos faziam essa diferenciação e mesmo os estudiosos modernos têm dificuldades em definir o embate, como no caso de Pausânias, já que a "peregrinação é muitas vezes acompanhada de excursões pelos lugares sagrados que margeiam o turismo; e turismo, se ele existiu, tenderia a concentrar-se nos pontos turísticos de interesse religioso e, portanto, é difícil distinguir da peregrinação".[242] William Hutton apresenta duas definições de peregrinação: uma, a definição turneriana, na qual "a viagem em si funciona como um rito de passagem e é pelo menos tão importante para a experiência espiritual do viajante como o encontro dele (ou dela) com o santuário ou monumento no final da viagem";[243] para Hutton, seria difícil observar a *Periégesis* nesses termos; e a outra definição, de Morinis, para o qual a peregrinação é "uma viagem realizada (...) em busca de um lugar ou um estado que [o peregrino] acredita encarnar um ideal valioso",[244] segundo Hutton, seria uma definição mais útil para pensar o caso de Pausânias. Essa observação a respeito do termo peregrinação é importante para percebermos que considerar Pausânias um peregrino dependerá da definição que se adota.[245]

Tanto Hutton quanto Elsner discordam dos argumentos de Arafat contra a hipótese da peregrinação. O primeiro argumento de Arafat, de que o interesse principal de Pausânias é pela identidade cívica, é refutado se pensarmos que a religião grega estava atrelada à identidade cívica e a separação entre sagrado e profano é difícil de ser feita. Rutherford lembra ainda que na Grécia clássica, por exemplo, a *pólis* regulava o comportamento religioso e tratava sobre as peregrinações, e que na era Antonina há uma frequência de peregrinações individuais (como o caso de Élio Aristides), mas que as cidades ainda mantinham uma atenção na atividade ritual. Hutton complementa observando que, num período de interesse pelo passado, religião e não religião cooperavam num "ideal valioso": o

---

[242] "pilgrimage is often accompanied by sightseeing of sacred places that borders on tourism; and tourism, if it existed at all, would tend to focus on sights of religious interest and hence be difficult to distinguish from pilgrimage." (RUTHERFORD. Tourism and sacred: Pausanias and the traditions of Greek Pilgrimage, p. 42).

[243] "the journey itself functions as a rite of passage and is at least as important to the traveller's spiritual experience as his or her encounter with the shrine or monument at the journey's end". Hutton utiliza a definição turneriana apresentada por Scott Scullion no capítulo 4 do mesmo volume de seu trabalho. HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 294.

[244] "a journey undertaken (...) in quest of a place or a state that [the pilgrim] believes to embody a valued ideal" (MORINIS. Introduction: the territory of the Anthropology of Pilgrimage, p. 4 *apud* HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 296.

[245] HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 294.

ideal do helenismo.[246] Ao segundo argumento de Arafat, de que Pausânias descreve muitos templos e não se concentra em uma divindade especial, Rutherford acredita que aderir a uma divindade não é parte da religião grega e que peregrinação e politeísmo não são incompatíveis. Da crítica ao terceiro argumento de Arafat, de que Pausânias se interessa por questões não religiosas que fazem dele um *pepaideuménos*, vem a contribuição mais significativa de Rutherford para a discussão. Para o autor, a peregrinação antiga acomoda uma motivação intelectual que se explica com a palavra *theoría*: "(...) uma das ideias chave na tradição da peregrinação grega é *theoría*, que combina visão e investigação intelectual".[247] Contemplar e assistir eram parte da estrutura das atividades rituais num santuário e Pausânias se encaixaria nessa tradição de contemplação ritual.[248] Por nossa parte, acrescentamos que Pausânias era um *epóptes*, "aquele que contempla", como são chamados os iniciados nos mistérios de Elêusis.[249]

William Hutton – apesar de observar outros aspectos contra a hipótese da peregrinação, como o fato de que Pausânias não diz nada sobre ele, ou sobre a viagem e o efeito da experiência religiosa – considera que a *Periégesis* pode ser o "único testemunho da experiência de peregrinação na Grécia antiga" e também pode nos levar "a um melhor entendimento da *Periégesis* e seu autor".[250] Em nossa opinião, Hutton contribui para a discussão com suas observações sobre a formação de um mapa cognitivo, que é a interação da experiência física da paisagem com o conteúdo cognitivo do observador, seus preconceitos pessoais e culturais. Um texto como a *Periégesis* reúne a interação entre observação e predileção cognitiva, entre as expectativas e a experiência no local. Hutton adverte que essas considerações podem ser feitas para as narrativas de viagem em geral, mas na narrativa de peregrinação isso é mais tangível devido ao comprometimento do autor com sua ideologia: "para os peregrinos, como para Pausânias, os lugares que eles estão visitando não são locais

---

[246] HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 296; RUTHERFORD. Tourism and sacred: Pausanias and the traditions of Greek Pilgrimage, p. 42.

[247] "(...) one of the key ideas in Greek pilgrimage traditions is theoria, which combines vision and intellectual inquiry" (RUTHERFORD. Tourism and sacred: Pausanias and the traditions of Greek Pilgrimage, p. 43).

[248] RUTHERFORD. Tourism and sacred: Pausanias and the traditions of Greek Pilgrimage, p. 43.

[249] BAILLY. *Dictionnaire Grec-Français*, 791. Sobre a questão do iniciado nos mistérios, ver: SEGAL. O ouvinte e o espectador, p. 180-181. Os comentadores se apoiam em três passagens do livro I (14, 3; 37, 4 e 38, 7) para defender que Pausânias era iniciado nos mistérios de Elêusis. Na primeira e última passagens o periegeta fala que um sonho não permitiu que contasse o que havia dentro dos templos e do santuário, e que não é lícito para os não iniciados saber o que há no santuário de Elêusis. Na passagem I, 37, 4, após narrar um mito relativo à fundação de um templo, Pausânias comenta que as pessoas que conhecem os mistérios de Elêusis sabem a respeito do que ele está falando.

[250] "unique testimony to the experience of pilgrimage in ancient Greece"; "lead to a better undestanding of the Periegesis and its author." (HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 317)

aleatórios ou desconhecidos, mas formam o pano de fundo para as narrativas que desempenham um grande papel na criação de seu senso de identidade religiosa e cultural".[251]

4. Pausânias historiador

Já comentamos que Pausânias inclui muitos *lógoi* em sua narrativa. Alguns comentadores consideram-nas como digressões, outros atribuem a eles um papel principal, considerando Pausânias um historiador. As semelhanças com Heródoto, seja na adaptação de frases, como já comentamos (Paus. I, 26, 4 ~ Hdt. I, 5), na defesa da autópsia, ou na forma com que trata as fontes, apresentando versões e evitando optar pela mais correta ou emitir opinião, também concorrem para a defesa de um Pausânias historiador.[252]

Nada melhor para discutirmos essa questão do que recorrer à obra *Pausanias historien*, organizada por Jean Bingen.[253] Como ele diz na introdução "se o periegeta não nos deixou um prefácio para precisar seu desejo ou seus motivos, ou se este está perdido, o livro fala por si mesmo. O autor se considera como um historiador, mesmo se, hoje, o utilizador da *Periégesis* encontre, raramente, as considerações que ele espera de um historiador moderno".[254] Considerando que a obra possui oito artigos, concentraremos nossa atenção em apenas um, o artigo de François Chamoux intitulado "La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse", que possui argumentos interessantes e adequados ao nosso espaço e ao nosso propósito.

Chamoux inicia seu artigo observando que o escriba Constatin Lascaris, por volta do fim do séc. XV d. C., copiou em Florença o texto da *Periégesis* a partir do manuscrito arquétipo, hoje desaparecido. Lascaris escreveu no topo de seu manuscrito: *Pausaníou historiográphou historíai*, ao invés de *Pausaníou Helládos Periégesis*, como os outros

---

[251] "For pilgrims, as for Pausanias, the places they are visiting are not random or unfamiliar sites but ones that form the physical backdrop for the narratives that play a large role in creating their sense of religious and cultural identity". (HUTTON. The construction of religious space in Pausanias, p. 298).

[252] Hutton apresenta várias passagens em que é possível estabelecer uma relação entre Pausânias e Heródoto (*Describing Greece*, p. 191-221). Nossa intenção não é restringir a discussão às semelhanças com Heródoto, mas apresentar os termos em que as discussões aparecem nos comentários.

[253] A obra é publicada pela Fundação Hardt e faz parte de uma série chamada "Entretiens sur l'Antiquité Classique". A estrutura é bastante interessante: consta de oito artigos de estudiosos de Pausânias de várias partes do mundo e, após cada artigo, há uma discussão entre os autores na qual cada um mostra seu ponto de vista sobre o assunto e suas discordâncias ao que foi apresentado.

[254] "Si le Périégète ne nous a pas laissé de préface pour préciser son dessein et ses mobiles, ou si celle-ci est perdue, le livre parle de lui-même. Son auteur se considère comme un historien, même si, aujourd'hui, l'utilisateur de la Périégèse n'y trouve que rarement les considérations ultimes qu'il attend de l'historien moderne." (BINGEN. Introduction, p. 3. In: BINGEN. *Pausanias historien*.).

manuscritos.[255] Para Chamoux, isso significa que Lascaris "não tinha Pausânias como um simples periegeta, mas como um historiador, *historiográphos*, autor de histórias, *historíai*, isto é, inspirado pelo grande Heródoto".[256] Essa noção vai contra a visão dos estudiosos modernos que consideravam a *Periégesis* como um guia de viagem, inclusive chegou-se a publicar edições em que o conteúdo histórico era retirado, como a tradução de Ernst Meyer (*Pausanias, Beschreibung Griechenlands*, Zurique, 1954) e a edição parcial de G. Daux (*Pausanias à Delphes*, Paris, 1936). Esses conteúdos históricos, *parenthéke* (I, 8, 1), *párerga lógou* (I, 9, 4) ou *epeisódion tôi lógoi* (VIII, 8, 1) como Pausânias os nomeia, não são excessivos, pelo contrário, são elementos essenciais que ocupam mais da metade da obra. Dessa forma, Chamoux conclui que "a mais recente erudição tem reconhecido: Pausânias queria escrever uma obra de história sobre uma base topográfica".[257] O fio condutor de Pausânias não é cronológico; se dá pela topografia e pelos monumentos, e o fato de dedicar aos *lógoi* uma atenção semelhante aos *theorémata* prova que os dois têm importância igual, que os *lógoi* não são complemento. Para Chamoux a viagem e o turismo são como bases para o desenvolvimento da narrativa histórica:

> Através do encanto e da diversidade da viagem, que responde a uma modalidade de turismo cultural nascido no mundo helenístico e amplamente desenvolvido na época imperial, é, sobretudo, ao enriquecimento intelectual e moral do público que visa o autor, de acordo com as intenções proclamadas pelos verdadeiros historiadores, de Heródoto e Tucídides a Plutarco, passando por Políbio e Diodoro. Pausânias merece, como eles, mas à sua maneira, o título de *syngrapheús* ou *historiográphos*.[258]

---

[255] O manuscrito de Lascaris está na Biblioteca National de Madri, nos aparatos é o *Matritensis* 5464 (M). Não é completo e não está entre os cinco mss primários (CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 45).

[256] "ne tenait pas Pausanias pour un simple périègète, mais pour un historien, ἱστοριογράφος, auteur d'histoires, ἱστορίαι, c'est-à-dire s'inspirant du grand Hérodote." (CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 45)

[257] "L'erudition la plus recente l'a reconnu: Pausanias entendait écrire une oeuvre d'histoire sur une base topographique." (CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 45).

[258] "À travers le charme et la diversité du Voyage, qui répond à une mode de tourisme culturel née dans le monde hellénistique et largement développée à l'époque imperial, c'est avant tout à l'enrichissement intellectuel et moral du public que vise l'auteur, conformément aux intentions hautement proclamées par les véritables historiens, d'Hérodote et Thucydide à Plutarque, en passant par Polybe et Diodore. Pausanias mérite comme eux, mais à sa manière propre, le titre de συγγραφεύς ou ἱστοριογράφος." (CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 49). É importante lembrarmos, apesar das considerações de Chamoux, que *syngrapheús* pode não indicar propriamente o historiador, mas de forma mais geral o escritor em prosa. Brandão discute a questão no capítulo 1 (As histórias e a história), de seu comentário à tradução de *Como se deve escrever a história*, a respeito de como Luciano designa o historiador, comentando que: "Pois bem, Heródoto e Tucídides são, ambos, *syngrapheîs*. Mas *syngrapheús* é também Sólon, conforme o que declara Anácarsis: um *syngrapheús* (um autor – ou simplesmente compilador?) de leis. De fato, *syngrapheús* (ou *syngraphikós*) aplica-se tanto aos que escrevem a história, quanto aos que compõem, por escrito, qualquer obra em prosa" (BRANDÃO. As histórias e a história, p. 137-38. In: LUCIANO. *Como se deve escrever a história*).

Na busca por identificar o método histórico em Pausânias podemos destacar três considerações principais apontadas por Chamoux. A primeira, sobre o tipo de história que interessa a Pausânias: a história do período helenístico, depois da morte de Alexandre (323 a. C.) à destruição de Corinto (146 a. C.), e uma história que os antigos chamavam mítica e que consideramos lendária.[259] A importância do estudo desses tempos míticos já era observada por Diodoro no prefácio da *Biblioteca Histórica*: a necessidade de tratar *tà muthologoúmena*. Pausânias tem consciência da dificuldade de tratar racionalmente essa história mítica porque ela apresenta versões diferentes e mesmo incoerentes. Ao passo que Chamoux cita exemplos para o livro I, citaremos o livro III: no início da narrativa da fundação de duas casas reais na Lacedemônia, Pausânias observa que contam (*légousin*) que Aristodemo, um rei na época, morreu em Delfos; uns dizem (*hoi mèn ... légousin*) que foi ferido por Apolo porque não teria ido consultar o oráculo e que foi enterrado por Héracles, mas, por outro lado, o discurso mais verdadeiro (*ho dè alethésteros ékhei lógos*...) sustenta que foram os filhos de Pílades e Electra que o mataram (III, 1, 6).[260]

Essa atitude de julgar os mitos e escolher a melhor versão nos remete para o segundo argumento de Chamoux sobre o método histórico de Pausânias: a utilização das fontes. Pausânias não se refere com precisão às suas fontes; encontramos referências do tipo *légousin, phasí, légetai*. Segundo Chamoux, o uso desses termos não significa que Pausânias ouviu isso ou aquilo diretamente de alguém, ou "da boca de um interlocutor", mas que se refere a uma tradição que pode ser tanto oral quanto escrita.[261] Em se tratando dessa história mitológica, Pausânias usa de seu conhecimento, da sua experiência nas viagens, para escolher a narrativa mais verossímil, tentando eliminar os componentes fabulosos. Quando se trata da história helenística, Pausânias procura não repetir o que já foi dito, preferindo narrar o que não é mais lembrado (como em I, 6, 1) e pesquisa fontes já esquecidas.[262] Para Chamoux, Pausânias não demonstra a atitude de um simples guia ou compilador.

O terceiro argumento de Chamoux é o julgamento moral que Pausânias demonstra a respeito dos indivíduos e dos povos, traço comum dos historiadores que não visavam só instruir, mas também contribuir para a formação moral dos leitores.[263] Num apanhado geral, Chamoux conclui que

---

[259] CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 55.
[260] Cf. III, 3, 1; 13, 2; 19, 9-13; 25, 5.
[261] CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 59.
[262] CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 62-66.
[263] CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 68.

> A riqueza e a variedade de sua investigação, que remonta às origens e privilegia o que foi, na sua opinião, o menos conhecido, confere à obra um caráter original, sem nenhum paralelo na Antiguidade. Além de seu valor documental, que não tem preço, ela revela em certa medida uma concepção global da história, que deve agradar aos modernos. O escriba Constantin Lascaris não estava errado em honrar seu autor com o título de historiador, *historiográphos*.[264]

Como nosso propósito é expor a discussão feita pelos comentadores é importante trazermos uma opinião contrária à ideia do Pausânias historiador. Podemos tomar o exemplo de Christian Habicht: o helenista considera que a parte histórica complementa a parte de guia, mas que elas não são iguais. As partes históricas foram escritas para aqueles que nunca viram os monumentos que descreve, "mas Pausânias nunca escreveu história por causa da história, ou mitologia em prol da mitologia. Ele não é, nem pretende ser, um historiador, e não deve ser julgado pelas normas aplicadas aos historiadores".[265] Para Habicht, como Pausânias depende de outras fontes, de outros historiadores para escrever, ele só poderia ser julgado se suas fontes também o fossem, mas como não é possível separar sempre o que Pausânias escreve baseado em algum escritor e identificá-lo, não se pode julgar. O argumento é problemático se considerarmos o processo da composição de obras escritas e as práticas de citação na antiguidade. Habicht ainda observa que Pausânias tinha vasto conhecimento histórico, leu muitos historiadores e que frequentemente escrevia de memória, com exceção das digressões mais longas. Esse método seria responsável pelo grande número de erros que Pausânias cometeu, e Habicht cita ao menos dez deles. Os erros, segundo o helenista, são normais até para os historiadores de hoje, e alguns erros de Pausânias são perdoáveis já que ele não era um profissional, não era um historiador. Apesar de apontar os deslizes de Pausânias, Habicht não deixa de reconhecer a importância da informação histórica que o texto traz, muitas delas apoiadas sobre as evidências das inscrições.[266]

A discussão do "Pausânias historiador" toma novas proporções quando se leva em consideração os erros no conteúdo histórico da *Periégesis*. François Chamoux não deixa de

---

[264] "La richesse et la varieté de son enquête, qui remonte jusqu'aux origines et privilégie ce qui était, à son avis, le moins connu, confère à l'oeuvre un caractere original, sans parallèle dans aucune autre le l'Antiquité. Au-delà de sa valeur documentaire, qui est sans prix, elle révèle dans une certaine mesure une conception globale de l'histoire qui devrait séduire les Modernes. Le scribe Constatin Lascaris n'avait pas tort d'honorer son auteur du titre d'historien, ἱστοριογράφος." (CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 69).

[265] "but Pausanias does not write history for the sake of history, or mythology for the sake of mythology. He is not, and does not intend to be, a historian, and should not be judged by the standards applied to historians." (HABICHT. *Pausanias' Guide to Ancient Greece,* p. 95).

[266] Alguns exemplos dos erros de Pausânias citados por Habicht: I, 6, 6; I, 6, 8; IV, 29, 1; IV, 32, 2; IV, 27, 9; VII, 16, 10; IX, 32, 5; X, 35, 2; e exemplos de importantes informações históricas através de inscrições: I, 15, 5; V, 8, 11; VI, 14, 2-3; VI, 17, 3; VII, 2,10; X, 13, 1-3; X, 36, 9.

avaliá-los, mas não conclui que eles colocam em risco sua tese ("qual erudito não comete erros?").[267] Mas em alguns comentários os erros são motivo para questionar a validade e a confiabilidade do material histórico que Pausânias traz e, assim, duvidar de sua atuação como historiador. É o caso de uma artigo de William Hutton, intitulado "Is Pausanias a reliable source for the history of ancient Greece?" O artigo é interessante em sua estrutura: é dividido em duas partes – "sim", é confiável e fornece informações importantes, e "não", as informações são imprecisas. Essa estrutura contribui para a discussão na medida em que argumentos que são tidos como favoráveis num lado da discussão servem a um propósito contrário no outro raciocínio. Por exemplo: o fato de Pausânias ser uma das únicas fontes para a migração dos gregos para a costa da Jônia no fim da Era do Bronze (VII, 1, 1 - 5, 13), por exemplo, ou para a situação da Grécia no séc. II d. C. é uma característica que contribui para a defesa da importância de suas informações; ao passo que a parte do artigo que critica a imprecisão de Pausânias diz que nas situações em que o periegeta é a única fonte não podemos confiar nesses dados.[268] Outro exemplo que podemos utilizar é o da narrativa da Guerra Messênica, no livro IV. A crítica principal está na fonte que o periegeta usa: um poeta chamado Rhianos, que escreveu em versos como uma história épica, aos moldes de Homero, e cuja poesia é cheia de toques imaginativos e fantásticos. Para a defesa, Pausânias é a fonte mais detalhada sobre a Guerra Messênica, e uma vez que as partes fantasiosas de sua fonte fossem isoladas teríamos uma informação sólida; além disso, Rhianos não era só um poeta fantasioso, mas também um estudioso que produziu edições de Homero, o que faria dele uma fonte confiável. Para a crítica, não é possível confiar em informações que tenham esse tipo de fonte.

São muitos epítetos e diferentes tipos de utilização da *Periégesis*. Buscando concluir, recorremos a Brandão, que discutindo o romance, em certo ponto comenta que "não existe gênero de um texto só".[269] E acrescentamos, gênero é forma de escrever, consciência do uso da linguagem, portanto, postura para inserir-se no mundo da escrita. Apesar de que a constatação de Brandão se aplica a outro contexto, ela nos ajuda a pensar a situação do texto de Pausânias. A tentativa dos comentadores de buscar textos na tradição que se comparem à obra de Pausânias, mas à qual nenhum deles se assemelha completamente, está mais para

[267] CHAMOUX. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la Periégèse, p. 67.
[268] "Unfortunately, much of the historical material he includes in his account occurs nowhere else. Where we can verify his testimony with independent information, his record does not inspire confidence." (HUTTON. Is Pausanias a reliable source for the history of ancient Greece?, p. 282).
[269] BRANDÃO. *A invenção do romance*, p. 61.

trazer a *Periégesis* para um lugar que a valorize do que discutir propriamente seu gênero. As dificuldades impostas pela falta de informação a respeito do processo de recepção e o fato de não termos nenhuma notícia de Pausânias na antiguidade dificulta a discussão do gênero também. Isso vale não só para Pausânias. Mas o fato é que essa discussão deveria se localizar em outro âmbito que não aquele dedicado a reestabelecer a *Periégesis*, sem considerar questões como "Pausânias é um ótimo escritor ou não", "é um pensador medíocre, mas fornece informações precisas". A discussão, nesse sentido, parece servir à necessidade do comentador. Antes nos interessa o fato de que tudo se baseia em uma viagem e que, por excelência, sua função é fazer com que o viajante observe, veja e aprecie. E no caso do leitor de Pausânias, a proposta é que se continue a viagem, lendo.

CONCLUSÃO

A experiência da viagem

Procuramos seguir em nosso percurso um projeto que reunisse uma introdução à obra de Pausânias – tão pouco conhecida ou mesmo utilizada pelos pesquisadores brasileiros – e nosso recorte, a análise do sintagma *théas áxion* no livro III da *Periégesis*. Nesse sentido, o capítulo 1 cumpre o papel introdutório. Muitas questões discutidas ali são de fundamental importância no esforço de entender algumas escolhas de Pausânias. Por exemplo, a questão de sua origem, ao passo que pode ser interpretada como uma questão menor que não interfere diretamente na compreensão de sua narrativa, para nós revela-se importante para pensarmos como um autor, possivelmente um estrangeiro, nascido na Ásia Menor, trata a Grécia. Apesar de toda a tradição de colonização grega na costa asiática, Pausânias não estaria falando de sua terra natal. Assim, é o olhar estrangeiro que se coloca sobre a paisagem e seleciona o que é "digno de contemplação".

O capítulo 2 foi o mais importante, e a partir do qual os outros capítulos foram pensados, para suprir as lacunas que prejudicavam o entendimento de algumas questões. Tentamos pensar o sintagma *théas áxion* como elemento estruturador da narrativa de Pausânias, mesmo que o número de ocorrências não apontasse para isso. Ainda assim, defendemos a perspectiva de uma narrativa voltada para o olhar que se baseia não só em *théas áxion* e em outros verbos de visão (tratamos especificamente do aoristo *eîdon*), mas também no uso da *ékphrasis* e na própria forma da narrativa de viagem.

Para pensarmos a *ékphrasis*, como um dispositivo que contribui para a construção de uma narrativa baseada no olhar, retomamos o contexto histórico e cultural no capítulo 3. A reflexão sobre a Segunda Sofística contribui para entendermos não só a utilização da *ékphrasis* no século II, no contexto da retórica, mas também para pensarmos em uma nova dimensão da crítica de Pausânias, observando os autores contemporâneos a ele.

Por último, nossa intenção foi reunir a discussão que se faz em torno do gênero da *Periégesis* e das diversas possibilidades de interpretação. Percebemos que, assim como a controvérsia do Pausânias sofista no capítulo 3, discutir as facetas de historiador, guia de viagem e peregrino não oferece efetivamente uma resposta que traga novidades para o estado

da questão. Se temos que classificá-lo de alguma forma, mais valeria pensarmos num gênero que reunisse todas as características da *Periégesis*, sem a necessidade de compartimentar. O capítulo nos ofereceu a oportunidade de esboçar as possibilidades de estruturação da narrativa de viagem e as possibilidades de desdobramento desse gênero maior.

Estudar e pesquisar Pausânias foi uma empreitada complexa em muitos aspectos. As dificuldades começam na língua grega, na falta de traduções não só da *Periégesis*, como também dos principais comentários. Além disso, a extensão da obra requer um contato com certeza muito maior do que conseguimos ter nesses dois anos. Apresentamos, conscientemente, um trabalho introdutório, com seus problemas e suas falhas. Mas terminamos numa posição de múltiplas possibilidades diante de uma obra tão rica e interessante como a *Periégesis* revelou ser. A pesquisa demanda um conhecimento maior das narrativas de viagem como um gênero e das possibilidades que a ficção tem de se misturar a ele.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Vinzenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Ph. E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1954. Livre I.

HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Ph. E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1956. Livre IX.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

LUCIANO. *Como se deve escrever a história*. Tradução, notas, apêndices e ensaio por Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

LUCIANO. Doble acusación o los tribunales. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 90-120. v. II.

LUCIANO. Lexífanes. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 81-96. v. III.

LUCIANO. El maestro de la retórica. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 374-391. v. II.

LUCIANO. Pleito entre consonantes: la ‹‹sigma›› contra la ‹‹tau›› en el tribunal de las siete vocales. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 244-251. v. I.

LUCIANO. Relatos verídicos. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 176-227. v. I.

LUCIANO. Los retratos. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 427-443. v. II.

LUCIANO. El aficionado a la mentira o el incrédulo. In: LUCIANO. *Obras*. Madrid: Gredos, 1981-1990. p. 195-225. v. II.

PAUSANIA. *Viaggio in Grecia*: guida antiquaria e artística. Introduzione, traduzione e note di Salvatore Rizzo. Milano: RCS Libri, 1999. (BUR Classici Greci e Latini - Libro terzo: Laconia).

PAUSANIAS. *Graeciae descriptio*. Edidit M. H. Rocha Pereira. Leipzig: Teubner, 1973-1981. 3 v. (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Translation W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. London; Massachusetts: Harvard University Press, 1918-1935. 5 v.

PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Introducción, traducción y notas de María Cruz Herrero Ingelmo. Madrid: Editorial Gredos, 1994. (Biblioteca Clasica Gredos, v. 196, 197, 198).

PAUSANIAS. Descripcion de Grecia. In: *Historiadores griegos*. Traducciones del griego, preambulos y notas par Francisco de P. Samaranch *et al*.; introduccion general por Juan Martin Ruiz-Werner. Madrid: Aguilar, 1969.

PAUSANIAS. *Description de la Grèce*. Traduction M. Clavier. Paris: J.-M. Eberhart, 1814. (T. 2. Laconie. Messénie). Disponível em: <http://books.google.fr/books?id=nRUTAAAAQAAJ&pg=PP7&dq=pausaniou+M.+clavier&hl=pt-BR#PPP7,M1>. Acesso em: 10 fev. 2009.

STRABON. *Geographie*. Texte établi et traduit par François Lasserre. Paris: Les Belles Lettres, 1971. Livre X, tome VII.

XÉNOPHON. *Helléniques*. Texte établi et traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1948. Livres IV-VII, tome II.

ALCOCK, Susan. *Graecia capta*: the landscapes of Roman Greece. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ALCOCK, Susan E; CHERRY, John F.; ELSNER, Jaś (Ed.). *Pausanias*: travel and memory in Roman Greece. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ANDERSON, Graham. *The Second Sophistic*: a cultural phenomenon in the Roman Empire. London; New York: Routledge, 2005.

ANDRÉ, Jean-Marie; BASLEZ, Marie-Françoise. *Voyager dans l'Antiquité*. Paris: Fayard, 1993.

ARAFAT, Karim. *Pausanias' Greece*: ancient artists and Roman rulers. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó; FLORES-JÚNIOR, Olimar; MARTINHO, Marcos (Org.). *Ensaios de retórica antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

AUBERGER, Janick. Pausanias romancier? Le témoignage du livre IV. *Dialogues d'histoire ancienne*, v.18, n. 01, p. 257-280, 1992. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha_07557256_1992_num_18_1_1990>. Acesso em: 20 abril 2009.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.

BEAUCHAMP, Marie. Pausanias: un regard sur la domination romaine en Grèce. *Cornucopia,* Société des études anciennes du Québec, 2004, p. 36-45. Disponível em: < http://www.er.uqam.ca/nobel/c1565/pdf/pausanias.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2008.

BOWIE, E. L. Greeks and their past in the Second Sophistic. *Past and Present*, Oxford, n. 46, p. 3-41, Feb. 1970.

BINGEN, Jean (Ed.). *Pausanias historien*. Genève: Fondation Hardt, 1996. (Entretiens sur l'antiquité classique, 41).

BOWIE, Ewen. Inspiration and aspiration: date, genre and readership. In: ALCOCK, Susan E; CHERRY, John F.; ELSNER, Jaś (Ed.). *Pausanias*: travel and memory in Roman Greece. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 21-32.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro*: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do romance*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

BURKERT, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

CASEVITZ, Michel. D'une mission à Ferare en quete de Pausanias. *Humanitas*, v. XLVII, p. 425-430, 1995.

CASSIN, Barbara. De uma sofística a outra: boas e más retóricas. In: _____. *Efeito sofístico*. Tradução de Ana Lúcia Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005. Cap. IV. p. 143-210.

CASSIN, Barbara. Descompartimentar os gêneros. In: _____. *Efeito sofístico*. Tradução de Ana Lúcia Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005. Cap. V. p. 211-262.

CASSON, Lionel. *Travel in the ancient world*. Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 1994.

CHAMOUX, Francçois. La méthode historique de Pausanias d'après le livre I de la *Periégèse*. In: BINGEN, Jean (Ed.). *Pausanias historien*. Genève: Fondation Hardt, 1996. (Entretiens sur l'antiquité classique, 41). p. 45-77.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*: histoire des mots. Paris : Klincksieck, 1999.

DEMARGNE, Pierre. Athena. In: LEXICON Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC).Zürich: Artemis, c1981. p. 955-1044. v. II, 1 e 2.

DILLER, Aubrey. The authors named Pausanias. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 86, 1955, p. 268-279. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/283623>. Acesso em: 18 jun. 2010.

DILLER, Aubrey. Pausanias in the Middle Ages. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 87, 1956, p. 84-97. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/283874>. Acesso em: 17 jun. 2010.

DILLER, Aubrey. The Manuscripts of Pausanias. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 88, 1957, p. 169-188. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/283902>. Acesso em: 17 jun. 2010.

ELSNER, J. Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman world. *Past and Present*, May, n. 135, p.3-29, 1992.

ELSNER, Jaś. Structuring "Greece": Pausanias' *Periegesis* as a literary construct. In: ALCOCK, Susan E; CHERRY, John F.; ELSNER, Jaś (Ed.). *Pausanias*: travel and memory in Roman Greece. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 3-20.

FRANCIS, James A. Metal maidens, Achilles' shield, and Pandora: the beginnings of "ekphrasis". *American Journal of Philology*, v. 130, p. 1-23, 2009.

FRIAS. A retórica da visão na poética clássica. In: PEREIRA, Belmiro Fernandes; VÁRZEAS, Marta (Org.). *As artes de Prometeu*: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009. p. 25-41.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GEORGOPOULOU, Maria (Ed.). *Following Pausanias*: the quest for Greek Antiquity. New Castle: Oak Knoll Press, 2007.

HABICHT, Christian. *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. Los Angeles: University of California Press, 1998.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses*: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

HARVEY, Paul. Pausânias. In: HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina.* Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1987. p. 382-83.

HERNÁNDEZ, Juan Pablo Sánchez. *Pausanias periegeta y su contexto de formación en el Oriente heleno*: Esmirna y Pérgamo. Tese (Universidad Complutense de Madrid), 2007.

HERNÁNDEZ, Juan Pablo Sánchez. La pátria de Pausanias (Notas de lectura a Paus. V, 13, 7): Magnésia de Sípilo e Esmirna. *CFC (G): Estudios griegos e indoeuropeos*, n. 17, p. 233-247, 2007.

HERNÁNDEZ, Juan Pablo Sánchez. Pausanias, la transformación del Oriente heleno y la crisis de la Republica Romana. *Myrtia*, n. 23, (sem paginação), 2008.

HUTTON, William. *Describing Greece*: landscape and literature in the *Periegesis* of Pausanias. New York: Cambridge University Press, 2005.

HUTTON, William. The construction of religious space in Pausanias. In: ELSNER, J.; RUTHERFORD, I. (Ed.). *Pilgrimage in Graeco-Roman & early Christian antiquity*: seeing the Gods. New York: Oxford University Press, 2005. p. 291-317.

HUTTON, William. The disaster of Roman Rule: Pausanias 8.27.1. *Classical Quarterly, v.* 58, n. 2, p. 622–637, 2008.

HUTTON, William. Is Pausanias a reliable source for the history of ancient Greece? *History in dispute*, Classical antiquity and Classical studies, v. 20, p. 273-282, 2005.

JACOB, Christian. The Greek traveler's areas of knowledge: myths and other discourses in Pausanias' Description of Greece. *Yale French Studies*, n. 59, p. 65-85, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2929815>. Acesso em: 27 fev. 2009.

JONES, Christopher. Multiple identities in the age of the Second Sophistic. In: BORG, Barbara E. (Org.). *Paideia: the world of the Second Sophistic*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2004. p. 13-21.

JOST, Madeleine. Le vocabulaire de la description des paysages dans la Arkadika de Pausanias. *Comptes-rendus des séances de l année* - Académie des inscriptions et belles-lettres, 140e année, n. 2, p. 719-738, 1996. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1996_num_140_2_15625>. Acesso em: 15 jul. 2009.

KAEMPF-DIMITRIADOU, Sophia. Amphitrite. In: LEXICON Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC). Zürich: Artemis, c1981. p. 724-735. v. I, 1 e 2.

KNOEPFLER, D; PIERART, M. (Ed.). *Éditer, traduire, commenter Pausanias en l'année 2000.* Geneva: Universitè de Neuchatel et Librairie Droz, 2001.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. VIII (suplemento), p. 863-80, 2001.

LA GENIÈRE, Juliette. Pausanias et le sanctuaire de la Mère des dieux d'Akriai, Péloponnèse (information). *Comptes-rendus des séances de l'année* - Académie des inscriptions et belles-lettres, 135e année, n. 1, p. 257-265, 1991. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1991_num_135_1_14967>. Acesso em: 29 out. 2010.

LIDELL, H. G. SCOTT, R. *A Greek-English lexicon.* Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1996.

MEADOWS, A. R. Pausanias and the historiography of Classical Sparta. *Classical Quartely*, v. 45, p. 32-113, 1995.

MOGGI, Mauro. Pausania e Roma (Nota di lettura a VIII, 27, 1). *Gerión*, v. 20, n. 1, p. 435-449, 2002.

MORAIS, Cynthia Cristina. *Maravilhas do mundo antigo*: Heródoto, pai da História? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

MOTA, Cynthia Cristina de Morais. *As lições de História Universal da* Biblioteca Histórica *de Diodoro de Sicília como processo educativo da humanidade*. 241 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social – FFLCH – Universidade de São Paulo, 2008.

MOSSÉ, Claude. Esparta – as suas instituições e a sua evolução no decurso da época clássica. In: MOSSÉ, Claude. *As instituições gregas***.** Lisboa: Edições 70, 1985. p. 87-108.

MUSTI. L'"ora" di Pausania: sequenze cronologiche nella Guida della Grecia (sull' Anfizionia di Delfi e altri argomenti). In: KNOEPFLER, D; PIERART, M. (Ed.). *Éditer, traduire, commenter Pausanias en l'année 2000.* Geneva: Universitè de Neuchatel et Librairie Droz, 2001. p. 43-78.

PAUSANIAS Explored by Exhibition and Symposium*. Gennadeion News*, p. G2, 2007. Disponível em: < http://www.ascsa.edu.gr/pdf/uploads/GLnews_2007.pdf>.

PEACHIN, Michel. Roma the Superpower: 96-235 CE. In: POTTER, David S. (Ed.). *A companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. (Blackwell Companions to the Ancient Word, Cap. 7, p. 126-152).

PERNOT, Laurent. L'Empire, ou l'innovation dans la tradition. In: PERNOT, Laurent. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Librairie Generale Française, 2000. p. 170-263.

PETTERSSON, Michael. *Cults of Apollo at Sparta*: the Hyakinthia, the Gymnopaidiai and the Karneia. Stockholm: Svenska Institutet i Athen, 1992.

PORTER, James I. Ideals and ruins: Pausanias, Longinus, and the Second Sophistic. In: ALCOCK, Susan E. *et al.* (Ed.). *Pausanias*: travel and memory in Roman Greece. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 63-92.

PÒRTULAS, Jaume. Les legends de Musée chez Pausanias. In: DARBO-PESCHANSKI, Catherine (Dir.). La citation dans l'antiquité. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2004. p. 25-32.

PRETZLER, Maria. Turning travel into text: Pausanias at work. *Greece & Rome*, v. 51, n. 2, p. 199-216, 2004.

PRETZLER, Maria. Pausanias and oral tradition. *Classical Quarterly*, v. 55, n.1, p. 235–249, 2005.

PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Urena; PRIETO, João Maria de Teves Costa Urena; PENA, Abel de Nascimento. *Índices de nomes próprios*: gregos e latinos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Cientifica e Tecnologia, 1995.

REARDON, B. P. *Courants littéraires grecs des IIe et IIIe siècles après J.-C.* Paris: Les Belles Lettres,1971.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Sobre a importância das informações de Pausânias para a história da língua grega. Humanitas, Coimbra, v. 17-18, p. 180-197, 1965-1966. Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/eclassicos/bd_pdfs_hum/12/5_sobre.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2009.

RODOLPHO, Melina. Um estudo dos procedimentos ecfrásticos. *Codex*, v. 2, n. 1, p. 102-115, 2010.

RUTHERFORD, Ian. Tourism and sacred: Pausanias and the traditions of Greek pilgrimage. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, J. (Ed.). *Pausanias*: travel and memory in Roman Greece. New York: Oxford University Press, 2001. p. 40-52.

SEGAL, Charles. O ouvinte e o espectador. In: VERNANT, Jean-Pierre. *O homem grego*. São Paulo: Presença, 1994. p. 175-198.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. A segunda sofística: movimento, fenômeno ou exagero? *Praesentia*, Revista Venezolana de Estúdios Clásicos, n. 08, 2007. Disponível em: <http://vereda.saber.ula.ve/sol/praesentia8/maria.htm>.

SMITH, Rowland. The construction of the past in the Roman Empire. In: POTTER, David S. (Ed.). *A companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. (Blackwell Companions to the Ancient Word, Cap. 21, p. 411-438).

SNELL, Bruno. A concepção do homem em Homero. In: SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Lisboa: Edições 70, 1992. p. 19-46.

STÉFANIS, Athanasios, D. *Le messager dans la tragédie grecque.* Atenas: Academia de Atenas, 1997.

SWAIN, Simon. *Hellenism and Empire*: language, classicism and power in the Greek world, AD 50-250. Oxford: Clarendon Press, 1998.

VEYNE, Paul. Acreditaram os gregos nos seus mitos? Lisboa: Edições 70, 1987.

VINCENT, Jean-Christophe. Le xoanon chez Pausanias: littératures et réalités cultuelles. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, v. 29, n. 1, p. 31-75, 2003. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha_0755-7256_2003_num_29_1_1550>. Acesso em: 26 ago. 2009.

VIX, Jean-Luc. Aelius Aristide (IIe s. ap. J.-C.), un défenseur passioné de la rhétorique. Texte de la communication faite lors de la journée consacrée au thème "Art de la parole : pratiques et pouvoirs du discours" au lycée Fustel de Coulanges, le 17 mars 2010. Disponível em: <http://www.lyc-fustel.ac-strasbourg.fr/site/telechargement/ouverture_antique/ouverture_antique_Aelius_Aristide_2010.pdf?t=1292923848>.

WEBB, Ruth. *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*. Farnham: Ashgate Publishing, 2009.

WEBB, Ruth. Rhetoric and the novel: sex, lies and sophistic. In: WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 526-541.

ANEXO

Ocorrências da expressão *théas áxion* na *Periégesis*[270]

LIVRO I – ÁTICA (Α' ΑΤΤΙΚΑ) – 44 capítulos – 19 ocorrências

I, 1, 3	Templo de Atena e Zeus no Pireu θέας δὲ ἄξιον τῶν ἐν Πειραιεῖ μάλιστα Ἀθηνᾶς ἐστι καὶ Διὸς τέμενος· Tradução: "De lo que hay en el Pireo, es digno de ver, sobre todo, el recinto sagrado de Atena y de Zeus." (p. 86).
I, 5, 4	Estátua de Pandión na Acrópole Πανδίονι δὲ καὶ ἄλλος ἀνδριάς ἐστιν ἐν ἀκροπόλει θέας ἄξιος. Tradução: "Pandión tiene otra estatua digna de ver en la Acrópolis." (p. 97).
I, 14, 1	Imagem Dioniso no Odeón de Atenas ἐς δὲ τὸ Ἀθήνησιν ἐσελθοῦσιν Ὠιδεῖον ἄλλα τε καὶ Διόνυσος κεῖται θέας ἄξιος. Tradução: "Entrando en el Odeón de Atenas, entre otras cosas dignas de ver hay um Dioniso." (p. 119).
I, 17, 2	Busto de pedra no ginásio Ptolomeu ("Los hermas son bustos que constan de un pilar cuadrado com una cabeza encima, generalmente com barba", comentário de Ingelmo, nota 106, p. 125. PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Libros I-II) ἐν δὲ τῶι γυμνασίωι τῆς ἀγορᾶς ἀπέχοντι οὐ πολύ, Πτολεμαίου δὲ ἀπὸ τοῦ κατασκευασαμένου καλουμένωι, λίθου τέ εἰσιν Ἑρμαῖ θέας ἄξιοι καὶ εἰκὼν Πτολεμαίου χαλκῆ· Tradução: "En el gimnasio, que está no muy distante del ágora, llamado de Ptolomeo por el que lo fundó, hay hermas de piedra dignos de ver y una estatua de bronce de Ptolomeo." (p. 125).
I, 17, 5	Santuário de Zeus em Dodona e carvalho sagrado (região dos tesprotios – se insere em digressão sobre Teseu) γῆς δὲ τῆς Θεσπρωτίδος ἔστι μέν που καὶ ἄλλα θέας ἄξια, ἱερόν τε Διὸς ἐν Δωδώνηι καὶ ἱερὰ τοῦ θεοῦ φηγός· Tradução: "En el país de los tesprotios hay también otras cosas dignas de ver: el templo de Zeus en Dodona y la encina sagrada del dios." (p. 126).
I, 18, 6	Imagem de Zeus Olímpico no santuário de Zeus Olímpico (Olimpieo)

[270] Apresentamos o texto grego da edição crítica de Maria Helena da Rocha Pereira (PAUSANIAS. *Graeciae descriptio*) e a tradução de María Cruz Herrero Ingelmo (PAUSANIAS. *Descripción de Grecia.* Editorial Gredos. v. 196-198).

	Πρὶν δὲ ἐς τὸ ἱερὸν ἰέναι τοῦ Διὸς τοῦ Ὀλυμπίου – Ἀδριανὸς ὁ Ῥωμαίων βασιλεὺς τόν τε ναὸν ἀνέθηκε καὶ τὸ ἄγαλμα θέας ἄξιον, οὗ μεγέθει μέν, ὅτι μὴ Ῥοδίοις καὶ Ῥωμαίοις εἰσὶν οἱ κολοσσοί, τὰ λοιπὰ ἀγάλματα ὁμοίως ἀπολείπεται, πεποίηται δὲ ἔκ τε ἐλέφαντος καὶ χρυσοῦ καὶ ἔχει τέχνης εὖ πρὸς τὸ μέγεθος ὁρῶσιν – ἐνταῦθα εἰκόνες Ἀδριανοῦ δύο μέν εἰσι Θασίου λίτου, δύο δὲ Αἰγυπτίου· Tradução: "Antes de entrar en el templo de Zeus Olímpico – Adriano, el emperador de los romanos, dedicó el templo y la estatua digna de ver, respecto a la cual quedan atrás en cuanto a tamaño las restantes estatuas, a excepción de los colosos de Rodas y de Roma; está hecha de marfil y de oro y artísticamente es buena, si se tiene en cuenta sus dimensiones –, allí hay estatuas de Adriano de mármol de Tasos y dos de mármol egipcio." (p. 129).
I, 18, 6	Colosso atrás do templo de Zeus Olímpico ἀπὸ γὰρ πόλεως ἑκάστης εἰκὼν Ἀδριανοῦ βασιλέως ἀνάκειται, καὶ σφᾶς ὑπερεβάλοντο Ἀθηναῖοι τὸν κολοσσὸν ἀναθέντες ὄπισθε τοῦ ναοῦ θέας ἄξιον. Tradução: "Cada ciudad ha dedicado allí una estatua del emperador Adriano, y los atenienses los aventajaron consagrando detrás del templo el coloso digno de ver." (p. 129).
I, 18, 8	Persas em mármore frígio e trípode de bronze no templo de Zeus Olímpico (períbolo) κεῖνται δὲ καὶ λίθου Φρυγίου Πέρσαι χαλκοῦν τρίποδα ἀνέχοντες, θέας ἄξιοι καὶ αὐτοὶ καὶ ὁ τρίπους. Tradução: "Hay también unos persas en mármol frigio que sostienen um trípode de bronce, dignos de ver tanto ellos como el trípode." (p. 130)
I, 19, 2	Imagem de Afrodite dos Jardins ("Probablemente a la derecha del Iliso y al este del Olimpieo, um lugar lleno de vegetación." comentário de Ingelmo, nota 123, p. 131. PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Libros I-II). τὸ δὲ ἄγαλμα τῆς Ἀφροδίτης <τῆς> ἐν {τοῖς} Κήποις ἔργον ἐστὶν Ἀλκαμένους καὶ τῶν Ἀθήνησιν ἐν ὀλίγοις θέας ἄξιον. Tradução: "La estatua de Afrodita de los Jardines es obra de Alcámenes y digna de ver como pocas en Atenas." (p. 131).
I, 21, 4	Santuário de Asclépio τοῦ δὲ Ἀσκληπιοῦ τὸ ἱερὸν ἔς τε τὰ ἀγάλματά ἐστιν, ὁπόσα τοῦ θεοῦ πεποίηται καὶ τῶν παίδων, καὶ ἐς τὰς γραφὰς θέας ἄξιον· Tradução: "El santuario de Asclepio es digno de ver por todas las estatuas del dios y de sus hijas y por las pinturas". (p. 137).
I, 28, 2	Imagem Atena Lemnia (enumerada entre oferendas na Acrópole; considerada a mais bela obra de Fídias – comentário de Ingelmo, nota 201, p. 158. PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Libros I-II) δύο δὲ ἄλλα ἐστὶν ἀναθήματα, Περικλῆς ὁ Ξανθίππου καὶ τῶν ἔργων τῶν Φειδίου θέας μάλιστα ἄξιον Ἀθηνᾶς ἄγαλμα ἀπὸ τῶν ἀναθέντων καλουμένης Λημνίας.

	Tradução: “Hay otras dos oferendas: Pericles, hijo de Jantipo, y las más dignas de ver de las obras de Fidias, una imagen de Atena Lemnia por los que la ofrendaron.” (p. 158).
I, 32, 7	Gruta no monte Pan, no demos de Maratona ὀλίγον δὲ ἀπωτέρω τοῦ πεδίου Πανός ἐστιν ὄρος καὶ σπήλαιον θέας ἄξιον· ἔσοδος μὲν ἐς αὐτὸ στενή, παρελθοῦσι δέ εἰσιν οἶκοι καὶ λουτρὰ καὶ καλούμενον Πανὸς αἰπόλιον, πέτραι τὰ πολλὰ αἰξὶν εἰκασμέναι. Tradução: “A poca distancia de la llanura está el monte de Pan y una gruta digna de ver. La entrada es estrecha, y dentro hay unas habitaciones, baños, y lo que llaman ‘el rabanho de cabras de Pan’, rocas muy semejantes a cabras.” (p. 172).
I, 35, 5	Organização da narrativa (está inserida na descrição da ilha de Salamina) ὁπόσα δὲ ἄξια ἐφαίνετο εἶναί μοι θέας, διηγήσομαι. Tradução: “Contaré, sin embargo, todo lo que me pareció digno de ver.” (p. 179).
I, 37, 5	Monumento de Pitonice no caminho de Atenas para Elêusis chamado Via Sagrada (enumera entre outros monumentos) μνημάτων δὲ ἃ μάλιστα ἐς μέγεθος καὶ κόσμον ἥκει τὸ μὲν ἀνδρός ἐστι Ῥοδίου μετοικήσαντος ἐς Ἀθήνας, τὸ δὲ Ἅρπαλος Μακεδὼν ἐποίησεν, ὃς Ἀλέξανδρον ἀποδρὰς ἐκ τῆς Ἀσίας διέβη ναυσὶν ἐς τὴν Εὐρώπην, ἀφικόμενος δὲ παρ' Ἀθηναίους ὑπ' αὐτῶν συνελήφθη, διαφθείρας δὲ χρήμασιν ἄλλους τε καὶ τοὺς Ἀλεξάνδρου φίλους ἀπέδρα, πρότερον δὲ ἔτι Πυθονίκην ἔγημε, γένος μὲν οὐκ οἶδα ὁπόθεν, ἑταιροῦσαν δὲ ἔν τε Ἀθήναις καὶ ἐν Κορίνθωι· ταύτης ἐς τοσοῦτον ἔρωτος προῆλθεν ὡς καὶ μνῆμα ἀποθανούσης ποιῆσαι πάντων ὁπόσα Ἕλλησίν ἐστιν ἀρχαῖα θέας μάλιστα ἄξιον. Tradução: “Entre los sepulcros más notables por dimensiones y belleza está el de un ródio que fue a vivir a Atenas, y el que hizo Hárpalo, un macedonio que, tras escapar de Alejandro, pasó desde Asia con sus naves hasta Europa, y al llegar a Atenas fue hecho prisionero por los atenienses, y tras comprar com dinero, además de a otros, a los amigos de Alejandro, huyó, pero antes se había casado con Pitonice, no sé de qué familia, que había sido hetera en Atenas y Corinto. Llegó a estar tan enamorado de ella como para hacerle un monumento sepulcral después de morir, el más digno de ver de todos cuantos monumentos funerarios antiguos hay en Grecia.” (p. 185).
I, 37, 7	Muro de pedras sem lavrar diante do templo de Afrodite Μετὰ δὲ τοῦτο Ἀφροδίτης ναός ἐστι καὶ πρὸ αὐτοῦ τεῖχος ἀργῶν λίθων θέας ἄξιον. Tradução: “Después de este hay um templo de Afrodita, y delante de él un muro de piedras sin labrar digno de ver.” (p. 185).
I, 40, 1	Fonte (pelo tamanho, ordenação e número de colunas) em Mégara Ἔστι δὲ ἐν τῆι πόλει κρήνη, ἣν σφισιν ὠικοδόμησε Θεαγένης, οὗ καὶ πρότερον τούτων ἐπεμνήσθην θυγατέρα αὐτὸν συνοικίσαι Κύλωνι Ἀθηναίωι. οὗτος ὁ Θεαγένης τυραννήσας ὠικοδόμησε τὴν κρήνην

	μεγέθους ἕνεκα καὶ κόσμου καὶ ἐς τὸ πλῆθος τῶν κιόνων θέας ἀξίαν· Tradução: "En la ciudad hay una fuente que construyó Teágenes para ellos, cuya hija, como antes mencioné, se había unido en matrimonio con el ateniense Cilón. Este Teágenes, cuando fue tirano, construyó la fuente, digna de ver por su tamaño y su decoración y por el número de sus columnas." (p. 190).
I, 40, 4	Templo de Zeus chamado Olimpieo em Mégara Μετὰ ταῦτα ἐς τὸ τοῦ Διὸς τέμενος ἐσελθοῦσι καλούμενον Ὀλυμπιεῖον ναός ἐστι θέας ἄξιος· Tradução: "Después de esto, entrando en el recinto sagrado de Zeus llamado Olimpieo, hay un templo digno de ver." (p. 191).
I, 44, 2	Imagem de Apolo no santuário de Apolo em Mégara Ἀπόλλων δὲ ἐν αὐτῶι κεῖται θέας ἄξιος καὶ Ἄρτεμις καὶ Λητὼ καὶ ἄλλα ἀγάλματά ἐστι Πραξιτέλους ποιήσαντος {Λητὼ καὶ οἱ παῖδες}. Tradução: "En él hay un Apolo digno de ver, una Ártemis y una Leto y otras estatuas que hizo Praxíteles." (p. 201-2).
I, 44, 4	Imagem de bronze de Ártemis Sotera em Pagas (cidade de Megáride) ἐν δὲ ταῖς Παγαῖς θέας ὑπελείπετο ἄξιον Ἀρτέμιδος Σωτείρας ἐπίκλησιν χαλκοῦν ἄγαλμα, μεγέθει τῶι παρὰ Μεγαρεῦσιν ἴσον καὶ σχῆμα οὐδὲν διαφόρως ἔχον. Tradução: "En Pagas queda una imagen de bronce digna de ver de Ártemis, de sobrenombre Soteira, en cuanto al tamaño igual a la de Mégara, y cuanto a la forma en nada diferente." (p. 202).

LIVRO II – CORINTO (Β' ΚΟΡΙΝΘΙΑΚΑ) – 38 capítulos –16 ocorrências

II, 1, 7	Teatro e estádio em mármore branco no Istmo Θέας δὲ αὐτόθι ἄξια ἔστι μὲν θέατρον, ἔστι δὲ στάδιον λίθου λευκοῦ. Tradução: "Allí es digno de ver un teatro y un estadio de piedra blanca." (p. 216).
II, 3, 5	Fonte com Belerofonte e Pégaso em Corinto κρῆναι δὲ πολλαὶ μὲν ἀνὰ τὴν πόλιν πεποίηνται πᾶσαν ἅτε ἀφθόνου ῥέοντός σφισιν ὕδατος καὶ ὃ δὴ βασιλεὺς Ἀδριανὸς ἐσήγαγεν ἐκ Στυμφήλου, θέας δὲ μάλιστα ἀξία <ἡ> παρὰ τὸ ἄγαλμα τὸ τῆς Ἀρτέμιδος· καί οἱ Βελλεροφόντης ἔπεστι καὶ τὸ ὕδωρ {ὁ} δι' ὁπλῆς ἵππου ῥεῖ τοῦ Πηγάσου. Tradução: "Han sido construidas muchas fuentes por toda la ciudad, porque disponen de agua corriente abundante, y también la que el emperador Adriano trajo de Estinfalo, pero la más digna de ver es la que está junto a la imagen de Ártemis; Belerofontes está encima y el agua fluye a través del casco del caballo Pegaso." (p. 222).

II, 7, 3	Pintura no sepulcro de Xenódice
	προελθοῦσι δὲ καὶ ἐπιστρέψασιν ὡς ἐπὶ τὴν πόλιν Ξενοδίκης μνῆμά ἐστιν ἀποθανούσης ἐν ὠδῖσι· πεποίηται δὲ οὐ κατὰ τὸν ἐπιχώριον τρόπον, ἀλλ' ὡς ἂν τῇι γραφῇι μάλιστα ἁρμόζοι· γραφὴ δὲ εἴπερ ἄλλη τις καὶ αὕτη ἐστὶ θέας ἀξία.
	Tradução: "Avanzando y dando la vuelta hacia la ciudad está el sepulcro de Jenódice, que murió de parto; está construido no al modo local, sino para que armonice com la pintura; la pintura ésta es digna de ver como ninguna otra." (p. 232).
II, 9, 7	Santuário de Apolo Lício
	πλησίον δὲ Ἀπόλλωνός ἐστιν ἱερὸν Λυκίου, κατερρυηκός τε ἤδη καὶ ἥκιστα θέας ἄξιον.
	Tradução: "Cerca está un santuário de Apolo Licio, derrumbado ya y que no vale la pena ver en absoluto." (p. 239).
II, 15, 2	Templo Zeus Nemeu (no caminho de Cleonas para Argos)
	ἐν δὲ αὐτῇι Νεμείου τε Διὸς ναός ἐστι θέας ἄξιος, πλὴν ὅσον κατερρυήκει τε ὁ ὄροφος καὶ ἄγαλμα οὐδὲν ἔτι ἐλείπετο·
	Tradução: "En él hay un templo de Zeus Nemeo digno de ver, excepto que el techo se há caído y no queda ya ninguna imagen." (p. 252).
II, 20, 7	Estátua no teatro em Argos
	τούτου δέ ἐστιν οὐ πόρρω θέατρον· ἐν δὲ αὐτῶι καὶ ἄλλα θέας ἄξια καὶ ἀνὴρ φονεύων ἐστὶν ἄνδρα, Ὀθρυάδαν τὸν Σπαρτιάτην Περίλαος Ἀργεῖος ὁ Ἀλκήνορος·
	Tradução: "No lejos de éste hay un teatro, y en él hay, además de otras cosas dignas de ver, un hombre dando muerte a otro hombre, el argivo Perilao, hijo de Alcénor, al espartano Otríadas." (p. 268).
II, 22, 3	Sepultura do filho de Zeus e Pluto em Sípilo (parte de digressão; contesta lugar do túmulo de Tântalo)
	τὸν μὲν δὴ Θυέστου παῖδα ἢ Βροτέου – λέγεται γὰρ ἀμφότερα – , ὃς Κλυταιμνήστραι πρότερον ἢ Ἀγαμέμνων συνῴκησε, τοῦτον μὲν <τὸν> Τάνταλον οὐ διοίσομαι ταφῆναι ταύτηι· τοῦ δὲ λεγομένου Διός τε εἶναι καὶ Πλουτοῦς ἰδὼν οἶδα ἐν Σιπύλωι τάφον θέας ἄξιον.
	Tradução: "Que esté enterrado aquí este Tântalo, hijo de Tiestes o de Bróteas – pues ambas cosas se dicen –, que se casó con Clitemnestra antes que Agamenón, no lo voy a discutir; pero conozco, porque la he visto, la tumba, digna de ver, del legendario hijo de Zeus y de Pluto, que está en el Sípilo." (p. 274).
II, 23, 7	Construção subterrânea
	ἄλλα δέ ἐστιν Ἀργείοις θέας ἄξια· κατάγεων οἰκοδόμημα, ἐπ' αὐτῶι δὲ ἦν ὁ χαλκοῦς θάλαμος, ὃν Ἀκρίσιός ποτε ἐπὶ φρουρᾶι τῆς θυγατρὸς ἐποίησε· Περίλαος δὲ καθεῖλεν αὐτὸν τυραννήσας.
	Tradução: "Los argivos tienen otras cosas dignas de ver: una construcción subterránea, sobre la que está la habitación de bronce que Acrisio hizo en otro

	tiempo para custodiar a su hija y que Perilao, cuando fue tirano, la destruyó." (p. 278).
II, 24, 3	Templo de Atena em Larissa καὶ Ἀθηνᾶς δὲ ναός ἐστι θέας ἄξιος· Tradução: "También hay um templo de Atena digno de ver." (p. 280).
II, 25, 4	Monte Artemísio (caminho de Lircea – Argos a Mantinea) Ταύτηι μὲν δὴ θέας οὐδὲν ἔτι ἦν ἄξιον· Tradução: "Aquí no hay ya nada digno de ver." (p. 282).
II, 27, 3	Edifício de mármore branco em Epidauro οἴκημα δὲ περιφερὲς λίθου λευκοῦ καλούμενον Θόλος ὠικοδόμηται πλησίον, θέας ἄξιον· Tradução: "Cerca ha sido construido un edificio de mármol blanco llamado Tolo, digno de ver." (p. 288).
II, 27, 5	Teatro no santuário de Ártemis em Epidauro Ἐπιδαυρίοις δέ ἐστι θέατρον ἐν τῶι ἱερῶι μάλιστα ἐμοὶ δοκεῖν θέας ἄξιον· τὰ μὲν γὰρ Ῥωμαίων πολὺ δή τι καὶ ὑπερῆρκε τῶν πανταχοῦ τῶι κόσμῶι, μεγέθει δὲ Ἀρκάδων τὸ ἐν Μεγάλῃι πόλει· ἁρμονίας δὲ ἢ κάλλους ἕνεκα ἀρχιτέκτων ποῖος ἐς ἅμιλλαν Πολυκλείτωι γένοιτ' ἂν ἀξιόχρεως; Πολύκλειτος γὰρ καὶ θέατρον τοῦτο καὶ οἴκημα τὸ περιφερὲς ὁ ποιήσας ἦν. Tradução: "Los de Epidauro tienen un teatro en el santuario, en mi opinión especialmente digno de ver; en efecto, los teatros romanos son muy superiores a los de todo el mundo por su esplendor, y el de Megalópolis en Arcadia por su tamaño, pero ¿qué arquitecto rivalizaría dignamente con Policleto en armonía y belleza? Policleto fue el que hizo este teatro y el edificio circular." (p. 289).
II, 27, 5	Fonte no bosque sagrado de Ártemis ἐντὸς δὲ τοῦ ἄλσους ναός τέ ἐστιν Ἀρτέμιδος καὶ ἄγαλμα Ἠπιόνης καὶ Ἀφροδίτης ἱερὸν καὶ Θέμιδος καὶ στάδιον, οἷα Ἕλλησι τὰ πολλὰ γῆς χῶμα, καὶ κρήνη τῶι τε ὀρόφωι καὶ κόσμωι τῶι λοιπῶι θέας ἀξία. Tradução: "Dentro del bosque sagrad hay um templo de Ártemis, una imagen de Epione, un santuario de Afrodita y de Temis, un estadio, que es como la mayor parte de los de Grecia – un montón de tierra –, y na fuente digna de ver por su techo y su ornamentación." (p. 289).
II, 29, 1	Xoano Atena Ciseia na Acrópole de Epidauro τὴν δὲ Ἀθηνᾶν ἐν τῆι ἀκροπόλει, ξόανον θέας ἄξιον, Κισσαίαν ἐπονομάζουσιν. Tradução: "A la Atenea que está en la acrópolis, una xóana digna de ver, le dan el nombre de Cisea." (p. 292).
II, 29, 11	Teatro em Egina τοῦ λιμένος δὲ οὐ πόρρω τοῦ Κρυπτοῦ θέατρόν ἐστι θέας ἄξιον, κατὰ τὸ

	Ἐπιδαυρίων μάλιστα μέγεθος καὶ ἐργασίαν τὴν λοιπήν. Tradução: "No lejos del puerto Oculto hay un teatro digno de ver, muy parecido al de Epidauro por el tamaño y por los otros aspectos de la construción." (p. 295).
II, 34, 11	Imagem Afrodite em mármore branco (pelo tamanho e arte) em Hermione τεῖχος μὲν δὴ περὶ πᾶσαν τὴν Ἑρμιόνα ἔστηκε· τὰ δὲ ἐς συγγραφὴν καὶ ἄλλα παρείχετο καὶ ὧν αὐτὸς ποιήσασθαι μάλιστα ἠξίωσα μνήμην, Ἀφροδίτης ναός ἐστιν ἐπίκλησιν Ποντίας καὶ Λιμενίας τῆς αὐτῆς, ἄγαλμα δὲ λευκοῦ λίθου μεγέθει τε μέγα καὶ ἐπὶ τῇι τέχνηι θέας ἄξιον. Tradução: "Una muralla rodea roda Hermione; presenta varios aspectos dignos de ser descritos, entre los cuales hay algunos de los que he preferido hacer mención. Hay un templo y una imagen de mármol blanco de gran tamaño y digna de ver por su arte." (p. 310).

LIVRO III – LACÔNIA (Γ' ΛΑΚΩΝΙΚΑ) – 26 capítulos –11 ocorrências

III, 11, 2	Ágora em Esparta Λακεδαιμονίων τοῖς Σπάρτην ἔχουσίν ἐστιν ἀγορὰ θέας ἀξία, καὶ τῆς τε γερουσίας βουλευτήριον καὶ τῶν ἐφόρων καὶ νομοφυλάκων καὶ καλουμένων Βιδιαίων ἀρχεῖά ἐστιν ἐπὶ τῆς ἀγορᾶς. ἡ μὲν δὴ γερουσία συνέδριον Λακεδαιμονίοις κυριώτατον τῆς πολιτείας, οἱ λοιποὶ δέ εἰσιν ἄρχοντες· τοῖς δὲ ἐφόροις καὶ Βιδιαίοις πέντε ἀριθμὸν ἑκατέροις οὖσι, τοῖς μὲν <τοὺς> ἐπὶ τῶι Πλατανιστᾶι καλουμένῶι καὶ ἄλλους τῶν ἐφήβων ἀγῶνας τιθέναι καθέστηκεν, ἔφοροι δὲ τά τε ἄλλα διοικοῦσι τὰ σπουδῆς μάλιστα ἄξια καὶ παρέχονται τὸν ἐπώνυμον, καθὰ δὴ καὶ Ἀθηναίοις τῶν καλουμένων ἐννέα ἐπώνυμός {γάρ} ἐστιν εἷς ἄρχων. Tradução: "Los lacedemonios que viven en Esparta poseen un ágora digna de ver. El buleuterio de la Gerusía y los edificios residenciales de los éforos, de los nomofílaces y de los llamos bidieos está en el ágora. La Gerusía es el consejo de mayores poderes de la constitución lacedemônia, y los restantes son magistrados. Los éforos y los bidieos son cinco unos y otros; está instituido que éstos organicen otras competiciones de efebos y las del llamado Platanistas, mientras que los éforos atienden asuntos más importantes y proporcionan el epónimo, de la misma manera que también los atenienses tienen un arconte epónimo de entre los llamados nueve." (p. 43).
III, 14, 1	Teatro em mármore branco em Esparta ἐκ δὲ τῆς ἀγορᾶς πρὸς ἥλιον ἰόντι δυόμενον τάφος κενὸς Βρασίδαι τῶι Τέλλιδος πεποίηται· ἀπέχει δὲ οὐ πολὺ τοῦ τάφου τὸ θέατρον, λίθου λευκοῦ, θέας ἄξιον. τοῦ θεάτρου δὲ ἀπαντικρὺ Παυσανίου τοῦ Πλαταιᾶσιν ἡγησαμένου μνῆμά ἐστι, τὸ δὲ ἕτερον Λεωνίδου — καὶ λόγους κατὰ ἔτος ἕκαστον ἐπ' αὐτοῖς λέγουσι καὶ τιθέασιν ἀγῶνα, ἐν ᾧι πλὴν Σπαρτιατῶν ἄλλωι γε οὐκ ἔστιν ἀγωνίζεσθαι —, τὰ δὲ ὀστᾶ τοῦ Λεωνίδου τεσσαράκοντα ἔτεσιν ὕστερον ἀνελομένου ἐκ Θερμοπυλῶν τοῦ Παυσανίου. κεῖται δὲ καὶ στήλη πατρόθεν τὰ ὀνόματα ἔχουσα οἳ

	πρὸς Μήδους τὸν ἐν Θερμοπύλαις ἀγῶνα ὑπέμειναν. Tradução: "Yendo desde el ágora hacia Occidente está construido el cenotafio de Brásidas, hijo de Telis. No lejos de la tumba hay un teatro de mármol blanco digno de ver. Enfrente del teatro está el sepulcro de Pausanias, el caudillo de Platea, y el de Leónidas – cada año pronuncian discursos sobre ellos y estabelecen un certamen en el que no puede nadie, excepto los espartanos, participar –. Los huesos de Leónidas los recogió de las Termópilas cuarenta años después Pausanias. También hay una estela que contiene los nombres, y los de sus padres, de los que sostuvieron el combate contra los medos en las Termópilas." (p. 53).
III, 17, 3	Relevos com o nascimento de Atena, e relevo com Anfitrite e Posêidon, em Esparta ἐπείργασται δὲ τῶι χαλκῶι πολλὰ μὲν τῶν ἄθλων Ἡρακλέους, πολλὰ δὲ καὶ ὧν ἐθελοντὴς κατώρθωσε, Τυνδάρεω δὲ τῶν παίδων ἄλλα τε καὶ ἡ τῶν Λευκίππου θυγατέρων ἁρπαγή· καὶ Ἥφαιστος τὴν μητέρα ἐστὶν ἀπολύων τῶν δεσμῶν. ἐδήλωσα δὲ καὶ ταῦτα, ὁποῖα λέγεται, πρότερον ἔτι ἐν τῆι Ἀτθίδι συγγραφῆι. Περσεῖ δ' ἐς Λιβύην καὶ ἐπὶ Μέδουσαν ὡρμημένωι διδοῦσαι Νύμφαι δῶρά εἰσι κυνῆν καὶ τὰ ὑποδήματα, ὑφ' ὧν οἰσθήσεσθαι διὰ τοῦ ἀέρος ἔμελλεν. ἐπείργασται δὲ καὶ τὰ ἐς τὴν Ἀθηνᾶς γένεσιν καὶ Ἀμφιτρίτη καὶ Ποσειδῶν, ἃ δὴ μέγιστα καὶ μάλιστα ἦν ἐμοὶ δοκεῖν θέας ἄξια. Tradução: "Sobre el bronce están labrados muchos de los trabajos de Heracles y muchos de los êxitos que consiguió voluntariamente, y, además de otros hechos de los hijos de Tindáreo, el rapto de las hijas de Leucipo. También está Hefesto quitando las ataduras a su madre. He relatado también esta leyenda antes, en mi historia del Ática. Están también unas Ninfas regalando a Perseo cuando partia para Libia a por la Medusa, un casco y las sandálias con las que iba a ser llevado a través del aire. También está labrado el nacimiento de Atenea, Anfitrite y Posidón, lo cual, en mi opinión, es lo más importante y digno de ver." (p. 65).
III, 18, 7	Imagem sobre estela de um atleta vitorioso em Olímpia em Amiclas τὰ δὲ ἐν Ἀμύκλαις θέας ἄξια ἀνὴρ {γὰρ} πένταθλός ἐστιν ἐπὶ στήλης ὄνομα Αἴνητος· τούτωι νικήσαντι Ὀλυμπίασι καὶ ἔτι στεφανουμένωι γενέσθαι τοῦ βίου τὴν τελευτὴν λέγουσι. τούτου τε οὖν ἐστιν εἰκὼν καὶ τρίποδες χαλκοῖ· τοὺς δὲ ἀρχαιοτέρους δεκάτην τοῦ πρὸς Μεσσηνίους πολέμου φασὶν εἶναι. Tradução: "Lo que merece la pena ver en Amiclas es un vencedor en el pentatlon llamado Eneto sobre una estela. Dicen que a él, después de ganar una victoria en Olimpia, le llegó la muerte mientras estaba siendo coronado. De él hay una estatua y trípodes de bronce. Dicen que los más antiguos son el diezmo de la guerra contra los mesenios." (p. 69).
III, 19, 6	Santuário e imagem de Alexandra em Amiclas Ἀμύκλαι δὲ ἀνάστατος ὑπὸ Δωριέων γενομένη καὶ ἀπ' ἐκείνου κώμη διαμένουσα θέας παρείχετο ἄξιον ἱερὸν Ἀλεξάνδρας καὶ ἄγαλμα: τὴν δὲ Ἀλεξάνδραν οἱ Ἀμυκλαιεῖς Κασσάνδραν τὴν Πριάμου φασὶν εἶναι. καὶ Κλυταιμνήστρας ἐστὶν ἐνταῦθα εἰκὼν καὶ {ἄγαλμα} Ἀγαμέμνονος

	νομιζόμενον μνῆμα. θεῶν δὲ σέβουσιν οἱ ταύτηι τόν τε Ἀμυκλαῖον καὶ Διόνυσον, ὀρθότατα ἐμοὶ δοκεῖν Ψίλακα ἐπονομάζοντες· ψίλα γὰρ καλοῦσιν οἱ Δωριεῖς τὰ πτερά, ἀνθρώπους δὲ οἶνος ἐπαίρει τε καὶ ἀνακουφίζει γνώμην οὐδέν τι ἧσσον ἢ ὄρνιθας πτερά. καὶ Ἀμύκλαι μὲν παρείχοντο τοσαῦτα ἐς μνήμην. Tradução: "Amiclas, que fue destruida por los dórios y desde entonces pervivió como una aldea, tiene digno de ver un santuario de Alejandra y una imagen. Los amicleos dicen que Alejandra era Casandra, la hija de Príamo. Hay allí también una estatua de Clitemnestra y un sepulcro que se considera de Agamenón. Entre los dioses, los naturales del país veneram al Amicleo y a Dioniso, dándole el sobrenombre de Psílax, a mi entender con mucha razón, pues los dórios llaman 'psila' a las alas, y el vino exalta a los hombres y aligera el espíritu no menos que las alas a los pájaros. Esto es lo que tenía Amiclas digno de mencionar." (p. 74).
III, 21, 2	Santuário de Asclépio e fonte Pelanida em Pelana προϊόντι δὲ ὡς ἐπὶ τὴν Πελλάναν Χαράκωμά ἐστιν ὀνομαζόμενον καὶ {ἡ} μετὰ τοῦτο Πελλάνα πόλις τὸ ἀρχαῖον. Τυνδάρεων δὲ οἰκῆσαί φασιν ἐνταῦθα, ὅτε Ἱπποκόωντα καὶ τοὺς παῖδας ἔφευγεν ἐκ Σπάρτης. θέας δὲ ἄξια αὐτόθι ἰδὼν Ἀσκληπιοῦ τε οἶδα ἱερὸν καὶ <τὴν>4 πηγὴν Πελλανίδα. ἐς ταύτην λέγουσιν ὑδρευομένην ἐσπεσεῖν παρθένον, ἀφανισθείσης δὲ τὸ κάλυμμα ἀναφανῆναι τὸ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς ἐν ἑτέραι πηγῆι Λαγκίαι. Tradução: "Avanzando hacia Pelana está el llamado Caracoma y después de este está Pelana, que fue antiguamente una ciudad. Dicen que allí vivió Tindáreo, cuando huyó de Esparta ante Hipocoonte y sus hijos. Dignos de contemplar, vi allí um santuario de Asclepio y la fuente Pelánida. Dicen que en ella cayó una doncella cuando sacaba agua, y que desapareció, pero el velo de su cabeza apareció en otra fuente, Lancia." (p. 81).
III, 22, 4	Templo e imagem em mármore da Mãe dos Deuses em Ácrias Καὶ μετὰ ταῦτα τριάκοντα προελθόντι που σταδίους ἐπὶ θαλάσσης πόλις ἐστὶν Ἀκρίαι· θέας δὲ αὐτόθι ἄξια Μητρὸς θεῶν ναὸς καὶ ἄγαλμα λίθου. παλαιότατον δὲ τοῦτο εἶναί φασιν οἱ τὰς Ἀκρίας ἔχοντες, ὁπόσα τῆς θεοῦ ταύτης Πελοποννησίοις ἱερά ἐστιν, ἐπεὶ Μάγνησί γε, οἳ τὰ πρὸς Βορρᾶν νέμονται τοῦ Σιπύλου, τούτοις ἐπὶ Κοδδίνου πέτραι Μητρός ἐστι θεῶν ἀρχαιότατον ἁπάντων ἄγαλμα· ποιῆσαι δὲ οἱ Μάγνητες αὐτὸ Βροτέαν λέγουσι τὸν Ταντάλου. Tradução: "Después de éstas, avanzando unos treinta estadios junto al mar, está la ciudad de Acrias. Allí es digno de ver um templo de la Madre de los dioses y una imagen de piedra. Los que habitan Acrias dicen que éste es el más antiguo de todos los santuarios de esta diosa en el Peloponeso, aunque los magnetes que viven al norte del Sípilo tienen en la roca de Codino la imagen más antigua de todas de la Madre de los dioses. Los magnetes dicen que la hizo Bróteas, hijo de Tántalo." (p. 85).
III, 23, 10	Santuário de Afrodite, imagem de Asclépio, templo de Atena e Zeus Sóter em Epidauro Limera κατὰ δὲ τὴν ὁδὸν τὴν ἐκ Βοιῶν ἐς Ἐπίδαυρον τὴν Λιμηρὰν ἄγουσαν

	Ἀρτέμιδος ἱερόν ἐστιν ἐν τῆι Ἐπιδαυρίων Λιμνάτιδος. ἡ πόλις δὲ ἀπέχουσα οὐ πολὺ ἀπὸ θαλάσσης ἐπὶ μετεώρωι μὲν ὠικισται, θέας δὲ αὐτόθι ἄξια τὸ μὲν Ἀφροδίτης ἐστὶν ἱερόν, τὸ δὲ Ἀσκληπιοῦ καὶ ἄγαλμα ὀρθὸν λίθου, καὶ Ἀθηνᾶς ἐν τῆι ἀκροπόλει ναός, πρὸ δὲ τοῦ λιμένος Διὸς ἐπίκλησιν Σωτῆρος. Tradução: "En el camino que conduce de Beas a Epidauro Limera hay un santuario de Ártemis Limnátide en la región de Epidauro. La ciudad, que no dista mucho del mar, está construida en una altura. Dignos de ver allí son un santuario de Afrodita, una imagen de piedra de Asclepio en pie, un templo de Atenea en la acrópolis, y, delante del puerto, uno de Zeus, de sobrenome Soter." (p. 90).
III, 25, 10	Santuario de Serápis e xoano de Apolo Carneios em Étilo ἀπὸ τούτου στάδια τοῦ λιμένος πεντήκοντά ἐστι καὶ ἑκατὸν ἐπὶ Οἴτυλον· ὁ δὲ ἥρως ἀφ᾽ οὗ τῆι πόλει τὸ ὄνομα ἐγένετο, Ἀργεῖος τὸ ἀνέκαθεν, Ἀμφιάνακτος υἱὸς ὢν τοῦ Ἀντιμάχου. θέας δὲ ἄξια ἐν Οἰτύλωι Σαράπιδός ἐστιν ἱερὸν καὶ ἐν τῆι ἀγορᾶι Καρνείου ξόανον Ἀπόλλωνος. Tradução: "Desde este puerto hay ciento cincuenta estádios hasta Étilo; el héroe por el que la ciudad recibió el nombre era un argivo de nacimiento, hijo de Anfianacte, hijo de Antímaco. Digno de ver en Étilo es el santuario de Sérapis y, en el ágora, una xóana de Apolo Carneo." (p. 97).
III, 26, 11	Santuário e gruta de Cleia, santuário Dioniso e Ártemis (Gerenia e Alagonia) Τῆς δὲ χώρας τῆς Γερηνίας ὄρος Καλάθιόν ἐστιν: ἐν αὐτῶι Κλαίας <ἱερὸν> καὶ σπήλαιον παρ᾽ αὐτὸ τὸ ἱερόν, ἔσοδον μὲν στενήν, τὰ δὲ ἔνδον παρεχόμενον θέας ἄξια. Γερηνίας δὲ ὡς ἐς μεσόγαιαν ἄνω τριάκοντα ἀπέχει σταδίους Ἀλαγονία, καὶ τὸ πόλισμα κατηρίθμησα ἤδη καὶ τοῦτο ἐν Ἐλευθερολάκωσι· θέας δὲ αὐτόθι ἄξια Διονύσου καὶ Ἀρτέμιδός ἐστιν ἱερά. Tradução: "A la región de Gerenia pertenece el monte Calatio. En él hay un santuario de Cléa y una cueva junto al mismo santuario, que presenta una entrada estrecha, pero con cosas dentro dignas de ver. De Gerenia hacia el interior dista unos treinta estádios Alagonia, ciudad que ya he enumerado entre los eleuterolácones. Allí hay dignos de ver santuarios de Dioniso y de Ártemis." (p. 100).

LIVRO IV – MESSÊNIA (Δ᾽ ΜΕΣΣΗΝΙΑΚΑ)– 36 capítulos – 1 ocorrência

IV, 31, 10	Imagens no santuário de Asclépio πλεῖστα δέ σφισι καὶ θέας μάλιστα ἀγάλματα ἄξια τοῦ Ἀσκληπιοῦ παρέχεται τὸ ἱερόν· χωρὶς μὲν γὰρ τοῦ θεοῦ καὶ τῶν παίδων ἐστὶν ἀγάλματα, χωρὶς δὲ Ἀπόλλωνος καὶ Μουσῶν καὶ Ἡρακλέους· πόλις τε ἡ Θηβαίων καὶ Ἐπαμινώνδας ὁ Κλεόμμιδος Τύχη τε καὶ Ἄρτεμις Φωσφόρος, τὰ μὲν δὴ τοῦ λίθου Δαμοφῶντός ἐστιν ἔργα – Μεσσήνιον δὲ ὅτι μὴ τοῦτον ἄλλον γε οὐδένα λόγου ποιήσαντα ἀξίως οἶδα ἀγάλματα –, ἡ δὲ εἰκὼν τοῦ Ἐπαμινώνδου ἐκ σιδήρου τέ ἐστι καὶ ἔργον

	ἄλλου, οὐ τούτου. Tradução: “La mayoría de las imágenes y las más dignas de ver están en el santuario de Asclepio, pues, aparte del dios y de sus hijos, aparte de Apolo, de las Musas y de Heracles, hay otras imágenes: la ciudad de los tebanos, Epaminondas, hijo de Cleomis, Tique y Ártemis Fósforo. Las de mármol son obra de Damofonte – no conozco a ningún otro mesenio, excepto éste, cuyas imágenes sean dignas de mención –, pero la estatua-retrato de hierro de Epaminondas es obra de otro, no de éste.” (p. 187).

LIVRO V – ÉLIDE (Ε’ ΗΛΙΑΚΩΝ Α) – 27 capítulos – 1 ocorrência

V, 12, 6	Ágora de Roma (insere em digressão sobre obras de imperadores romanos) ὁπόσα δὲ ἐς ἔργων ἔχει οἱ κατασκευήν, ἀξιολογώτατά ἐστι λουτρὰ ἐπώνυμα αὐτοῦ καὶ θέατρον μέγα κυκλοτερὲς πανταχόθεν καὶ οἰκοδόμημα ἐς ἵππων δρόμους προῆκον καὶ ἐς δύο σταδίων μῆκος, καὶ ἡ Ῥωμαίων ἀγορὰ κόσμου τε ἕνεκα τοῦ λοιποῦ θέας ἀξία καὶ μάλιστα ἐς τὸν ὄροφον χαλκοῦ πεποιημένον. Tradução: “De sus construcciones lo más digno de mención son unos baños que llevan su nombre, un gran teatro circular, un edificio para las carreras de caballos que alcanza una longitud de dos estadios, y el foro de Roma, que es digno de ver por su decoración, sobre todo por el techo hecho de bronce.” (p. 240).

LIVRO VI – ÉLIDE (ζ’ ΗΛΙΑΚΩΝ Β) – 26 capítulos – 1 ocorrência

VI, 6, 6	Estátua – obra de Pitágoras (se insere na enumeração de estátuas de atletas) ἕκτηι δὲ ὀλυμπιάδι ἐπὶ ταῖς ἑβδομήκοντα τὸ μὲν τῶι θεῶι τοῦ ἀργυρίου γινόμενον ἐξέτισεν ὁ Θεαγένης, καὶ ἀμειβόμενος αὐτὸν οὐκ ἐσῆλθεν ἐπὶ τὴν πυγμήν· καὶ ἐπ' ἐκείνης τε αὐτῆς καὶ ἐπὶ τῆς μετ' ἐκείνην ὀλυμπιάδος τὸν ἐπὶ πυγμῆι στέφανον ἀνείλετο ὁ Εὔθυμος.ὁ δέ οἱ ἀνδριὰς τέχνη τέ ἐστι Πυθαγόρου καὶ θέας ἐς τὰ μάλιστα ἄξιος. Tradução: “En la 76ª olimpiada [476 a. C.], Teágenes pagó el dinero que debía al dios, y como compensación no participo en el pugilato. Así, en aquella misma olimpiada y en la siguiente se llevó la corona por el pugilato Eutimo. Su estatua es obra de Pitágoras y es muy digna de ver.” (p. 314).

LIVRO VII – ACAIA (Ζ’ ΑΧΑΙΚΑ)– 27 capítulos – 3 ocorrências

VII, 20, 6	Imagem de Apolo no Odeon em Patras Ἔχεται δὲ τῆς ἀγορᾶς τὸ Ὠιδεῖον, καὶ Ἀπόλλων ἐνταῦθα ἀνάκειται θέας ἄξιος·

	Tradução: "Junto al ágora está el Odeón y allí está dedicado Apolo, digno de ver." (p. 68).
VII, 22, 6	Sepulcro de mármore branco com pinturas de Nícias em Triteia (cidade dos aqueus)
	πρὶν δὲ ἢ ἐς τὴν πόλιν ἐσελθεῖν, μνῆμά ἐστι λευκοῦ λίθου, θέας καὶ ἐς τὰ ἄλλα ἄξιον καὶ οὐχ ἥκιστα ἐπὶ ταῖς γραφαῖς αἵ εἰσιν ἐπὶ τοῦ τάφου, τέχνη Νικίου·
	Tradução: "Antes de entrar en la ciudad hay un sepulcro de mármol blanco, digno de ver sobre todo por las pinturas que hay sobre la tumba, que son obra de Nicias." (p. 74-5).
VII, 24, 5	Recinto e altar de Heliconio em Teos (se insere em digressão sobre culto a Posêidon Helicônio)
	καὶ Μιλησίοις τε ἰόντι ἐπὶ τὴν πηγὴν τὴν Βιβλιάδα Ποσειδῶνος πρὸ τῆς πόλεώς ἐστιν Ἑλικωνίου βωμὸς καὶ ὡσαύτως ἐν Τέωι περίβολός τε καὶ βωμός ἐστι τῶι Ἑλικωνίωι θέας ἄξιος.
	Tradução: "Los milesios, yendo hacia la fuente Biblíada, tienen un altar de Posidón Heliconio delante de la ciudad, y de la misma manera en Teos hay un recinto y un altar al Heliconio digno de ver." (p. 81).

LIVRO VIII – ARCÁDIA (Η' ΑΡΚΑΔΙΚΑ) – 54 capítulos – 6 ocorrências

VIII, 9, 8	Local com imagens de Antínoo no ginásio em Mantineia (pelas pedras e pinturas)
	οἶκος δέ ἐστιν ἐν τῶι γυμνασίωι Μαντινεῦσιν ἀγάλματα ἔχων Ἀντίνου καὶ ἐς τἆλλα θέας ἄξιος λίθων ἕνεκα οἷς κεκόσμηται καὶ ἀπιδόντι ἐς τὰς γραφάς· αἱ δὲ Ἀντίνου εἰσὶν αἱ πολλαί, Διονύσωι μάλιστα εἰκασμέναι. καὶ δὴ καὶ τῆς ἐν Κεραμεικῶι γραφῆς, ἣ τὸ ἔργον εἶχε τὸ Ἀθηναίων ἐν Μαντινείαι, καὶ ταύτης αὐτόθι ἐστὶ μίμημα.
	Tradução: "Los de Mantinea tienen un local en el gimnasio con imágenes de Antínoo, digno de admiración por las piedras con las que está adornado y por sus pinturas. La mayoría son de Antínoo, representado como Dioniso. Precisamente de la pintura del Cerámico que representa la batalla de los atenienses en Mantinea hay aquí una copia." (p. 124).
VIII, 10, 1	Introdução da narrativa (caminhos de Mantineia)
	Ἐς Ἀρκαδίαν δὲ τὴν ἄλλην εἰσὶν ἐκ Μαντινείας ὁδοί· ὁπόσα δὲ ἐφ' ἑκάστης αὐτῶν μάλιστα ἦν θέας ἄξια, ἐπέξειμι καὶ ταῦτα.
	Tradução: "Hacia el resto de Arcadia hay caminos desde Mantinea. Voy a describir todo lo que es más digno de ver en cada uno de ellos." (p. 125).
VIII, 13, 2	Fonte em Orcômeno
	θέας δὲ αὐτόθι ἄξια πηγή τε, ἀφ' ἧς ὑδρεύονται, καὶ Ποσειδῶνός ἐστι καὶ Ἀφροδίτης ἱερά, λίθου δὲ τὰ ἀγάλματα.
	Tradução: "Allí hay una fuente digna de ver, de la que se aprovisionan de

	agua, y hay santuarios de Posidón y Afrodita. Las imágenes son de piedra." (p. 134).
VIII, 26, 7	Imagem em bronze de Atena em Alifera (obra de Hipatodoro) – pelo tamanho e arte τῆς δὲ Ἀθηνᾶς τὸ ἄγαλμα πεποίηται χαλκοῦ, Ὑπατοδώρου τε ἔργον, θέας ἄξιον μεγέθους τε ἕνεκα καὶ ἐς τὴν τέχνην. Tradução: "La imagen de Atenea está hecha de bronce, obra de Hipatodoro, digna de ver por su tamaño y por su arte." (p. 166).
VIII, 30, 3	Imagem em bronze de Apolo em Megalópolis ἔστι δὲ πρὸ τοῦ τεμένους τούτου χαλκοῦν ἄγαλμα Ἀπόλλωνος θέας ἄξιον, μέγεθος μὲν ἐς πόδας δώδεκα, ἐκομίσθη δὲ ἐκ τῆς Φιγαλέων συντέλεια ἐς κόσμον τῇι Μεγάληι πόλει. Tradução: "Delante de este recinto sagrado hay una imagen de bronce de Apolo digna de ver, de una altura de doce pies, y fue llevada de Figalía como contribución para la ornamentación de Megalópolis." (p. 178).
VIII, 45, 4	Templo de Atena Aleia – destruído pelo fogo, em Tegea Τεγεάταις δὲ Ἀθηνᾶς τῆς Ἀλέας τὸ ἱερὸν τὸ ἀρχαῖον ἐποίησεν Ἄλεος· χρόνωι δὲ ὕστερον κατεσκευάσαντο οἱ Τεγεᾶται τῆι θεῶι ναὸν μέγαν τε καὶ θέας ἄξιον. ἐκεῖνο μὲν δὴ πῦρ ἠφάνισεν ἐπινεμηθὲν ἐξαίφνης, Διοφάντου παρ' Ἀθηναίοις ἄρχοντος, δευτέρωι δὲ ἔτει τῆς ἕκτης καὶ ἐνενηκοστῆς ὀλυμπιάδος, ἣν Εὐπόλεμος Ἠλεῖος ἐνίκα στάδιον. Tradução: "El antiguo santuario de Atenea Aleia lo hizo Aleo para los tegeatas. Algún tiempo después, los tegeatas construyeron para la diosa um gran templo digno de ver, que fue destruido por el fuego, que lo devoro repentinamente, en el arcontado de Diofante en Atenas, en el segundo año de la 96ª olimpiada [395 a. C.], en la que venció el eleo Eupólemo en el estadio." (p. 215).

LIVRO IX – BEÓCIA (Θ' ΒΟΙΩΤΙΚΑ)– 41 capítulos – 8 ocorrências

IX, 2, 7	Templo de Hera em Plateia – pelo tamanho e beleza das imagens Πλαταιεῦσι δὲ ναός ἐστιν Ἥρας, θέας ἄξιος μεγέθει τε καὶ ἐς τῶν ἀγαλμάτων τὸν κόσμον. Tradução: "En Platea hay un templo de Hera digno de ver por su tamaño y la belleza de sus imágenes." (p. 247).
IX, 20, 4	Imagem de Dioniso em mármore pário (obra de Calamis) em Tanagra Ἐν δὲ τοῦ Διονύσου τῶν ναῶι θέας μὲν καὶ τὸ ἄγαλμα ἄξιον λίθου τε ὂν Παρίου καὶ ἔργον Καλάμιδος, θαῦμα δὲ παρέχεται μεῖζον ἔτι ὁ Τρίτων. Tradução: "En el templo de Dioniso es digna de ver la imagen, que es de mármol pario y obra de Cálamis, y la del Tritón es todavía más admirable." (p. 287).

IX, 23, 5	Templo e imagem de Dioniso em Acrefnio κεῖται μὲν τὸ πόλισμα ἐν ὄρει τῶι Πτώωι, θέας δὲ ἄξια ἐνταῦθα Διονύσου ναός ἐστι καὶ ἄγαλμα. Tradução: "La ciudad está en el monte Ptoo, y allí son dignos de ver un templo de Dioniso y una imagen." (p. 294).
IX, 24, 3	Templo de Héracles em Hieto θέας δὲ ἄξιον ἐν μὲν Ὄλμωσιν οὐδ' ἐπὶ βραχύτατον παρεῖχον οὐδέν, ἐν Ὑήττωι δὲ ναός ἐστιν Ἡρακλέους καὶ ἰάματα εὕρασθαι παρὰ τού <του> τοῖς κάμνουσιν ἔστιν, ὄντος οὐχὶ ἀγάλματος σὺν τέχνηι, λίθου δὲ ἀργοῦ κατὰ τὸ ἀρχαῖον. Tradução: "En Olmones no había nada en absoluto digno de ver, pero en Hieto hay un templo de Heracles en el que los enfermos pueden encontrar curación, y no hay una imagen artística, sino una piedra sin labrar, al modo antiguo." (p. 296).
IX, 27, 5	Santuário de Afrodite, teatro e ágora em Téspias ἔστι δὲ καὶ ἑτέρωθι Ἀφροδίτης Μελαινίδος ἱερὸν καὶ θέατρόν τε καὶ ἀγορὰ θέας ἄξια· Tradução: "En otro lugar hay um santuario de Afrodita Melénide, un teatro y un ágora digna de ver."
IX, 30, 1	Imagem Dioniso (obra de Míron) no Helicon καὶ Ἀπόλλων χαλκοῦς ἐστιν ἐν Ἑλικῶνι καὶ Ἑρμῆς μαχόμενοι περὶ τῆς λύρας, καὶ Διόνυσος ὁ μὲν Λυσίππου, τὸ δὲ ἄγαλμα ἀνέθηκε Σύλλας τοῦ Διονύσου τὸ ὀρθόν, ἔργον τῶν Μύρωνος θέας μάλιστα ἄξιον μετά γε τὸν Ἀθήνησιν Ἐρεχθέα· Tradução: "Hay también un Apolo de bronce en el Helicón luchando con Hermes por la lira, y um Dioniso de Lisipo. Pero la imagen en pie de Dioniso que ofrendó Sila es la obra más digna de ver de Mirón después del Erecteo de Atenas." (p. 309).
IX, 31, 2	Imagem de Príapo (deus asiático da fecundidade) no Hélicon Ἐνταῦθα καὶ Τηλέφωι τῶι Ἡρακλέους γάλα ἐστὶν ἔλαφος παιδὶ μικρῶι διδοῦσα καὶ βοῦς τε παρ' αὐτὸν καὶ ἄγαλμα Πριάπου θέας ἄξιον. Tradução: "Hay también allí una cierva dándole leche a Télefo, hijo de Heracles, un niño pequeño, y junto a él un buey y una imagen de Príapo digna de ver." (p. 313).
IX, 38, 2	Fonte em Orcômeno ἔστι δέ σφισι καὶ κρήνη θέας ἀξία· Tradução: "Tienen también una fuente digna de ver, donde bajan a por agua." (p. 330).

LIVRO X – FÓCIDA (Ι’ ΦΩΚΙΚΑ)– 38 capítulos – 3 ocorrências

X, 32, 1	Teatro Τοῦ περιβόλου δὲ τοῦ ἱεροῦ θέατρον ἔχεται θέας ἄξιον· Tradução: “Contiguo al recinto sagrado hay un teatro digno de ver.” (p. 442).
X, 32, 2	Gruta Ἰόντι δὲ ἐκ Δελφῶν ἐπὶ τὰ ἄκρα τοῦ Παρνασσοῦ, σταδίοις μὲν ὅσον ἑξήκοντα ἀπωτέρω Δελφῶν ἐστιν ἄγαλμα χαλκοῦν, καὶ ῥάιων εὐζώνωι ἀνδρὶ <ἢ> ἡμιόνοις τε καὶ ἵπποις ἐπὶ τὸ ἄντρον ἐστὶν ἄνοδος τὸ Κωρύκιον. τούτωι δὲ τῶι ἄντρωι γενέσθαι τὸ ὄνομα ἀπὸ νύμφης Κωρυκίας ἐδήλωσα ὀλίγωι τι ἔμπροσθεν·σπηλαίων δὲ ὧν εἶδον θέας ἄξιον μάλιστα ἐφαίνετο εἶναί μοι. Tradução: “Yendo desde Delfos a las cimas del Parnaso, unos sesenta estadios más allá de Delfos hay una imagen de bronce, y para un hombre expedito hay una subida más fácil que para carros o caballos a la cueva Coricio. Que esta cueva tomó su nombre de la ninfa Coricia lo he mostrado un poco antes. De las que he visto me pareció que era la más digna de ver.” (p. 442).
X, 34, 6	Ágora em Elateia e relevo sobre estela de Élato Ἡ δὲ ἀγορὰ αὐτή τέ ἐστι θέας ἀξία καὶ ὁ Ἔλατος ἐπειργασμένος στήληι· Tradução: “El ágora misma es digna de ver, y también Élato, que está en relieve sobre una estela.” (p. 453).